

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fábio de Souza Leão

A Formação Litúrgica no Brasil a partir da *Sacrosanctum Concilium*

MESTRADO EM TEOLOGIA

SÃO PAULO

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Fábio de Souza Leão

A Formação Litúrgica no Brasil a partir da *Sacrosanctum Concilium*

MESTRADO EM TEOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Teologia, com concentração de estudos na área de Liturgia, sob a orientação do Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa.

SÃO PAULO

2010

Banca Examinadora

SUMÁRIO

SIGLAS E ABREVIATURAS.....	6
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA REFORMA LITÚRGICA OPERADA PELO CONCÍLIO VATICANO II.....	12
1 – O movimento litúrgico na primeira metade do século XX e algumas de suas propostas relativas à formação litúrgica.....	14
1.1 – O trabalho de Dom Próspero Guéranger.....	17
1.2 – O século XX e a reforma litúrgica.....	21
1.2.1 – São Pio X e a participação dos fiéis na liturgia.....	22
1.2.2 – Dom Lambert Beauduin e a formação litúrgica.....	26
1.2.3 – Romano Guardini e a liturgia como centro da vida da Igreja.....	32
1.2.4 – Odo Casel e a presença mistérica de Cristo na liturgia.....	35
1.3 – O movimento litúrgico no Brasil.....	39
1.3.1 – Dom Martinho Michler e o início do movimento litúrgico no Brasil.....	39
1.3.2 – Dom Henrique Golland Trindade e a fragilidade da vida cristã.....	42
1.3.3 – Dom Sebastião Leme e a intrigante realidade da Arquidiocese de Olinda.....	44
1.3.4 – Dom Mário Miranda Vilas-Boas e sua 1ª carta pastoral.....	46
1.3.5 – Dom Beda Keckeisen e a participação dos fiéis na liturgia da Igreja.....	47
1.3.6 – Dom Polycarpo Amstalden e a formação ao alcance de todos.....	49
1.3.7 – Dom Hildebrando Martins e o serviço da imprensa à liturgia.....	49
1.3.8 – Frei Henrique Golland Trindade e a formação litúrgica.....	51
1.3.9 – Dom Tomás Keller: na missa dialogada a excelência da participação dos fiéis.....	52
1.4 – À guisa de conclusão.....	54

CAPÍTULO II – SACROSANCTUM CONCILIUM: A REFORMA GERAL DA LITURGIA E

A CONSEQUENTE URGÊNCIA DE FORMAÇÃO LITÚRGICA..... 59

1 – A Constituição Sacrosanctum Concilium e suas diretrizes sobre a formação litúrgica..... 63

1.1 – O que é formação litúrgica?..... 63

1.1.1 – A formação litúrgica como necessidade..... 68

1.1.2 – A formação litúrgica e o desafio da práxis celebrativa..... 69

1.1.3 – As características fundamentais da formação litúrgica..... 71

1.1.4 – Os objetivos da formação litúrgica na vida eclesial..... 75

1.1.5 – Educar para a celebração do mistério de Cristo..... 77

1.1.6 – Formação “para” e “através” da liturgia..... 79

1.1.7 – A comunidade cristã como espaço formativo..... 81

1.1.8 – A formação litúrgica na pastoral da Igreja..... 83

1.1.9 – O valor didático das celebrações da Igreja 85

1.1.10 – Uma formação permanente..... 86

1.1.11 – Catequese e liturgia, realidades intrinsecamente inseparáveis..... 88

1.2 – A formação litúrgica na Constituição Sacrosanctum Concilium: desafios e perspectivas

..... 91

1.2.1 – A formação litúrgica do clero segundo a Constituição Sacrosanctum Concilium..... 92

a) O clero e sua instrução na Constituição Sacrosanctum Concilium..... 93

b) Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários..... 96

c) O CELAM e a formação litúrgica nos seminários..... 100

1) Objetivos da formação litúrgica no seminário..... 103

2) A formação dos seminaristas e algumas de suas características..... 104

1.2.2 – A formação litúrgica dos leigos, breves acenos..... 104

1.2.3 – A formação dos professores de liturgia..... 107

a) A formação dos mestres da liturgia: contexto geral..... 107

b) A formação de professores no Brasil..... 108

1.3 – Alguns pontos da liturgia originada no Concílio Vaticano II.....	110
1.3.1 – Participação consciente, ativa, frutuosa, plena e piedosa.....	110
1.3.2 – O Mistério Pascal, centro da vida litúrgica da Igreja.....	114
1.3.3 – A liturgia, fonte e ápice da vida eclesial.....	118
CAPÍTULO III – A NECESSIDADE DE UMA FORMAÇÃO LITÚRGICA GRADUAL E	
PROGRESSIVA.....	121
1 – A Conferência de Medellín e a liturgia.....	121
1.1 – O Brasil e a Constituição Litúrgica.....	125
1.1.1 – Pinceladas sobre a cultura brasileira e a liturgia.....	130
1.1.2 – Acenos sobre a formação litúrgica no Brasil desde a Constituição Sacrosanctum Concilium.....	132
1.1.2.1 – A acolhida da reforma litúrgica no Brasil.....	132
1.1.2.2 – O Brasil e a formação litúrgica pós-conciliar.....	133
a) A necessidade de uma formação litúrgica gradual e progressiva no Brasil.....	134
b) A formação litúrgica a ser alcançada.....	141
c) As iniciativas para uma boa formação litúrgica.....	142
1) O Instituto Superior de Pastoral Litúrgica.....	142
2) A Associação dos liturgistas do Brasil e a formação litúrgica.....	143
3) Um centro de estudo para formar liturgistas.....	144
4) A CNBB e a formação litúrgica no Brasil.....	146
5) A formação litúrgica do clero no Brasil.....	147
1.1.2.3 – A piedade popular no Brasil e o clero.....	150
1.2 – À guisa de conclusão.....	154
CONCLUSÃO GERAL.....	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	160

SIGLAS E ABREVIATURAS

AG	Ad Gentes
ASLI	Associação dos Liturgistas do Brasil
AVBL	Animação da Vida Litúrgica no Brasil
BAC	Biblioteca de Autores Cristãos
CEBs	Comunidades Eclesiais de Bases
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CFL	Chritifideles Laici
ChrD	Christus Dominus
CPL	Centre de Pastoral Litúrgica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNC	Comissão Nacional do Clero
CNP	Comissão Nacional de Presbíteros
COMMUNIO	Revista Internacional de Teologia e Cultura
CT	Catechesi Tradendae
CR	Catequese Renovada
DA	Documento de Aparecida
DD	Dies Domini
DPPL	Diretório sobre a piedade popular e liturgia: princípios e orientações
DV	Dei Verbum
EDREL	Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica
EF	In Ecclesiasticam Futurorum
EN	Evangelii Nuntiandi
FPIB	Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil
GE	Gravissimum Educationis
GS	Gaudium et Spes
IFLS	Instrução sobre a Formação Litúrgica nos Seminários
IGLH	Instrução Geral sobre Liturgia das Horas
IO	Inter Oecumenici
ISCR	Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos para executar retamente a
	Constituição Conciliar da Sagrada Liturgia
ISPAL	Instituto Superior de Pastoral Litúrgica
LG	Lumen Gentium
MCL	Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas
Mdl	Conclusões de Medellín
MD	Mediator Dei
OSLAM	Organización de Seminários Latinoamericanos
OT	Optatam Totius
PB	Documento de Puebla
PC	Perfectae Caritatis
PDV	Pastores Dabo Vobis
PO	Presbyterorum Ordinis
PR	Pontifical Romano
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
RICA	Ritual de Iniciação Cristã
SA	E Supremi Apostolatus
SD	Documento Santo Domingo
SC	Sacrosanctum Concilium
SCr	Sacramentum Caritatis

TV
VQA

Televisão
Vicesimus Quintus Annus

RESUMO

Esta dissertação, de autoria de Fábio de Souza Leão, traz como título: *A formação litúrgica no Brasil a partir da Sacrosanctum Concilium*. O principal objetivo da pesquisa é analisar, ainda que de modo geral, o porquê das comunidades católicas do Brasil não encontrarem, satisfatoriamente na liturgia, a fonte de sua espiritualidade, mesmo após a renovação conciliar com a promulgação da Constituição sobre Liturgia, em 1963.

Esta investigação científica tem como justificativa a deficiente formação litúrgica do clero brasileiro, precisamente, após o Concílio Vaticano II. As mudanças na liturgia não conseguiram produzir os frutos esperados, isto é, uma renovação do espírito da liturgia na mente e no coração dos padres. Por vezes, entenderam a Constituição Litúrgica mais como reforma do que renovação, aspecto muito mais abrangente do que reforma, porque exige um novo estilo de vida litúrgica capaz de promover a participação ativa, plena, consciente, frutuosa e piedosa, exigências da própria natureza da liturgia.

A hipótese primária desta pesquisa indica a deficiente formação litúrgica do clero como o vértice do problema da participação ativa das comunidades. A sua não assimilação da liturgia renovada atinge as comunidades; e isto tem implicações diretas na pastoral da Igreja.

A pesquisa teórica, método seguido nesse trabalho, chega a resultados importantes para a Igreja do Brasil: os padres ainda não se encontram imbuídos do espírito e da força da liturgia e sua formação teológico-litúrgica é fraca; não captaram o espírito da renovação litúrgica e muitos ainda permanecem na periferia do culto do mistério cristão, presos a regras litúrgicas, devocionismos e a celebrações show; falta iniciação à vida litúrgica e uma melhor organização para uma formação litúrgica eficaz a nível paroquial.

Palavras-chave: Liturgia, movimento litúrgico, formação litúrgica, clero, renovação e reforma litúrgica.

ABSTRACT

This thesis written by Fabio de Souza Leão has as title: The liturgical formation in Brazil from *Sacrosanctum Concilium*. The main objective of this research is to analyze, although in general, why the catholic communities in Brazil did not find a satisfactory way in the liturgy, the source of their spirituality, even after the renewal of council with the promulgation of the constitution on the liturgy in 1963.

This scientific research is justified by the deficiency of liturgical formation of the brazilian clergy even after the Second Vatican Council. The changes in the liturgy could not produce the expected results, in other words, a spiritual renovation of the liturgy in the minds and hearts of the priests. Many times they understood the liturgical constitution more like reform than renovation, a much more comprehensive aspect than reformer, because it requires a new style of liturgical life able to promote the active, full, conscious, fruitful and pious participation, which are requirements of own essence of liturgy.

The primary hypothesis of this research indicates that the liturgical formation of clergy as vertex of problem in active participation in communities is deficient. His non-assimilation of the renewed liturgy affects communities, and this has direct involvement in the pastoral of the church. The theoretical research, a method followed in this work, comes to important results for the Church in Brazil: the priests are not yet imbued with the spirit and strength of the liturgy and its theological-liturgical training is weak, they had not caught the spirit of the liturgical renovation and many of them still remain on the periphery of the cult of the Christian mystery. They are bounded on liturgical rules, devotionals and celebration-show; it misses initiation in the liturgical life and a better organization for an effective liturgical formation at the parish level.

Keywords: Liturgy, liturgical movement, liturgical formation, clergy, liturgical renewal and reform.

INTRODUÇÃO

A vida litúrgica no Brasil atravessou diversas fases ao longo de sua história. Até o início do século XX, quase não havia procura por mudanças mais profundas nas celebrações da Igreja. O fato litúrgico não causava, ainda, maiores preocupações. A vida litúrgica, no seu devocionismo, transcorria tranquilamente. Mas a herança que os séculos passados deixaram, começou a apresentar seus efeitos tanto na Europa quanto no Brasil e em outros países do mundo. A Primeira Guerra Mundial dividiu o mundo, abalou as seguranças religiosas do homem moderno, questionou suas certezas, desafiou seus limites, consagrou a ciência e a técnica. Quando tudo parecia estabelecido como num teocentrismo medieval, sobreveio uma avalanche de mudanças sócio-políticas, culturais, econômicas e antropológicas. O homem, forçado a repensar sua situação no mundo, teve de tocar na complexidade de suas questões religiosas.

Na liturgia da Igreja, tais mudanças representaram muito. O final do século XIX e o início do século XX, deixaram um legado muito positivo para a vida da Igreja. No primeiro capítulo: *Antecedentes históricos da reforma litúrgica operada pelo Concílio Vaticano II* trata da necessidade das mudanças na liturgia da Igreja, a reação de vários teólogos e liturgistas frente aos novos tempos com seus paradigmas. Desde Dom Guéranger, São Pio X, Dom Beauduin, Odo Casel, Guardini grandes nomes na Europa puseram em marcha um importante movimento litúrgico que preparou o advento do Concílio Vaticano II, fruto maduro da fé e das ideias destes grandes pesquisadores. Mas o movimento não se restringiu à Europa, pois o Brasil, quase na mesma época, deu um salto qualitativo na redescoberta da verdadeira liturgia da Igreja. Homens como Dom Martinho Michler, Dom Henrique Trindade, Dom Beda e outros não brilharam menos que os europeus para devolver a liturgia viva ao clero e ao povo, de modo a resgatar aquela participação ativa, consciente e frutuosa. A redescoberta dos valores vitais da liturgia constituía a grande meta para a época.

O segundo capítulo com o título *Sacrosanctum Concilium: a reforma geral da liturgia e a consequente urgência de formação litúrgica* apresenta a Constituição sobre liturgia como o fruto maduro do movimento litúrgico. A pesquisa centra sua atenção entre os números 14-19 da Constituição que examina as diretrizes para a formação litúrgica do clero, preocupação desta dissertação. No seu desenvolvimento, o leitor encontrará os aspectos relevantes da formação litúrgica do clero, bem como os desafios da prática celebrativa em sua vida e na vida da comunidade eclesial. A Constituição sobre liturgia oferece os elementos básicos para a educação litúrgica dos professores nos seminários e casas religiosas, destacando a importância de o clero estar imbuído do espírito litúrgico.

No panorama da reflexão, emerge o método de ensino-aprendizagem da liturgia dentro do espírito da renovação conciliar, bem como a relação entre catequese e liturgia na comunidade. No processo de formação do futuro clero, o texto oferece a oportunidade de examinar alguns documentos da Igreja para descobrir suas posturas e exigências na formação litúrgica dentro dos seminários na preparação para o futuro exercício do ministério ordenado. Por fim, tem-se oportunidade de descobrir o lugar do mistério pascal na liturgia, o sentido da participação ativa e a liturgia como fonte e ápice da vida cristã.

No terceiro capítulo intitulado *A necessidade de uma formação litúrgica continuada e progressiva* resgata os aspectos gerais que Medellín destacou na formação litúrgica do clero, sem esquecer os aspectos da aculturação e inculturação, próprios de Santo Domingo. Não só a América Latina, mas também o Brasil acolheu a reforma conciliar em sua realidade e cultura. No processo de recepção das novidades conciliares, muitas iniciativas louváveis existiram e continuam a existir para poderem ajudar o clero e as comunidades a captarem o espírito da *Sacrosanctum Concilium* em vista de uma participação melhor nas ações litúrgicas.

Portanto, a investigação da formação litúrgica no Brasil, a partir da *Sacrosanctum Concilium*, é uma tentativa de encontrar as razões da fragilidade da formação litúrgica do clero no Brasil e as possíveis alternativas para a solução dessa problemática.

CAPÍTULO I – ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA REFORMA LITÚRGICA

OPERADA PELO CONCÍLIO VATICANO II

As mudanças ocorridas na liturgia, a partir do Concílio Vaticano II, tiveram suas preliminares em fins do século XIX e início do século XX. Evento de considerável importância, o movimento litúrgico conseguiu atingir grande parte do mundo católico, senão todo, com seus ideais de reforma. As tendências inovadoras logo se evidenciaram através de congressos internacionais, interesse pela tradução de textos latinos, retiros espirituais, renovação da vida paroquial e até mesmo nos documentos do magistério da Igreja, especialmente aqueles escritos pelo romano pontífice. Não resta dúvida que a reforma litúrgica seria uma grande conquista na Igreja católica¹.

A virada do século XIX deu a Próspero Gueranger, monge francês da abadia de Solesmes, a oportunidade de produzir a primeira centelha da reforma. O calor dessa chama não tardou a atingir a Bélgica que, sob influxo de Beauduin, em 1909, deu início ao movimento litúrgico clássico.

No Congresso Internacional de Obras Católicas de Malines, através de uma conferência, Beauduin conseguiu iluminar o espírito de muitos teólogos e liturgistas sedentos por recuperarem o verdadeiro espírito da liturgia. Desde então muitos nomes surgiram com o intento de abraçar a causa do movimento para ajudá-lo atingir sua maturidade; obra realizada através de discussões sobre o mistério do culto cristão, a reforma dos livros litúrgicos², o uso do vernáculo, a missa concelebrada, a vida e a pastoral litúrgicas na paróquia, a redescoberta e valorização do sacerdócio comum dos fiéis e seu direito e dever de participar ativamente na celebração do Mistério Pascal de Cristo³.

¹ Cf. MANCINI, F. La riforma della liturgia é una grande conquista della chiesa. *Rivista Liturgica*, Anno. 62, n.1, p.140-142, [gennaio/febbraio] 1975.

² Cf. BERGEN, P. Van. Le mouvement liturgique. *Paroisse et liturgie*, Bruges, n.1, p.93 [janvier] 1965.

³ Cf. Ibidem. p.97-98.

O interesse pela discussão do tema litúrgico foi acelerado pelas mudanças culturais que envolviam o aparecimento do movimento bíblico e catequético, a reafirmação do antropocentrismo, o aparecimento da televisão, a expansão do cinema e as duas grandes guerras mundiais, cujo efeito provocou na humanidade uma profunda revisão de paradigmas.

Mudanças tão profundas na visão de mundo atingiram a Igreja de modo a levá-la a reformular seus próprios conceitos e descobrir um novo rumo para a evangelização; fato evidente no interesse do papa João XXIII ao convocar, não um Concílio doutrinarário, mas pastoral⁴, no qual os peritos, nas diferentes áreas da teologia, teriam a responsabilidade de dar à Igreja condições de responder às novas demandas sócio-culturais e teológicas do mundo moderno.

Embalada pelo desejo de renovação, durante as primeiras décadas do século XX, a Igreja, em diferentes lugares, realizou muitos congressos de liturgia com a finalidade de formar os fiéis e fazê-los descobrir as riquezas das celebrações da Igreja para poder devolver-lhes o verdadeiro espírito da liturgia. Uma intensa jornada de estudos, debates teológicos e produção científica para a formação litúrgica de clérigos e fiéis pôs-se em ação, em muitos países; entre eles, o Brasil.

Portanto, a história do movimento litúrgico, especificamente na Europa e no Brasil, revela a força de um impulso com energia o suficiente para provocar uma profunda revisão do método teológico e da antropologia, com a finalidade de compreender melhor o objeto da pesquisa litúrgica⁵. Nesse sentido, a história do movimento litúrgico ensina que, na Igreja, nem tudo é iniciativa da hierarquia, pois existem ações que acontecem discretamente e por outros caminhos, pois o Espírito sopra onde e como quer.

⁴ Cf. Ibidem. p.94.

⁵ Cf. GRILLO, Andrea. De la reforma necesaria a la reforma no suficiente: el movimiento litúrgico como “efecto” del Concilio Vaticano II? *Phase*, Barcelona, v.47, n.282, p.497 [noviembre-diciembre] 2007.

1 – O movimento litúrgico na primeira metade do século XX e algumas de suas propostas relativas à formação litúrgica

A reforma litúrgica empreendida pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) é fruto de uma revisão e atualização de vários elementos de natureza histórica, cultural, teológica, eclesiológica, pastoral e antropológica. Contudo, o Concílio não aconteceu repentinamente. Entre os consideráveis episódios que o precederam está o movimento litúrgico. Iniciado, de forma incipiente, em fins do século XIX⁶, este importante acontecimento constituiu-se num significativo processo que paulatinamente preparou ambiente para a concretização das revolucionárias iniciativas de João XXIII, entre as quais a convocação do Concílio.

O movimento litúrgico⁷ tem sua razão de ser na discussão de ideias mestras, nos eixos de sustentação da vida litúrgica dos fiéis. O interesse não se limitava a uma simples reforma de rubricas ou na tradução de textos latinos para o vernáculo; os liturgistas, em suas cogitações, empreendiam uma busca mais profunda: redescobrir a teologia da liturgia e aplicá-la à pastoral. Existe uma preocupação em considerar a liturgia de um modo global, isto é, a partir daqueles elementos sem os quais uma renovação não teria êxito: a eclesiologia, a antropologia, a teologia dos ministérios e a Escritura para poderem construir bases sólidas que justificassem os novos interesses referentes à vida litúrgica.

Essas ideias fervilhavam em meio a uma realidade paradoxal da qual Bernard Botte, liturgista francês, fora testemunha ocular:

Havia missas cantadas, mas era apenas um diálogo entre o clero e o clérigo-organista. O povo mantinha-se mudo e passivo. Cada um podia rezar à vontade o terço ou ler *As mais belas orações de Santo Afonso Maria de*

⁶ Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros y promotores del movimiento litúrgico*. Madrid: BAC, 2008. p.3. (Estudios y ensayos – historia, 114).

⁷ O movimento litúrgico visou renovar a prática da piedade cristã; não se restringiu a tornar conhecidas as riquezas da liturgia, mas quis também fazer uma investigação da história, da teologia do culto divino através do qual a Igreja honra a Deus. Cf. ZELLER, Lourenço. O movimento litúrgico. *REB*, Petrópolis, v.2, f.4, p.859, [dezembro] 1942.

Ligório, ou a *Imitação de Cristo*. Quanto à comunhão, podia-se recebê-la antes da missa, durante a missa ou depois da missa, mas nunca no momento previsto pela liturgia [...] a missa deixara de ser a oração da comunidade cristã. Era o clero que, em seu nome, se incumbia desta missão. Conseqüentemente, os fiéis só podiam associar-se a ela à distância e entregar-se à devoção pessoal. A comunhão se apresentava como uma devoção particular, sem ligação especial com a missa⁸.

Esta descrição da liturgia eucarística revela a necessidade da renovação, a urgência em redescobrir a centralidade do mistério de Cristo na liturgia e recolocar as devoções no seu devido lugar.

Por certo as ações litúrgicas perderam sua referência fundamental ao Mistério Pascal de Cristo, em detrimento do devocionismo. Uma série de devoções apareceu, especialmente aquelas de caráter mariano, ocupando a centralidade das ações litúrgicas que, simultaneamente, deixavam em segundo plano o Mistério Pascal de Cristo. O deslocamento do eixo cristológico para o mariológico desvela, por assim dizer, a perda de uma referência fundamental da liturgia, o mistério de Cristo.

O Concílio de Trento (1545-1562), ao reafirmar os dogmas da fé católica em resposta aos ataques de Lutero e seus sequazes, acabou por abrir caminho a um espírito individualista e subjetivista⁹. Na liturgia isto representou uma verdadeira valorização do mistério da Virgem Maria e dos Santos, alvos da crítica protestante. Contudo, muitos outros temas doutrinários receberam reformulação para definir, com clareza, a fé católica.

Mas a liturgia parece não ter levado tanta vantagem, pois se, de um lado houve um resgate teológico, de outro, a ausência de material de estudo para clérigos e fiéis prejudicava a redescoberta de uma verdadeira participação ativa¹⁰ nas ações litúrgicas. A valorização e acolhida dos frutos da vida sacramental tornava-se ideal de clérigos e, entre os fiéis, a vida

⁸ BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico: testemunhos e recordações*. São Paulo: Paulinas, 1978. p.12.

⁹ Cf. BOROBIO, Dionisio (Dir.). El movimiento litúrgico. In: *La celebración en la iglesia: liturgia y sacramentalogia fundamental*. v.1. 6. ed. Salamanca: Sígueme, 2006. p.165. (Lux mundi, 57).

¹⁰ Pierre M. Gy traz bom estudo sobre a importância da formação e participação ativa dos fiéis na liturgia. Cf. GY, Pierre Marie. La formation liturgique et la participation active. *La Maison-Dieu*, Paris. n.77, p.40 [janvier, février, mars]1964.

litúrgica relaxava-se. Inseguros, os padres não chegavam a apresentar, de modo suficiente, a liturgia como fonte primordial da espiritualidade cristã e meio de evangelização.

O transcurso dos séculos obscureceu o sentido profundo do mistério de Cristo e do simbolismo litúrgico; fato que o eixo fundamental da liturgia solidificou-se no devocionismo, e esqueceu-se dos mistérios centrais da vida do Senhor.

Despreparado, o clero não tinha formação suficiente para fazer o povo descobrir as riquezas da liturgia cristã, já reduzida a rubricismo e esteticismo. Os estudos em preparação ao ministério presbiteral não atendiam às necessidades pastorais, particularmente as do início do século XX:

A pobreza do ensino nos seminários preparava mal os sacerdotes para o ministério da palavra. Nem os cursos de teologia, nem os de Sagrada Escritura e nem os de liturgia lhes forneciam matéria para a pregação. Eles não tinham nada para dizer, a não ser sermões moralizadores, dos quais eles mesmos estavam saturados. Pregavam por obrigação, porque estava prescrito, da mesma forma que observavam as rubricas¹¹.

Uma melhor preparação dos presbíteros para a vida litúrgica só viria a acontecer após a aprovação da *Sacrosanctum Concilium*, pois os padres conciliares viram, na formação litúrgica do clero, o eixo fundamental de uma verdadeira renovação da vida litúrgica dos fiéis. Se o clero entendesse a intuição conciliar, então poderia formar os fiéis na vida litúrgica.

Mas por sua deficiente formação teológica, os padres não podiam oferecer quase nada ao povo; na falta de uma compreensão mais profunda da teologia da liturgia, não tinham a preocupação com a vida litúrgica dos fiéis. Não conheciam o bastante dos mistérios da vida do Senhor para instruir e encaminhar o povo à celebração dos mistérios da fé. Consequentemente, a vida litúrgica desviava-se cada vez mais para o individualismo devocional¹²; os sermões moralizantes e o rubricismo dominavam o cenário.

¹¹ BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico: testemunhos e recordações*. Op. cit. p.17.

¹² A comunhão eclesial se prejudicou no século XX por numa equivocada compreensão do sentido da unidade eclesial, pois a comunhão com o mistério de Cristo ficou na sombra. No Corpo místico de Cristo cada membro participa da vida eclesial na qual é membro vivo. Cf. GUARDINI, Romano. *L'esprit de la liturgie*. Paris: Plon, 1930. p.141-142.

A piedade cristã, isolando-se, torna-se facilmente fantasista e perde-se no meio dos exercícios acessórios, com prejuízo da *devoção fundamental*¹³. Daí resulta para os católicos instruídos, aliás, muito bem intencionados, a confusão entre devoção e devocionismo e, para a imprensa anti-religiosa, um tema para zombarias e gracejos mais ou menos justificados, que desacreditam tanto a religião quanto a piedade¹⁴.

Mudanças culturais consignadas pelo modernismo laicizante¹⁵ e a expansão dos meios de comunicação aceleraram a divulgação das inconsistências litúrgicas das celebrações, no limiar do século XX, quando a

[...] liturgia se assemelhava em muito a um painel que, apesar de intacto, estava coberto por reboco [...] Através do movimento litúrgico e, definitivamente, após o Concílio Vaticano II, o afresco foi posto a descoberto e, por instante ficamos fascinados por sua beleza, pelas suas formas¹⁶.

Neste cenário, liturgistas de diversos países reagiram para promover mudanças capazes de melhorar a vida litúrgica dos fiéis. *Só assim se compreende que a formação, o conhecimento e a prática da liturgia [...]*¹⁷ constituiu a grande finalidade da reforma litúrgica, colocada em marcha por mestres como Próspero Guéranger.

1.1 – O trabalho de Dom Próspero Guéranger

Na segunda metade do século XIX, Dom Guéranger (1805-1875), monge e sacerdote francês e primeiro abade de Solesmes, iniciou um ensaio, ainda que incipiente, daquilo que

¹³ O grifo é nosso; aqui o autor refere-se à eucaristia.

¹⁴ Au surplus, la piété chrétienne, em s'isolant, devient facilement fantasiste et s'égare dans les exercices accessoires au détriment de dévotion fondamentale. De là, pour les catholiques instruits, d'ailleurs très bien disposés, des confusions entre dévotion et dévotionisme et, pour la religion autant que la piété. BEAUDUIN, Lambert. *La piété de l'église*: principes et faits. Belgique: Brux. Vromant & C°, 1914. p.22.

¹⁵ Cf. Ibidem. p.23-25.

¹⁶ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. p.5.

¹⁷ ZELLER, Lourenço. O movimento litúrgico. Op. cit. p.863.

mais tarde seria o movimento litúrgico. Como herdeiro do iluminismo, aproveitou o movimento restauracionista francês, bem ativo na época, para tentar conciliar a tradição, sobretudo no resgate de elementos teológico-litúrgicos medievais, com as novas tendências embaladas pelo iluminismo. Mas suas ideias confundiram a liturgia romana com suas formas medievais e aquelas do missal de São Pio V. Isto fez de Guéranger um grande compilador¹⁸, mas não um reformador no sentido exato da terminologia. Por outro lado, contribuiu para redescobrir, na liturgia romana, um contraponto à liturgia galicana, tão diferenciada no gosto pela dramatização e pelo individualismo que a animava¹⁹.

Naquele período, o iluminismo prestou importantes contribuições à reforma da liturgia. Positivamente exigiu maior simplicidade e sobriedade em detrimento do exagero e daqueles elementos supérfluos na liturgia; destacou a importância da índole comunitária das celebrações em oposição ao individualismo reinante; fez nascer uma crise contra o fausto e o exuberante originados na arte barroca; por fim, possibilitou uma abordagem mais pastoral da liturgia. Contudo, paradoxalmente, o iluminismo só vislumbrou de longe a grandeza e a profundidade da liturgia, mas não conseguiu conduzir os fiéis até ela²⁰, pois seu humanismo intelectualista a reduzia a um meio de educação moral do homem²¹, e não conseguia perceber nela o movimento vivo da glorificação de Deus e da santificação do homem²².

Em oposição ao iluminismo, o movimento restauracionista do século XIX, [...] *reafirma o princípio da revelação, do dogma e da tradição, assim como o respeito devido à constituição hierárquica da Igreja*²³. Mesmo assim, a restauração católica não conseguiu

¹⁸ Cf. BOROBIO, Dionisio (Dir.). El movimiento litúrgico. In: *La celebración en la iglesia...* Op. cit. p.162.

¹⁹ Cf. ZELLER, Lourenço. O movimento litúrgico. Op. cit. p.853.

²⁰ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. Movimento litúrgico. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p.789.

²¹ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. *Historia da liturgia através das épocas culturais*. Tradução: José Raimundo de Melo. São Paulo: Loyola, 2007. p.196-197.

²² Cf. SC 5.7.

²³ [...] reafirma el principio de la revelación, del dogma y de la tradición, así como el respeto debido a la constitución jerárquica de la Iglesia. BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Op. cit. p.362.

inibir o aparecimento de correntes teológicas como a galicana²⁴, jansenista²⁵, e ultramontana²⁶. O Ultramontanismo tentava mesclar ideias conservadoras e modernas na tentativa de resgatar elementos da Idade Média para integrá-los no cenário litúrgico do século XIX. Neste contexto, Guéranger elaborou suas propostas para a reforma litúrgica, firmando sua posição de combate ao galicanismo e jansenismo. Esta luta se deu especialmente na liturgia, pois interessava resgatar a originalidade da tradição litúrgica da Igreja²⁷.

A Revolução Francesa havia abalado consideravelmente os pilares da sociedade cristã que, no entender de Guéranger, só poderia ser resgatada através de uma eclesiologia que colocasse, no seu centro, a liturgia enquanto culto público. Destarte, a renovação litúrgica tinha o objetivo de reavivar a comunidade cristã tão atingida pelas novas ideias que se infiltravam na Igreja da época.

A preocupação com a formação litúrgica em Guéranger aconteceu através de publicações de artigos e obras referentes à liturgia. No elenco de suas obras podem-se encontrar: *Considerações sobre a liturgia católica* (1830), *Instituições litúrgicas* (1840) – primeiro tomo, *Ano litúrgico* (1841), etc. Com este material didático, desenvolveu uma catequese formativa com o clero e os leigos. Seu itinerário partia da exposição dos mistérios da vida de Cristo durante o ano litúrgico²⁸.

A fim de atenuar as carências de formação religiosa em seus contemporâneos, Guéranger se propõe escrever uma suma litúrgica e dogmática, assim como um grande tratado dedicado às instituições e ao direito canônico da Igreja. [...] Os volumes das *Instituições Litúrgicas* pretendem ser, antes de tudo, uma investigação histórica, um pouco

²⁴ Em linhas gerais o galicanismo defendia a supremacia do Estado sobre a Igreja e o papa, fato que colocava muitos prelados franceses irreverentes à autoridade do papa.

²⁵ O jansenismo, corrente herética influente na Igreja do século XIX, discutia temas referentes à graça, ao pecado original, à liberdade e à predestinação fundamentadas em Santo Agostinho. Cf. SILVA, Belchior Cornélio da. No centenário de São Vicente: sua luta contra o jansenismo. *REB*, Petrópolis, v.20, f.1, p.13, [março] 1960.

²⁶ O Ultramontanismo defendia uma grande vinculação ao papado e forjava uma orientação teológico-ecclesial de caráter conservador e antiluminista. Por outro lado, promoveu certos elementos que tinham sentido progressista, por exemplo a luta da Igreja para se libertar do Estado. Cf. BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Op. cit. p.362-363.

²⁷ Cf. Ibidem. p.363.

²⁸ Cf. ZELLER, Lourenço. O movimento litúrgico. Op. cit. p.854.

polêmica, cujo objetivo era restabelecer a liturgia romana pura nas dioceses francesas²⁹.

Próspero Guéranger percebeu a necessidade de formação religiosa dos fiéis; tanto que suas obras traziam à baila temas de natureza litúrgica em que há a preocupação em resgatar a liturgia romana pura dos séculos V-VIII, tão distinta por sua simplicidade, sobriedade, brevidade, com fraco acento sentimental e pouco discursiva³⁰.

A recuperação da melhor tradição litúrgica da Igreja prometia êxito por recorrer aos estudos teológico-litúrgicos. [...] *Guéranger assegurou formação sólida não só a religiosos e monges, senão a numerosos cristãos leigos, desejosos de um aprofundamento doutrinal e espiritual*³¹.

Por servir-se da história para desenvolver suas assertivas, Guéranger alcançou uma notável credibilidade teológica e litúrgica que lhe deu a honra de se tornar consultor da Sagrada Congregação dos Ritos³². Convencido da importância da liturgia na vida da Igreja encontrou, nos estudos, o caminho para resgatar a liturgia. A tentativa de aplicação de seu projeto aconteceu na abadia de Solesmes, por ele reformada. Lá pôde demonstrar, na prática, suas ideias que encontraram grande aceitação.

Guéranger quis penetrar no sentido profundo da liturgia, em seu conteúdo e estrutura para poder fazer dela um meio para formar os fiéis na fé. Em suas intuições, comparou a Encarnação com o método de ensinar liturgia, pois do mesmo modo como Deus decidiu aproximar-se do homem no mistério de sua *Kenosis*, agora o homem, por meio de sinais, símbolos e Palavra na liturgia, pode se aproximar de Deus e entrar em comunhão de vida com

²⁹ A fin de paliar las carencias de formación religiosa em sus contemporâneos, Guéranger se plantea escribir una suma litúrgica y dogmática, así como un gran tratado dedicado a las intuiciones y al derecho canónico de la Iglesia. [...] Los volúmenes de las *Instituciones litúrgicas* pretenden ser, ante todo, una investigación histórica, a menudo polémica, cuyo objetivo era restablecer la pura liturgia romana em las diócesis francesas. BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Op. cit. p.364.

³⁰ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. *História da liturgia através das épocas culturais*. Op. cit. p.114.

³¹ [...] Guéranger aseguró una formación sólida a religiosos y monges, sino a numerosos laicos cristianos, deseosos de una profundización doctrinal y espiritual. BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Op. cit. p.367.

³² Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros y promotores del movimiento litúrgico*. Op. cit. p.33-34.

ele. Com isso, a liturgia se torna o modo mais solene, e mais fácil de ensinar a fé ao povo cristão e o caminho para fazê-lo compreender o mistério da fé³³.

O sucesso de tais ideias fez da abadia um centro de referência para a Igreja e possibilitou desencadear um processo de mudanças na liturgia da época. Até mesmo o papa Pio IX, em 1875, reconheceu publicamente o valor do trabalho desse insigne liturgista.

Apesar das suas contribuições, Guéranger não pode ser considerado o fundador do movimento litúrgico europeu, porque suas reflexões apenas faziam um recuo à Idade Média e não contemplavam o período patrístico, tão fecundo na história do cristianismo. Sua visão fragmentada da história prejudicou suas ideias. Por outro lado, não se preocupou com mudanças mais ousadas como o uso da língua vernácula na liturgia ou reformas de cerimônias e livros litúrgicos³⁴. Em razão disso, não é considerado o iniciador do movimento litúrgico.

Portanto, a partir de Guéranger o individualismo litúrgico perdeu completamente sua razão de ser, e a liturgia iniciou o seu processo de retorno ao centro da vida da Igreja. Estas ideias alcançarão maturidade no século XX, sobretudo, a partir de São Pio X com a obra *Tra le Sollecitudini*, primeiro encorajamento oficial do movimento litúrgico³⁵.

1.2 – O século XX e a reforma litúrgica

O século XX é a fase clássica do movimento litúrgico, por desenvolver ideais que fortaleceram a redescoberta da liturgia. Rico e fecundo é o período entre 1903 e 1963, pelo processo de mudança que embalou até culminar na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, fruto maduro do movimento litúrgico. Transformações na ordem cultural e eclesial fizeram a

³³ Cf. Ibidem. p.41.

³⁴ Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Barcelona: CPL, 2003. p.58 (Biblioteca litúrgica, 20).

³⁵ Cf. ISNARD, Clemente José Carlos. A constituição “De Sacra Liturgia”. *REB*, v.23, n.4, p.866, [dezembro] 1963.

Igreja repensar as estratégias de sua ação evangelizadora no mundo contemporâneo, em vista de melhor responder aos sinais dos tempos.

As inúmeras crises pelas quais passou a Igreja, nos últimos séculos, produziram redescobertas valiosas, pois provocou um retorno às fontes da Escritura e da Tradição Patrística³⁶. Uma mudança profunda na teologia estava nascendo nas reflexões de teólogos e liturgistas. Isto fica patente nas palavras de Romano Guardini (1885-1968): *Um acontecimento religioso de alcance incalculável está em marcha: a Igreja desperta nas almas*³⁷. Os primeiros passos em direção à reforma litúrgica começam a ser dados. Com isso, emergia uma onda de mudanças; surgiam vários movimentos: o bíblico, o patrístico³⁸, o ecumênico, o cristológico, o eclesiológico e o antropológico. Aquilo que se arquitetou durante séculos, produzia os seus últimos frutos, pois um novo tempo já anunciava sua chegada na pessoa de São Pio X.

1.2.1 – São Pio X e a participação dos fiéis na liturgia

No limiar do século XX, São Pio X (1093-1914) ocupou a cátedra de Pedro. Após sua eleição, em 04 de agosto de 1903, num de seus primeiros atos, em 22 de novembro do mesmo ano, publicou o *Motu Proprio Tra le Sollecitudini*, documento que versa sobre a música sacra.

Em virtude de sua importância, a obra constituiu-se num divisor de águas no tocante à participação litúrgica, pois ao tratar de música sacra, São Pio X exortou os fiéis à participação ativa no canto litúrgico. Suas palavras estavam destinadas a abrir muitos outros

³⁶ Cf. BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Op. cit. p.383-384.

³⁷ Ibidem. p.384.

³⁸ Cf. ISNARD, Clemente José Carlos. A constituição “De Sacra Liturgia”. Op. cit. p.865.

caminhos para o florescimento do movimento litúrgico e a participação dos fiéis na liturgia da Igreja³⁹ e na vida paroquial⁴⁰.

Sendo, de fato, nosso vivíssimo desejo que o espírito cristão refloresça em tudo e se mantenha em todos os fiéis, é necessário prover antes de mais nada a santidade e dignidade do templo, onde os fiéis se reúnem precisamente para haurirem esse espírito da sua primária e indispensável fonte: a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja⁴¹.

O *Moto Proprio* produziu efeitos positivos, mas também causou constrangimento naqueles que se opunham às mudanças na liturgia. Contudo, o papa queria efetivar a participação ativa fiéis no canto litúrgico. Para isso, teve de realizar um apostolado assíduo e destemido, paciente e perseverante, pois muitas vozes discordantes apareceram.

As primeiras propostas do papa gradativamente cresceram graças ao empenho em oferecer condições para que clérigos e leigos entendessem a importância da participação ativa na liturgia.

Ao tratar da música sacra, São Pio X deu força para o movimento litúrgico sair de sua fase embrionária e rapidamente se espalhar pela França, Bélgica e Alemanha.

A tendência das novas discussões na teologia e na liturgia conseguiu fazer do movimento litúrgico, não um fato em pontos isolados, mas, sim, um acontecimento de Igreja, graças à procura por uma liturgia viva dentro da vida eclesial. Neste dinamismo, as palavras de São Pio X conseguiram oficializar a reforma litúrgica⁴². Mesmo o movimento de Restauração, com sua posição anti-modernista, não conseguiu impedir o plantio e cultivo daquela semente fecunda da participação ativa e frutuosa na liturgia⁴³.

³⁹ Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p.62-63.

⁴⁰ Cf. KELLER, Thomaz. A liturgia. *A Ordem*, Rio de Janeiro, Ano. 13, n.41-42, p.658, [setembro/outubro] 1933.

⁴¹ PIO X. Tra le Sollecitudini: sobre a música sacra. In: DOCUMENTOS sobre música litúrgica. São Paulo: Paulus, 2005. p.14. (Documentos da Igreja).

⁴² Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros y promotores del movimiento litúrgico*. Op. cit. p.3-4.

⁴³ Cf. SC 14.19.

São Pio X possuía um profundo vigor pastoral, predicativo que fez dele um zeloso pastor à frente da Igreja de Cristo. Todavia seu apostolado formativo não lograria êxito, caso não houvesse descoberto a riqueza das Escrituras, das cerimônias da Igreja e dos Santos Padres, desde o tempo de seminário. Este grande patrimônio da Igreja forneceu inspiração para que o trabalho de formação, junto ao clero e ao povo, se concretizasse. Seu gosto pela liturgia, desde o tempo de seminário, ganhou força e se tornou uma motivação poderosa, já que, a partir de sua ordenação sacerdotal, começou a trabalhar incansavelmente na iniciação dos jovens no canto gregoriano.

O trabalho do pontífice não se limitou a estudar teorias e discutir características melódicas das músicas; seu interesse estava voltado para o sentido do canto no todo e nas partes da liturgia na vida da Igreja. Ensinar a importância no canto sacro significou despertar a participação ativa dos fiéis, especialmente na eucaristia. Aqui se conclui que sua preocupação implicava uma dimensão especulativa e uma prática. *Não só cantar nem rezar durante a missa, senão cantar e rezar a missa*⁴⁴.

Por trás das palavras de Pio X, está uma teologia litúrgica da participação dos fiéis, argumento que despertava a necessidade de a Igreja envolver-se mais nas celebrações, não como expectadora, e, sim, como participante. Somente deste modo, a Igreja, em oração, teria condições de mergulhar na poesia do canto para saborear e viver o mistério de Cristo, razão de ser da liturgia. Aquele *Moto Proprio* ajudou a repensar o devocionismo, o rubricismo, o exteriorismo e o individualismo tão prejudiciais à liturgia. Por outro lado, a superação de uma liturgia estético-edificante por uma teológico-sacramental começava a se fixar.

Muitas outras obras apareceram entre 1903 e 1914. Entre elas o *Decreto Sacra Tridentina Synodus* (1905), cujo objetivo fora incentivar e promover a comunhão frequente dos fiéis em vista de um salto qualitativo na participação do povo. Isto provocou a revisão de

⁴⁴ No sólo cantar ni orar durante la misa, sino cantar y orar la misa. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros y promotores del movimiento litúrgico*. Op. cit. p.5.

conceitos e a reformulação de conteúdos quanto à comunhão eucarística, bem como a necessidade de recolocar as devoções aos santos no devido lugar. Com acerto, Bernard Botte diz: [...] *se quisesse devolver à liturgia todo o seu valor, não se podia deixar de sacudir um pouco certas devoções muito envolventes, para recolocá-las no seu devido lugar*⁴⁵.

Herdeira da Idade Média, a Igreja, no limiar do século XX, fazia a experiência de adorar mais e comungar menos. Por isso, o resgate da comunhão frequente poderia ser um remédio a despertar para a importância de uma assídua participação na comunhão eucarística. Assim, o movimento eucarístico, iniciado por Leão XIII, veio a culminar com a encíclica *Mirae Caritatis* (1902)⁴⁶.

Outra obra digna de ser citada é o *Decreto Quam Singulari* (1910), que admitiu as crianças à eucaristia para lhes possibilitar, desde a infância, uma especial frequência aos sacramentos da Igreja para neles encontrar o caminho de sua santificação.

Ao lado das questões pastorais sobre a eucaristia, apareceu o interesse pela reforma do breviário e a valorização da liturgia dominical, fato consolidado através da Bula *Divino Afflatus* (1911). O resgate do valor do domingo como dia do Senhor e páscoa semanal dos cristãos⁴⁷, fez resplandecer o verdadeiro sentido deste dia litúrgico, em oposição ao *slogan* usado pelo Apostolado da Oração ‘*A missa no domingo por dever, na sexta-feira por amor*’ [...] *A missa era uma obrigação pessoal de cada cristão, imposta, arbitrariamente, por uma lei positiva da Igreja*⁴⁸. Novamente a liturgia começava a ser o grande estandarte da comunidade para edificar na fé quem dela participava e manifestar a Igreja a quem dela estava fora⁴⁹.

⁴⁵ BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico: testemunhos e recordações*. Op. cit. p.9. O autor refere-se à devoção a São José, à Virgem Maria, ao Sagrado Coração de Jesus, ao rosário.

⁴⁶ Cf. BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Op. cit. p.386.

⁴⁷ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. Il mistero pasquale “culmen et fons” dell’anno liturgico. *Rivista Liturgica*, Padova, Anno. 62, n.2, p.159, [marzo/aprile] 1975.

⁴⁸ BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico...* Op. cit. p.18.

⁴⁹ Cf. SC2.

Com o *Motu Proprio Abhinc duos Annos* (1913), São Pio X empreendeu a reforma do breviário e se propôs a rever o calendário litúrgico, bem como as leituras bíblicas, os textos patrísticos e outros textos litúrgicos⁵⁰.

O desejo de restaurar todas as coisas em Cristo produziu bons resultados graças à preocupação com a formação do clero e dos fiéis. Se estes compreendessem a intenção dos documentos, seria possível reformar a liturgia.

Para restaurar ‘o verdadeiro espírito cristão’, afirmava o soberano pontífice, é preciso fazer com que volte o povo à fonte primordial e imprescindível desse espírito, a saber: a participação ativa dos fiéis nos mistérios sacrossantos e na oração pública e solene da Igreja⁵¹.

O programa de São Pio X: [...] *Restaurar todas as coisas em Cristo (Ef 1,10), de tal modo que esteja tudo e todos em Cristo*⁵², abriu espaço para que Dom Lambert Beauduin desenvolvesse profundas reflexões em torno da liturgia numa abordagem que considerou elementos de natureza teológica, eclesiológica e litúrgica.

1.2.2 – Dom Lambert Beauduin e a formação litúrgica

Dom Lambert Beauduin (1873-1960), [...] *sacerdote dedicado ao mundo operário* [...] ⁵³ tornou-se monge beneditino e fundador da revista *Questions Liturgiques et Paroissiales*⁵⁴. Natural da Bélgica, sua fama na história da liturgia se deu a partir do Congresso Internacional das Obras Católicas de Malines, realizado entre os dias 23 e 27 de

⁵⁰ Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros y promotores del movimiento litúrgico*. Op. cit. p.3.

⁵¹ Pour restaurer ‘le véritable esprit chrétien’, affirmait le Souverain Pontife, il faut ramener le peuple ‘à la source première et indispensable de cet esprit, à savoir: la participation active des fidèles aux Mystères sacrosaints et à la prière publique et solennelle de l’Église’. BEAUDUIN, Lambert. *La piété de l’église...* Op. cit. p.48.

⁵² Cf. SA 4.

⁵³ [...] sacerdote dedicado al mundo obrero [...]. BOROBIO, Dionisio (Dir.). El movimiento litúrgico. In: *La celebración en la iglesia...* Op. cit. p.163.

⁵⁴ BERGEN, P. Van. Le mouvement liturgique. *Paroisse et liturgie*, Belgique, n.3, p.93, [avril] 1965.

setembro de 1909, dentro das semanas litúrgicas⁵⁵, nas quais se desenvolviam intensos programas formativos. Sua figura notável conseguiu chamar a atenção para a necessidade da reforma na qual o povo pudesse ter uma melhor participação na vida litúrgica da Igreja. No referido congresso, Dom Beauduin proferiu um discurso tão importante que constituiu o marco inicial do movimento litúrgico clássico. Assim, a Bélgica é o berço de nascimento do movimento litúrgico que, bem depressa, se expandiu para outros países⁵⁶.

No congresso, Dom Beauduin que não se considerava um reformador, juntamente com outros liturgistas, apresentaram vários objetivos que precisavam ser tratados com urgência:

[...] 1) de recuperar o missal traduzido como livro de piedade, e popularizar pelo menos o texto integral da missa e das vésperas de cada domingo com tradução nas línguas do povo; 2) de fazer toda nossa piedade mais litúrgica, especialmente pela reza das completas como oração da noite, pela assistência à missa paroquial principal e vésperas, a preparação para a comunhão e para a ação de graças; 3) de tentar propagar cada vez mais e melhor o canto gregoriano, segundo o desejo de Pio X; 4) desejava que se organizassem retiros anuais para cantores de paróquias num centro de vida litúrgica, por exemplo, na abadia de Mont-César ou na de Maredsous⁵⁷.

O congresso realçou a importância da oração litúrgica como oração da Igreja e alimento principal da vida dos fiéis, ou seja, a piedade da Igreja devia inspirar-se fundamentalmente na liturgia⁵⁸; por fim, a necessidade de promover meios práticos para empreender a renovação. Consequentemente, redescobrir a liturgia é recuperar o mistério da

⁵⁵ Na Bélgica, como em outras partes da Europa desenvolveram-se intensos trabalhos formativos no campo da liturgia. Aquele país ofereceu uma significativa contribuição à liturgia da Igreja graças às semanas litúrgicas, momento quando homens de considerável envergadura intelectual puderam expor suas ideias e demonstrar suas teses para a renovação litúrgica da Igreja.

⁵⁶ Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros y promotores del movimiento litúrgico*. Op. cit. p.101.

⁵⁷ ROSSEAU, Oliver. *Nouveau départ: Le "mouvement liturgique" de Louvain*. In: *Histoire du mouvement liturgique*. Paris: Du Cerf, 1945. p.222. (Lex orandi).

⁵⁸ Em 1913, os cursos e conferências litúrgicas de Louvain, apresentaram a liturgia como fonte e método do par ensinar a doutrina católica. A liturgia era apresentada como escola na qual podiam ensinar os mistérios da fé e formar os fiéis na vida cristã. Em outras palavras a liturgia conseguia ser, para os fiéis, um compêndio da fé católica. Por isso, a liturgia era apresentada como o meio e instrumento para formar os fiéis na vida cristã, e neles forjar a imagem do Cristo Senhor. Cf. LA LITURGIE comme source et comme méthode d'enseignement de la doctrine catholique. In: *COURS & CONFÉRENCES DES SEMAINES LITURGIQUES*. v.2. Cinquième. Louvain: [?], 1913. p.295-303.

Igreja⁵⁹. Dom Beauduin, convencido de que a liturgia e a vida sacramental constituem a fonte primeira da santidade cristã, procurou afastar-se o máximo possível daquele funesto individualismo devocional que desfigurava a liturgia.

Os grandes ideais do congresso não seriam possíveis sem uma sólida formação litúrgica e teológica, do clero, principalmente. Este intenso processo formativo viria a se realizar através de retiros espirituais paroquiais, palestras, congressos, aulas e semanas litúrgicas. Os temas geradores dos encontros de formação não partiam da especulação teológico-litúrgica, mas da experiência das comunidades para construir uma teologia litúrgica fundamentada na Escritura e nos textos da Patrística em vista da pastoral. Portanto, como temas emergentes, havia a participação ativa da assembleia no sacrifício eucarístico e no ofício divino, especialmente nas vésperas, por meio da qual Igreja poderia assimilar cotidiana e progressivamente a obra da redenção⁶⁰; o mistério de Cristo no ano litúrgico e os sacramentos na vida dos fiéis, a vida litúrgica paroquial e a teologia da liturgia. Este temário dominava os círculos de estudo.

As semanas litúrgicas de Malines, por sua grande importância, acenderam o movimento litúrgico na Bélgica e lhe propiciaram grande prosperidade, cujos frutos o século XX pôde colher na sua segunda metade com a aprovação da *Sacrosanctum Concilium*.

A reflexão litúrgica de Dom Beauduin estava calcada numa sólida base teológica, cujo ponto de partida foi a pastoral litúrgica, que propôs o retorno consciente dos fiéis à liturgia na qual encontrariam a fonte principal para alimentar a espiritualidade cristã⁶¹. No desenvolvimento de sua argumentação, viu a necessidade de considerar a história da liturgia de um ponto de vista crítico e estudar também a ciência ascética. Nos desdobramentos da reflexão, Dom Beauduin deixa clara a necessidade do diálogo entre os fiéis e o sacerdote para suscitar, nos presentes, uma participação mais ativa durante uma ação litúrgica. Mas a

⁵⁹ Cf. BOROBIO, Dionisio (Dir.). El movimiento litúrgico. In: *La celebración en la iglesia...* Op. cit. p.162.

⁶⁰ Cf. BEAUDUIN, Lambert. *La piété de l'église...* Op. cit. p. 8.

⁶¹ Cf. SC 11.

realização deste ideal só é possível mediante a formação permanente do clero, porque ao contrário, uma reforma litúrgica permanece apenas uma abstração⁶². Por não querer um exame metafísico da liturgia, Dom Beauduin defendeu a necessidade de traduzir o missal⁶³ para os fiéis, a valorização da missa na comunidade paroquial e o resgate das antigas tradições litúrgicas na família. Por estes meios, os fiéis teriam a chance de compreender e amar os mistérios celebrados nas ações litúrgicas⁶⁴.

Ao lado destes interesses, estava a formação do clero, único recurso capaz de atingir a massa de fiéis e poder devolver à liturgia toda sua riqueza. Em tese, um clero bem formado poderia garantir ao povo um conhecimento litúrgico bem consistente. Assim, para alcançar boa divulgação de suas ideias preferiu que seus escritos não se restringissem às revistas científicas, lidas e discutidas por especialistas, mas que, principalmente o clero, seu público alvo, constituísse o primeiro e maior grupo de leitores. Uma vez compreendidas, as ideias de Dom Beauduin permitiriam aproximar clero e povo, altar e nave para fazer da liturgia um acontecimento vivo quando a Igreja celebra o mistério de Cristo.

Dom Beauduin não estava interessado em receitas práticas e prontas, pois disto os padres não precisavam. Sua intenção estava numa transformação profunda daquilo que os padres concebiam como liturgia em vista de construírem novos conceitos a partir de novas bases teológicas. Desse modo, os padres haveriam de perceber que liturgia não é um simples mecanismo ritual com rubricas minuciosas, mas uma fonte de graça da qual flui o dom da salvação para pastores e ovelhas. Portanto, somente um estudo da história, Escritura, teologia, filologia, arqueologia e antropologia⁶⁵ ajudariam o clero a compreender melhor a vida litúrgica da Igreja como ação viva e atuante do próprio Cristo que santifica os homens quando celebram seu mistério.

⁶² Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p.77-79.

⁶³ Em artigo na revista *La maison-Dieu*, P. Jounel defendeu uma tese onde o missal é um livro muito importante para a formação espiritual do leigo. Cf. JOUNEL, Pierre. Le missel, livre de formation spirituelle du laïc. *La Maison-Dieu*, Paris, n.73, p.95-105 [janvier, février, mars]1962.

⁶⁴ Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p.79.

⁶⁵ Cf. BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico...* Op. cit. p.34-35.

À medida que amadureceu nas ideias, Dom Beauduin chegou àquela certeza de um necessário retorno consciente da participação dos fiéis nas grandes riquezas da liturgia cristã. Por isso, elaborava programas formativos em que apresentava premissas sobre a urgência da renovação litúrgica. Em seus projetos, entre 1909 e 1914, desenvolveu atividades de formação para padres, sacristãos, cantores, leigos e párocos⁶⁶; além de escrever em diversas revistas muitos artigos científicos para a discussão entre teólogos e liturgistas.

Durante sua atividade intelectual, Dom Beauduin defrontou-se com a herança secular de Trento (1545-1563), que, sem pretender, abriu as portas da liturgia para acolher a devoção aos santos e alimentar um individualismo litúrgico. Despojada de suas bases teológicas, a prática da liturgia se reduziu a rubricismo e esteticismo, fruto de um abandono da teologia, Escritura e Patrística. Consequentemente, a liturgia se tornou pomposa e vazia, já que não alimentava mais os fiéis e lhes obscurecia a riqueza e a profundidade dos mistérios da vida de Cristo. A temática é trabalhada de modo interessante por Bernard Botte:

[...] se quisesse devolver à liturgia todo o seu valor, não se podia deixar de sacudir um pouco certas devoções muito envolventes, para recolocá-las no seu devido lugar. A quaresma era eclipsada pelo mês de S. José e o tempo pascal pelo mês de Maria. Junho era consagrado ao Coração de Jesus, outubro ao rosário. Leão XIII prescrevera a reza do terço durante a missa desses meses. A piedade eucarística tinha evoluído para adoração e exposição do Santíssimo Sacramento. O ponto culminante era a missa com a exposição do Santíssimo⁶⁷.

A atividade formativa de Dom Beauduin se evidenciou mais em sua obra *La piété de l'Église* (1914); importante escrito que oferece as bases de seu pensamento teológico no qual a pastoral litúrgica é colocada como ponto de partida para trabalhar a renovação da vida litúrgica. Outro escrito de sua autoria é um *Memorandum* que tem como título *De promovenda sacra liturgia* (1909) em que elenca o que pretendia concretizar:

⁶⁶ Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p.76.

⁶⁷ BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico...* Op. cit. p.37.

A) o estudo da liturgia: 1º nível: a crítica histórica; 2º nível: o estudo da ciência ascética; B) a liturgia é fonte da vida espiritual: o monge beneditino tem de alimentar sua vida cristã bebendo dessa fonte principal (*vida espiritual alimentada na liturgia*); C) a difusão e a formação litúrgica⁶⁸.

Além da teologia, Dom Beauduin trabalhou a eclesiologia, dimensão fundamental para compreender o elo entre teologia e liturgia, onde o Mistério Pascal é inserido no centro da história da salvação. É uma eclesiologia que parte da economia salvífica, pois Deus, desde toda eternidade, estabeleceu um plano de amor para salvar os homens. A fundamentação de tal discussão se faz a partir de textos da Tradição, dos documentos eclesiásticos mais recentes e da Bíblia⁶⁹ como Ef 1,5-9, na qual Paulo exorta a comunidade a perseverar no amor, imitando a Cristo que sofreu a paixão redentora, e, convida a Igreja de Éfeso à conversão para poder caminhar na luz do Senhor.

A eclesiologia beauduiniana não só considera a intervenção da Trindade na realização do mistério da Igreja, como realça o mistério do Verbo que, em sua oblação, reconciliou objetivamente a humanidade decaída através do Mistério Pascal. À medida que desenvolve seus postulados, Dom Beauduin revela o cristocentrismo de sua eclesiologia, aberta a acolher o Espírito que vivifica a Igreja, tornando-a sempre jovem.

Por fim, na obra *La piété de l'Église*, Dom Beauduin põe à luz a importância da participação ativa dos fiéis, preparada e realizada através da educação, recurso capaz de operar uma mudança profunda e necessária na vida do clero e do povo. A ênfase na educação cristã, a partir da prática dos fiéis realça que, pela liturgia, a Igreja forma as massas para o culto e à vida cristã. Ao fazer isso, edifica a Igreja e a manifesta a quem dela está fora⁷⁰. A vida litúrgica é uma fonte excelente para a formação dos fiéis; aproveitando as grandes

⁶⁸ A) El estudio de la liturgia: 1º nivel: la crítica histórica, 2º nivel: el estudio de la ciencia ascética. B) La liturgia es la fuente de la vida espiritual: el monge beneditino tiene que alimentar su vida cristiana bebiendo de esa fuente principal (vita spiritualis in liturgia haurienda). C) La difusión y la formación litúrgica. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p.78.

⁶⁹ Cf. Ibidem. p.77-89.

⁷⁰ Cf. SC2.

ocasiões na qual se celebram os mistérios da vida de Cristo, o povo pode entrar em sintonia com uma fonte de graças e ser iluminado pela palavra de Deus. Viver da liturgia é poder encontrar uma fonte segura para edificar uma sólida espiritualidade⁷¹.

A divulgação do pensamento de Dom Beauduin, que continha de modo latente as ideias de São Pio X, aconteceu em mosteiros belgas, franceses, alemães e outros. Como centros de pesquisa, estudos e formação, essas casas religiosas conseguiram divulgar os ideais do movimento litúrgico e dar-lhe impulsos sempre maiores, de modo a provocar o surgimento de outros nomes importantes nas investigações litúrgicas como o renomado Romano Guardini.

1.2.3 – Romano Guardini e a liturgia como centro da vida da Igreja

Nascido em Verona, Itália, Romano Guardini (1885-1968), ainda muito cedo se estabeleceu na Alemanha. Como docente em teologia dogmática e filosofia da religião, escreveu sobre diversos assuntos, inclusive liturgia. Em 1918, publicou *O Espírito da Liturgia*⁷², obra nascida numa época de inquietações⁷³, mas que influenciou a intelectuais como o cardeal Joseph Ratzinger⁷⁴ o qual adquiriu um gosto tão especial pela vida litúrgica que, em 2001, redigiu a *Introdução ao espírito da liturgia*⁷⁵, que conclui:

A obra [de Guardini]⁷⁶ contribuiu substancialmente para a redescoberta da liturgia como centro inspirador da Igreja e da vida cristã na sua beleza, riqueza oculta e grandeza que transcende o tempo. Este livro conduziu a um esforço no sentido de uma celebração da liturgia (palavra favorita de Guardini) mais na sua essência, aprendendo a compreendê-la na sua íntima

⁷¹ Cf. PAULO VI. La liturgia momento di educazione alla fede. *Notitiae*, Vaticano, v.13, n.1-4, p.147-148, [martii] 1977.

⁷² *Von Geist der Liturgie* (1918). A obra está entre as primeiras da série *Ecclesia Orans*, que ofereceu preciosa contribuição à liturgia, e ainda iniciou o movimento litúrgico na Alemanha.

⁷³ Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros ...* Op. cit. p.171.

⁷⁴ Eleito papa em 19 de abril de 2005 e escolheu por nome, Bento XVI.

⁷⁵ *Einführung in den Geist der Liturgie* (2001) – título da obra em alemão.

⁷⁶ Grifo nosso. O autor se refere à obra: *O Espírito da Liturgia*.

aspiração e no fundo da sua forma, como a oração da Igreja, originada e conduzida pelo Espírito Santo, em que Cristo, sempre de novo, se torna nosso contemporâneo, entrando em nossa vida⁷⁷.

Guardini escreveu, além da obra supra citada, muitas outras, entre as quais: *Formação litúrgica* (1923); *Os sinais sagrados* (1922); *Carta ao bispo de Mogúncia* (1940) em que revela que a missão da liturgia é iniciar o homem na autêntica experiência religiosa através da educação intelectual. Uma boa formação cristã é condição essencial⁷⁸ para explorar a profundidade e a riqueza das celebrações do mistério cristão; porque, do contrário, a participação pode não ter os resultados esperados pela liturgia, isto é, o movimento vivo e a participação ativa em que cada um se experimente em união profunda com a Igreja⁷⁹.

Romano Guardini acreditava que uma participação frutuosa na liturgia, especialmente na celebração dos sacramentos, se realiza através do conhecimento dos mistérios da fé e das Escrituras. Aqui está a razão que o levou a defender a formação litúrgica, tema presente na obra *Os sinais sagrados*. Acreditava que *na liturgia não se trata de conceitos, mas de realidades presentes, de realidades humanas em figura e gesto*⁸⁰. Há uma grande preocupação em conduzir os fiéis para dentro do mistério⁸¹, fazê-los descobrir a centralidade de Cristo na liturgia (cf. Ef 4,20-24). As ideias de Guardini convencem seus leitores quanto à descoberta que a comunidade deve fazer: celebrar a fé a partir daquilo que vive, isto é, levar em conta os dramas e contradições da existência, explorar a riqueza simbólica da liturgia, redescobrir o valor da vida de comunidade, reencontrar com as Escrituras, estudar o ensinamento teológico-litúrgico do Magistério e a história da liturgia.

A descoberta da liturgia pelos fiéis se desenvolve a partir de uma verdadeira paixão pela vida de Igreja e pela fé, que se exprime através das celebrações. Esta busca, em Guardini,

⁷⁷ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. Op. cit. p.5.

⁷⁸ *Conditio sine qua nom.*

⁷⁹ Cf. GUARDINI, Romano. *L'esperit de la liturgie*. Op. cit. p.7.

⁸⁰ 'En la liturgia no se trata de conceptos, sino de realidades presentes, de realidades humanas en figura y gesto'. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit.p. 101.

⁸¹ Cf. GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*. Brescia: Morcelliana, 2008. p.27-36.

se intensificou a partir de 1921, quando elaborou um método sistemático para estabelecer a ciência litúrgica, ou seja, os fundamentos da vida litúrgica só têm validade se a práxis celebrativa for considerada. Progressivamente a ciência litúrgica descobriu que o objeto de sua investigação é a compreensão do rito, não a sua explicação.

Embora iniciador do movimento litúrgico alemão, Guardini não possui uma proposta de reforma de ritos e fórmulas litúrgicas, mas admitiu sua legitimidade e necessidade⁸². No entanto, seu interesse se fixou na formação do

[...] sujeito mediante a capacidade simbólica de modo que se desenvolva um método formativo que ajude a entrar na ação celebrativa. Mas, o mais importante é precisamente a formação da capacidade simbólica da liturgia, na qual se vê a ação permanente da ação de Deus⁸³.

O tema da formação litúrgica guardiniano se fundamenta na antropologia⁸⁴ e psicologia; instrumentais capazes de revelar que a formação litúrgica nunca se reduz a abstrações, mas é fundamental considerar a vivência dos fiéis, sua práxis celebrativa; liturgia é vida, ela brota do cotidiano, da relação dos homens entre si e deles com Deus; não pode ser estudada como um frio objeto de pesquisa.

Portanto, tratar de liturgia é considerar o homem por inteiro, isto é, corpo-alma, razão-emoção, sentimento e pensamento⁸⁵; e isto justifica a necessidade de trabalhar a formação litúrgica dos fiéis, pois a vida e a liturgia estão intrinsecamente unidas. Uma formação litúrgica desconectada da vida não tem sentido. Desse modo, sanar as dificuldades

⁸² Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p. 101-103.

⁸³ [...] sujeto, mediante la capacidad simbólica, de manera que se desarrolle un método formativo que ayude a entrar en la acción celebrativa. Pero lo más importante es precisamente la formación del sujeto en el sentido del celebrar, junto con la adquisición de la capacidad simbólica de la liturgia en la que se ve la acción permanente de la acción de Dios. Cf. Ibidem. p103.

⁸⁴ A visão antropológica de Guardini considera o homem em sua totalidade.

⁸⁵ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium. São Paulo: Paulinas, 2005. p.74.

conceituais não é suficiente, mas é preciso iniciar o povo numa práxis litúrgica e ajudá-lo a peregrinar para o coração do mistério, tema que muito interessou a Odo Casel.

1.2.4 – Odo Casel e a presença mistérica de Cristo na liturgia

Odo Casel (1886-1948), natural da Alemanha, deu importante contribuição à história do movimento litúrgico com suas teses sobre os mistérios e o culto cristão. Desde seus estudos universitários suas reflexões revelaram seu gosto pelo tema litúrgico. Em 1912, defendeu, em Santo Anselmo⁸⁶, uma tese de doutorado em teologia com o tema: *Doutrina eucarística de São Justino mártir*; em 1919, concluiu, em Bonn, seus estudos filosóficos com a tese *Sobre o silêncio místico nos filósofos gregos*.

A maior contribuição de Casel, em assunto de natureza litúrgica, é a doutrina dos mistérios. Esta procurava estabelecer uma analogia entre o cristianismo das origens e os cultos mistéricos greco-romanos antigos⁸⁷ vendo neles uma propedêutica à celebração dos mistérios cristãos. Casel parte do conceito teológico do mistério do culto, em que realça primeiramente o aspecto ontológico, isto é, aquele em que o próprio Deus, por meio da liturgia, santifica e eleva o homem; num segundo momento investiga a dimensão psicológica e moral do culto, seguro de estar fiel ao Novo Testamento e aos Santos Padres. Nesta busca, intui a necessidade da colaboração da pessoa humana na resposta à ação da graça divina. Por essa razão, deu um sentido mais profundo e denso a determinados conceitos, entre os quais destacou: graça, sinal, sacramento e liturgia. No pensamento caseliano a graça é o próprio Cristo e sua obra redentora e não só aquilo que dela procede e que os sacramentos comunicam

⁸⁶ Colégio fundado em 1893, em Roma, pelo papa Leão XIII. A finalidade desta fundação estava em favorecer aos jovens monges beneditinos o estudo da teologia na capital da santa Igreja. Cf. ZELLER, Lourenço. O movimento litúrgico. *REB*, Petrópolis, v.2, f.4, p.855, [dezembro] 1942.

⁸⁷ Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p. 123.

como remédio, ou seja, os sacramentos comunicam o que significam, por isso, sua ação é uma verdadeira atualização das ações de Cristo⁸⁸. Disto se conclui que a liturgia é um momento sempre realizador da revelação divina e, por isso mesmo, lhe é outorgado um lugar central na teologia. O próprio autor diz:

O mistério do culto cristão não seria mais do que a resposta divina às maiores aspirações da alma religiosa da antiguidade. [...] ‘A grandeza do cristianismo seria precisamente o haver reunido todas as aspirações e manifestações da religião, inclusive da primitiva, transferindo-a para um nível espiritual superior’⁸⁹.

Para Casel, as culturas antigas já continham a *Semina Verbi*, cujo amadurecimento aconteceu no cristianismo, especialmente na celebração do mistério da redenção. Estes estudos sobre a doutrina dos mistérios foram tão importante que possibilitaram o resgate do Mistério Pascal, centro da liturgia, e a revalorização dos sacramentos como rituais em que se celebra a obra da redenção como no mistério da cruz, sinal da salvação do mundo. Assim, a participação nos sacramentos comporta uma elevação de todo o ser⁹⁰, uma deificação⁹¹ do povo de Deus. Numa palavra, o conteúdo fundamental do mistério, para Casel, é a presença de Cristo na liturgia⁹² que tem por finalidade a santificação do homem e a glorificação de Deus.

Portanto, se entende liturgia pela compreensão do mistério de Cristo e da Igreja, realidades distintas e inseparáveis. A estes resultados Casel só conseguiu chegar através de muitas pesquisas em fenomenologia da religião, história, filologia, antropologia, filosofia.

⁸⁸ Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros...* Op. cit. p.68-69.

⁸⁹ El misterio del culto cristiano no sería más que la respuesta divina a las mayores aspiraciones del alma religiosa de la antigüedad. [...] ‘La grandeza del cristianismo sería precisamente el haber recogido todas las aspiraciones y las manifestaciones de la religión, incluso de la primitiva, transfiriéndolas a un nivel espiritual superior’. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p.131.

⁹⁰ Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros...* Op. cit. p.69.

⁹¹ Pela participação no mistério de Cristo os fiéis são intrinsecamente transformados pela graça de Deus de tal modo que cada vez mais crescem na abertura à ação da graça divina. E em consequência, mais se aproximam de Deus e a ele se assemelham. Cf. DÍAZ MUÑOZ, Guilherma. El texto: “El ser sobrenatural...”. In: *Teología del misterio en Zubiri*. Barcelona: Herder, 2008. p.66.

⁹² Cf. MARSILI, Salvatore. Liturgia. In: NEUNHEUSER, Burkhard. et al. *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987. p.98. (Anámnese, 1).

Suas ideias amadureceram ao sabor de uma existência tumultuada. Até 1926, sua vida estável começou a ficar turbulenta, graças às controvérsias com seus adversários que não simpatizavam com seu pensamento. Apesar dos obstáculos, Casel desenvolveu amplas investigações fundamentadas na antiguidade cristã, patrística, liturgia clássica e no monaquismo antigo. A importância e profundidade de suas pesquisas deixaram marcas profundas na cultura litúrgica da Igreja⁹³, embora seu reconhecimento só ocorreu após sua morte.

A produção de Casel deixa transparecer em sua sede intelectual uma séria busca pelo conhecimento para redescobrir a vida litúrgica da Igreja. Justamente isto faz dele um arauto do movimento litúrgico.

Muitos simpatizantes quiseram ver na encíclica *Mediator Dei*⁹⁴ (1947), uma afirmação das ideias de Casel, mas a Santa Sé desmentiu esta pretensão. Entretanto, é certo que há parágrafos, tanto na *Mediator Dei* quanto na *Sacrosanctum Concilium*, que podem inferir algumas ideias caselianas⁹⁵, embora não signifique interesse em afirmar ou negar as teorias deste sábio teólogo e liturgista.

Há quase quarenta anos do movimento litúrgico, surgiu a *Mediator Dei* que procurou catalisar tendências, harmonizar controvérsias, recuperar alguns conceitos e construir sólidas bases teológicas que pudessem dar sustentabilidade à liturgia da Igreja. Determinada em grande parte pela progressiva afirmação do movimento litúrgico, a *Mediator Dei* quis fazer uma síntese doutrinal da liturgia e reconhecer o seu valor teológico. Pio XII procurou levar a sério a questão litúrgica em razão das controvérsias sobre o tema. Logo nos primeiros parágrafos, a encíclica, além de nomear a sua ideia central, a sagrada liturgia celebrada pela

⁹³ Casel, além das fontes citadas, também tinha como ponto de partida a revelação bíblica. Cf. CASEL, Odo. *Il mistero del culto cristiano*. Roma: Borla, 1959. p.163.

⁹⁴ Escrita pelo papa Pio XII, a *Mediator Dei* é considerada o primeiro e mais importante documento que o magistério elaborou na história, por tratar com exclusividade da temática litúrgica. Por isso, ficou conhecida como a carta magna da liturgia.

⁹⁵ Cf. BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros...* Op. cit. p.69-70.

Igreja como continuadora do sacerdócio de Cristo⁹⁶, combate o exteriorismo e o rubricismo para afirmar a Igreja como continuadora da obra de Cristo presente na ação litúrgica, particularmente na missa, sacramentos, ofício divino e ano litúrgico. Portanto, pela liturgia a Igreja continua a obra da salvação⁹⁷.

Pio XII proveu a formação dos fiéis na sã doutrina e lhes ofereceu os meios necessários à santificação, à medida que realçou a liturgia como fonte primordial para alcançar a perfeição cristã.

Finalmente, a contribuição de Casel, de Pio XII e de tantos outros conseguiu criar, na Europa, uma nova cultura litúrgica para devolver às massas às riquezas da vida litúrgica através da participação ativa do povo de Deus. Numa Palavra, a formação intelectual e a práxis litúrgica sintetizam o que foram os fins do movimento:

Propagar entre o clero e o povo a compreensão e estima pelo culto público que a santa Igreja oferece a Deus em união com Cristo, particularmente pelo sacrifício da missa [...]; promover o conhecimento e a frequência aos sacramentos [...]; avivar a fé e o amor de Deus, promovendo o conhecimento e a participação dos fiéis no ano eclesialístico e explicando os mistérios das festas que se celebram durante o ano [...]; a santificação das famílias cristãs pelas devoções populares, instruindo os esposos que pratiquem no lar as suas devoções em comum no espírito da liturgia, no espírito de adoração e gratidão [...]; visa os sacerdotes que são chamados a celebrar o santo sacrifício, a ministrar os santos sacramentos, a rezar o ofício divino⁹⁸.

O movimento litúrgico conseguiu balançar a Europa e mobilizar forças para renovar a liturgia. O fervor das discussões europeias não tardaram a chegar ao Brasil onde produziu efeitos tão diversificados e benéficos para a liturgia.

⁹⁶ Cf. MD14.

⁹⁷ Cf. JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Op. cit. p.199-205.

⁹⁸ ZELLER, Lourenço. O movimento litúrgico. *REB*, Petrópolis, v.2, f.4, p.864-867, [dezembro] 1942.

1.3 – O movimento litúrgico no Brasil

O movimento litúrgico iniciado na Europa chegou e foi, de certo modo, bem acolhido no Brasil. As cartas pastorais de muitos bispos comprovam a necessidade de reformar a vida litúrgica em muitos estados brasileiros. Boa parte do episcopado deu apoio às novas tendências litúrgicas no país, embora o processo nunca pôde gozar de tranquilidade. A própria CNBB, em 1963, no Plano de Emergência para a Igreja do Brasil, incentivou o movimento em vista de uma vivência sempre mais profunda do culto⁹⁹. Por diferentes regiões, os periódicos publicaram controvérsias entre partidários e opositores das inovações na liturgia.

Mas os adeptos do movimento litúrgico lutaram para que o mesmo se impusesse em todos os Estados, locais em que procurou o apoio de bispos, padres e religiosos. Nesta busca, Dom Martinho Michler foi um colaborador fundamental.

1.3.1 – Dom Martinho Michler e o início do movimento litúrgico no Brasil

Dom Martinho Michler (1901-1988), monge beneditino alemão, exerceu um papel fundamental na reforma litúrgica no Brasil. Em 1930, chegou ao Rio de Janeiro, lugar onde desenvolver um rico apostolado e exerceu grande influxo sobre a juventude; tanto que conseguiu lançar luz no desconhecido mundo da mística, liturgia, Escritura e monaquismo. Na verdade, Dom Martinho conseguiu construir a teologia sob novas bases, enfatizando a necessidade de viver a religião mais que fazer sua apologia; viver as virtudes teológicas para não cair num moralismo; redescobrir o sentido da contemplação cristã para não viver num ativismo estéril¹⁰⁰.

⁹⁹ Cf. CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*: cadernos da CNBB, n.1 – 1963. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p.39. (Documentos da CNBB, 76).

¹⁰⁰ Cf. RIBEIRO, Fábio Alves. Martinho Michler e um testemunho. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.36. n.12, p.29-31, [dezembro] 1946

Dom Martinho veio ao Brasil para lecionar teologia na Escola de Estudos Superiores no Rio de Janeiro. Sua formação específica em liturgia possibilitou-lhe oferecer muitos cursos de formação em paróquias, dioceses em vista de atingir clérigos e leigos.

Sua personalidade franzina marcou a época, pois, em 1933, ao rezar a primeira missa *versus populum*, no Brasil, iniciou oficialmente o movimento litúrgico no Brasil. Naquele ano, a liturgia no país iniciou uma longa trajetória de mudanças.

A congregação beneditina, no Brasil, após passar um período de dificuldade, recebeu restauração em 1895. No entanto, por falta de professores de teologia dogmática, em 1930, o Abade Primaz do Brasil, Dom Fidelis Von Stotzingen, escolheu Dom Martinho para trabalhar no Rio de Janeiro¹⁰¹, local onde alcançou grande sucesso com as aulas de liturgia, pois seu curso se impunha como uma grande novidade aos leigos no país. Junto dos alunos, não tardou em revelar que liturgia é mais que rubricas, gestos, explicações de objetos do culto ou alegorismo; liturgia é vida de Cristo, da Igreja e do mundo. À medida que construía uma teologia da liturgia, seus alunos ficavam admirados, pois muitos nunca tiveram oportunidade de estudar liturgia de uma forma diferente. Aquele era o primeiro curso de liturgia no Brasil¹⁰².

Dom Martinho descobriu o véu da liturgia mediante o estudo, a pesquisa e a formação orientada à prática, pois liturgia é vida. Não tardou e logo o entusiasmo pela liturgia deixou a sala de aula para contagiar outros ambientes como aquele da Ação Católica da qual nasceu o Centro de Liturgia, cuja inauguração aconteceu num retiro espiritual ocorrido entre 10 e 15 de julho de 1933, numa fazenda no interior do Rio de Janeiro. Além da primeira missa *versus populum*, também se fez a experiência da oração comum com o breviário, o que causou espanto e alegria aos jovens em retiro com Dom Martinho, que lhes descobria a riqueza do

¹⁰¹ Cf. ISNARD, José Carlos Clemente. *Dom Martinho: vida e obra do grande abade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro e iniciador do movimento litúrgico no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1999. p.30-32.

¹⁰² A revista *A Ordem* traz um breve artigo apresentando a importância de Dom Martinho para o movimento litúrgico no Brasil. Cf. ISNARD, Clemente Gouveia. O papel de Dom Martinho Michler no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.36, ano. 26, n.12, p.535-545, [dezembro] 1946.

ano litúrgico, e a liturgia da Igreja como um ação viva de todos e não exclusividade do clero¹⁰³; [...] o breviário [...] era praticamente desconhecido pelos fiéis [...] ¹⁰⁴. Através de homilias, cursos, retiros, conferências, aulas e celebrações, Dom Martinho possibilitava, aos seus interlocutores, a iniciação à vida litúrgica através de uma *práxis* fundamentada na reflexão crítica da teologia.

O notável esforço para formar o povo em assuntos tão importantes logo mostrou sua força e necessidade. Por meio do incentivo à missa dialogada, ao uso do missal e do Ofício Divino, o sábio monge conseguiu acender e dar vida ao movimento litúrgico no Brasil. A tarefa de formar para compreender melhor a liturgia, não se restringiu ao Rio de Janeiro, mas se estendeu por diversas outras regiões do país, por meio de conferências, retiros e cursos. As palavras de Alceu Amoroso Lima, uma das grandes figuras do laicato brasileiro na década de 1930, realçam a importância de Dom Martinho:

Sua pregação era exatamente no sentido de um perfeito “*sentire cum Ecclesiae*”. Mas sua palavra abria novos caminhos. Seus esquemas coloridos no quadro negro nos arrancavam de um intelectualismo exagerado, para nos lançar no caminho da vida cristã, realmente vivida com o Corpo Místico do Cristo, pela oração, pela inteligência e pela ação. Foi uma aurora para muitos. Foi uma grande luz para todos¹⁰⁵.

Dom Martinho desencadeou um movimento revolucionário que atingiu todo o Brasil; cada dia mais pessoas, como Dom Henrique Trindade, abraçavam sua proposta de levar avante o projeto de renovar a liturgia e promover a participação ativa e frutuosa de todo o Povo de Deus.

¹⁰³ Cf. SILVA, José Arioaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil: estudo histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983. p.40-42.

¹⁰⁴ ISNARD, Clemente Gouveia. O papel de Dom Martinho Michler no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.36, n.12, p.542, [dezembro] 1946.

¹⁰⁵ LIMA, Alceu Amoroso. Hitler e Guardini. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.36, n.12, p.549-550, [dezembro] 1946.

1.3.2 – Dom Henrique Golland Trindade e a fragilidade da vida cristã

A liturgia, no Brasil, necessitada de reforma, possuía um terreno fértil para que o movimento litúrgico se desenvolvesse. O quarto bispo de Botucatu, Dom Henrique G. Trindade (1897-1974) deu um título curioso à sua quarta epístola pastoral (1949): *Não nos iludamos e trabalhemos*. Neste breve escrito, faz uma análise da obscura realidade de sua diocese. Um primeiro fator é a fraca vitalidade de sua Igreja diocesana na qual se realizavam concentrações, procissões, missas e congressos com um baixo índice de frequência quando comparado àqueles que em nada participavam das atividades de evangelização. O problema se mostrava ainda mais grave ao considerar que algumas presenças nem tinham consciência da razão de sua participação numa ação litúrgica.

Dom Henrique percebia que a participação de vários fiéis nada significava, pois eram números mortos, além de alguns ainda terem inserção em cultos estranhos à fé cristã. A diocese de Botucatu lamentava que multidões frequentassem campeonatos, praças e cinema, mas não tivessem o mesmo ânimo para as ações litúrgicas. Mesmo as cerimônias grandiosas da semana santa atraíam poucos fiéis, embora enchessem as igrejas.

Inúmeros outros agravantes se juntam para aumentar o desespero de Dom Henrique, entre eles a missa dominical pela ínfima presença de fiéis; o batismo, por ser pedido sem nenhuma motivação convincente, sem contar a ignorância de fé de pais e padrinhos ou de pais católicos que nem batizavam os filhos; o matrimônio, com suas cerimônias glamorosas, obscureciam a simplicidade e a piedade da fé cristã; a inexpressão da imprensa católica; as escolas católicas, espaço privilegiado de formação, já não preparavam os jovens à vivência da fé cristã. Por fim, a formação doutrinal das crianças acabava por revelar a falta de convicções dos próprios catequistas, mestres da fé¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Cf. TRINDADE, Henrique Golland. *Não nos iludamos e trabalhemos*: – Quarta pastoral. Petrópolis: Vozes, 1949. p.7-12.

Esta reconstituição de cenário deixa um sabor de inquietação, angústia e sede de mudança. Contudo, já na primeira metade do século XX, a Igreja no Brasil começa a dar seus primeiros passos para uma renovação de sua liturgia, através da formação da consciência dos fiéis que precisavam conhecer as celebrações da Igreja e delas se aproximarem.

A liturgia da Santa Missa e dos Sacramentos é ainda terra desconhecida para grande número de católicos, mesmo daqueles que não vivem afastados das coisas da Igreja, e, quem sabe até pertencem a alguma associação religiosa. [...] Todos nós conhecemos anedotas tristes que exprimem a ignorância religiosa da nossa gente, desde as camadas mais elevadas da sociedade até à nossa gente humilde e boa. E o pior é que vivem satisfeitos, ignorando sua ignorância [...]¹⁰⁷.

Qual pastor desolado, Dom Henrique não ocultava suas angústias diante das dificuldades quanto à formação cristã de seu povo. Esperava uma vida cristã madura nos fiéis, mas encontrou uma religião mágica voltada para superstições; queria vê-los amando a Igreja, porém viviam ignorantes e longe da fé. Muitos fiéis, ainda não convictos da sua crença, não importavam com uma espiritualidade sólida ou com uma liturgia bem participada.

Ao comparar as primeiras décadas do século XX com a primeira do século XXI, embora num contexto diferente, é possível concluir que não existe tanta diferença quanto às dificuldades na assimilação, vivência e celebração da fé. A era digital não facilitou tanto a participação na vida litúrgica, mas fez surgir problemas novos que precisam ser examinados com atenção, mas isto não é objeto desta pesquisa.

Portanto, a minuciosa descrição de Dom Henrique contribui muito com a pesquisa sobre a importância da formação, porque nela vê uma chance de mudar a visão de Igreja presente no seu povo. O descontentamento com a formação cristã do povo não foi vista apenas por Dom Henrique; ela se localizava também em Olinda, Recife, e no Rio de Janeiro.

¹⁰⁷ Ibidem. p.12.

1.3.3 – Dom Sebastião Leme e a intrigante realidade da Arquidiocese de Olinda

Dom Sebastião Leme (1882-1942) desenvolveu um fecundo apostolado na Arquidiocese de Olinda, Recife, e, mais tarde no Rio de Janeiro.

Em 1916, escreveu uma carta pastoral na qual faz um relatório da situação lastimável do catolicismo brasileiro. *É que são católicos de nome, católicos por tradição e por hábito, católicos só de sentimento*¹⁰⁸. *Católicos de sacramentais e não de sacramentos*¹⁰⁹. As palavras de Dom Leme impactaram, mesmo para sua época, pois, afinal de contas, o Brasil há vários séculos, já havia sido colonizado. Desde o descobrimento, em sua maioria, tanto colonizadores quanto aborígenes receberam, dos Jesuítas, o catecismo católico. Mesmo assim, Dom Leme encontrou um país, cuja fé era atingida por muitos males.

Eis a causa última dos nossos males. As verdades, a doutrina, os ensinamentos e os preceitos do Evangelho não são conhecidos com clareza de idéia, nem com fundamento de razões. Muitos não possuem as noções indispensáveis da doutrina cristã; não receberam esclarecimentos precisos sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Da autoridade divina apenas suspeitam. Da instituição divina dos sacramentos ouviram falar [...] Falta-lhes aquela persuasão enraizada que só conseguem inspirar as verdades aprendidas. Desprovida a inteligência, é obvio que pusilânime e fraca se revele a vontade¹¹⁰.

Estas ideias revelam uma crença bem enraizada, mas não uma fé consistente. Os fiéis, quase sem formação cristã, colaboravam para formar *a grande chaga da experiência religiosa*¹¹¹, isto é, uma fé verdadeiramente pouco cristã e muito supersticiosa que outra coisa não fazia senão alimentar a funesta e perniciosa situação da ignorância religiosa¹¹². A falta de formação cristã afetava todas as camadas da população de modo que muitos não aceitavam a Cristo, a Igreja, o evangelho, a liturgia e os sacramentos. Mesmo homens de grande erudição

¹⁰⁸ LEME, Sebastião. *Carta Pastoral*. Petrópolis: vozes, 1916. p.4.

¹⁰⁹ VILAS-BOAS, Mário de Miranda. *1ª Carta Pastoral*. Bahia: Salesiana, 1938. p.44.

¹¹⁰ LEME, Sebastião. *Carta Pastoral*. Op. cit. p.10-11.

¹¹¹ Ibidem. p.21.

¹¹² Cf. Ibidem. p.23.

desprezavam a beleza da fé cristã, a profundidade de seus mistérios e a riqueza de suas celebrações, embora confessassem a fé católica.

Entre as trevas da época, a ignorância religiosa ocupa o primeiro lugar. A falta de instrução na fé atingia desde o último até o primeiro cidadão na organização social; entre os intelectuais, muitos se tornaram incrédulos ou indiferentes, mesmo anticristãos. Nas camadas populares, crescia a superstição, o espiritismo, o fanatismo e uma série de incongruências religiosas. Frente a estes males, em Olinda, Dom Leme não via outro remédio senão a formação religiosa dos fiéis. Nela estava a esperança de mudar o sombrio cenário formado ao longo do tempo.

Conhecer a Jesus Cristo e sua doutrina é a grande obra da instrução religiosa, obra que a todos subleva, porque contém o remédio supremo para os grandes males de nossos dias, males que nasceram todos da ignorância da religião. É no intuito nobilíssimo de saná-los e preveni-los, que haveremos de lançar mão dos seguintes recursos: para a pregação atual, a pregação e a leitura; para a geração de amanhã, a educação no lar, a escola e o catecismo¹¹³.

Portanto, o movimento litúrgico formou-se no Brasil ao longo da primeira metade do século XX e experimentou um *aggiornamento* até que fossem oficializadas as inovações no Concílio Vaticano II. É de se notar que Dom Sebastião Leme procurou desenvolver um trabalho pastoral em que pudesse oferecer condições, tanto ao clero quanto ao povo, de superar os limites de uma formação religiosa deficiente que se arrastava desde muito tempo. Estes males de Olinda também atingiam Garanhuns que, a cada dia, se inquietava para encontrar uma alternativa de mudança na vida religiosa.

¹¹³ Ibidem. p.61.

1.3.4 – Dom Mário Miranda Vilas-Boas e sua 1ª carta pastoral

O movimento litúrgico no Brasil recebeu um impulso importante com a atuação pastoral de Dom Mário Miranda (1903-1968), primeiro bispo de Garanhuns, Pernambuco. Em 1938, em sua quarta carta pastoral¹¹⁴, Dom Mário procurou tratar de diversos assuntos da vida de sua diocese. Entre os temas de sua abordagem, encontrava-se a liturgia na qual realçou algumas das adulterações de sua época.

Todas essas adulterações da vida litúrgica, irmãos e filhos, de par com o laicismo da sociedade produziram essa religiosidade vaga e imprecisa, de festa e foguetório e bandeirola... E a vida cristã se foi dessorando. Substitui-a uma piedade mole, piegas, estéril, que vai da devoção de orações românticas, de papeluchos e amuletos, à grosseria das mais crassas superstições. Que vai do êxtase ante a imagem de Santa Terezinha, à gélida indiferença diante do Tabernáculo. Que conhece a fundo a história dos milagres de Santo Antônio [...] e nunca leu os Evangelhos de Jesus Cristo e as candentes Epístolas de São Paulo¹¹⁵.

Este texto impressiona por seu realismo, mas leva a refletir na necessidade de recuperar uma teologia que dê sustentação à vida litúrgica e que leve em conta a comunhão eclesial capaz de destruir todo individualismo reinante. Àqueles que nasceram após o Concílio Vaticano II quase não acreditam quando tomam conhecimento do cenário dominante na Igreja na primeira metade do século XX no Brasil. Naquele tempo, a vida cristã definitivamente se estiolou, perdeu seu encanto e sua luz. Sem muitos horizontes, a solução foi buscar mudanças mais profundas através de uma renovação da vida cristã.

Dom Mário percebia, no povo, uma fé vaga, dispersa e devocional, desconcentrada do principal, isto é, o mistério de Cristo, centro da liturgia. Em sua pastoral, via a urgência da instrução dos fiéis para poder prepará-los à participação na celebração dos mistérios da fé.

¹¹⁴ A carta de Dom Mário foi um dos acontecimentos mais marcantes no catolicismo brasileiro na década de trinta. Cf. LIVROS. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.24, n. [?], p.90, [setembro] 1940.

¹¹⁵ VILAS-BOAS, Mário de Miranda. *1ª Carta Pastoral*. Op. cit. p.43.

Consequentemente, os escritos de Dom Mário deram maior aprovação aos ideais do movimento litúrgico no país. Suas ideias alimentaram outras como a tradução de livros litúrgicos bilíngues para ser usado no Brasil para o povo participar melhor.

1.3.5 – Dom Beda Keckeisen e a participação dos fiéis na liturgia da Igreja

A necessidade de recuperar o verdadeiro espírito da liturgia fez surgir, no Brasil, materiais importantes que conseguiram ampla divulgação. Dom Beda, abade da Bahia, conseguiu dar os primeiros passos ao ser o primeiro tradutor do missal para língua portuguesa no Brasil.

Quando deixou a Alemanha, em 1913, se impressionou com a passividade com que o povo brasileiro permanecia na celebração eucarística. Profundamente chocado, providenciou rapidamente material no qual instruía o povo quanto ao valor e importância do sacrifício da missa, as partes do rito desta e também de outros sacramentos e a importância da participação dos fiéis. Seus escritos continham pequenas notas, prefácios explicativos e breves instruções para formar os fiéis¹¹⁶. A formação foi a alternativa para mudar aquele quadro lamentável no qual havia enveredado a liturgia. Os materiais tinham a finalidade de formar os fiéis para uma participação mais consciente na liturgia e destruir aquela apatia da assembleia.

Em continuidade a São Pio X, Dom Beda nutria sincero desejo de ajudar o povo a participar da missa de forma ativa e com conhecimento de causa, isto é, compreendendo-a¹¹⁷; queria devolver aos cristãos o amor pela liturgia celebrada e experimentada,

¹¹⁶ Dom Beda, traduziu para o Brasil, a importante obra *No mistério de Cristo* de autoria de Pius Parsch. O volumoso trabalho traz explicações litúrgicas detalhadas das festas e domingos durante o ano. Além disso, se preocupa em desvelar o sentido dos simbolismos presentes na liturgia, o significado das festas e dos tempos litúrgicos, bem como sua importância na vida da Igreja. Formada por três volumes, o primeiro da obra, com 769 páginas, é um verdadeiro manual catequético-formativo aos fiéis; uma obra de grandioso valor pedagógico-litúrgico.

¹¹⁷ Cf. SILVA, José Arioaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil...* Op. cit. p.52.

fundamentalmente, em comunidade e não mais alimentar aquele espírito individualista tão nefasto nas celebrações.

Como chegar a compreender o espírito litúrgico? Predispondo-nos com zelo para a vida litúrgica. Deixemos de dizer “eu” em nossas orações e digamos “nós”. Em nossa vida religiosa, alimentemos a idéia de comunidade e sigamos as formas da liturgia. Não nos detenhamos nos exercícios e objetos exteriores da religião, mas penetremos mais no seu sentido. Sejam a nossa oração e a nossa vida cristocêntricas e teocêntricas¹¹⁸.

Além da tradução de um missal apropriado para o Brasil, elaborou-se material para a Semana Santa, a fim de que, os mistérios que nela se recordam, fossem mais bem compreendidos e celebrados pelo povo.

Os fascículos que antecederam ao missal tiveram larga aceitação; além de orações, trazia uma breve seção formativa sobre as partes da missa. Isto possibilitava, aos fiéis, aprenderem o sentido da missa e assim colher os seus frutos.

Mesmo com poucos recursos e falta de matéria prima, Dom Beda editou, em 1936, a primeira edição do missal cotidiano com o Próprio do Brasil, obra que alcançou um grande sucesso. Dois anos depois, houve uma segunda tiragem do material. Na ocasião, o missal dos fiéis (1933) saiu de circulação, pois o missal dominical (1938) acabara de ser publicado¹¹⁹.

Portanto, Dom Beda deixou um legado muito rico destinado a colaborar na participação do povo na liturgia, bem como para formá-lo na vida de fé. Mas sua obra não atingia todas as camadas sociais. Por essa razão, Dom Polycarpo Amstalden iniciou a publicação dos folhetos litúrgicos.

¹¹⁸ PARSCH, Pius. *No mistério de Cristo: ciclo temporal do calendário litúrgico*. v.1. 3. ed. Bahia: Tipografia Beneditina, 1953. p.24.

¹¹⁹ Cf. SILVA, José Arioaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil...* Op. cit. p.54-57.

1.3.6 – Dom Polycarpo Amstalden e a formação ao alcance de todos

O movimento litúrgico se enriquecia mais e mais, sempre que uma nova personalidade aparecia para apresentar alguma contribuição. Dom Polycarpo Amstalden, monge beneditino, ajudou na renovação litúrgica ao publicar um *Folheto Litúrgico* em São Paulo. Desde 1934, já editava semanalmente um folheto contendo os textos da missa de cada domingo do ano. Além disso, este material trazia rápidas seções de formação sobre o sacrifício eucarístico e punha os fiéis em contato com textos da Escritura.

Em razão do baixo custo e da ampla difusão, o *Folheto Litúrgico* abriu caminho à missa dialogada. Com um material desta natureza, a comunidade podia desenvolver com mais facilidade aquela participação ativa na celebração da eucaristia e conhecer mais as partes da missa e seu sentido.

O *Folheto Litúrgico* recorda o primeiro ensaio do missal, isto é, os *Fascículos Litúrgicos* publicados desde o tempo do advento de 1930, por Dom Beda Keckeisen, enquanto preparava a tradução do missal na edição típica para o Brasil¹²⁰. O folheto ofereceu valiosa contribuição na divulgação do missal de Dom Beda, porém o mais importante é que o movimento litúrgico tinha cada vez maior acolhida no Brasil. Este proveitoso embalo ganhou maior intensidade com Dom Hildebrando Martins e sua produção intelectual.

1.3.7 – Dom Hildebrando Martins e o serviço da imprensa à liturgia

Dom Hildebrando Martins, do mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, trabalhava na editora Lumen Christi, oportunidade que aproveitou para divulgar o movimento litúrgico, através de suas obras: *Missa* ou *Ordinário da missa com breves explicações* (1935) que traz

¹²⁰ Cf. Ibidem. p.58-60.

um prefácio com breves sessões explicativas para ajudar o povo a participar ativamente na liturgia. Também escreveu *Liturgia de Natal, Páscoa e Pentecostes nas Abadias Beneditinas*, por meio das quais procurou conduzir a Igreja à fonte límpida do mistério cristão, através de uma caminhada consciente, livre e esclarecida na liturgia. Em seguida, publicou *Vésperas Dominicais* com a finalidade de despertar a comunidade cristã para a vida de oração e a comunhão fraterna¹²¹.

Em 1947, [...] *no sentido de promover a participação dos fiéis na oração oficial da Igreja, o Ofício Divino, Dom H. Martins promoveu mais tarde outra publicação: Prima e Completas do Breviário Romano. Oração oficial da Santa Igreja para a manhã e a noite*¹²².

Como é evidente, Dom Hildebrando desenvolveu um apostolado riquíssimo, pois dispunha de uma editora para levar adiante os ideais do movimento litúrgico.

Desde os primeiros passos do movimento litúrgico no Brasil, Dom H. Martins já se preocupou em promover a publicação de subsídios preciosos, seja para os fiéis conhecerem melhor a liturgia e o espírito do movimento litúrgico, seja para os fiéis participarem ativa e conscientemente do culto da Igreja¹²³.

Conforme outros liturgistas, Dom Hildebrando tinha a percepção da ignorância que dominava o povo e o clero, bem como a necessidade da formação para fazer as comunidades participarem melhor da missa, colher seus frutos e poder viver melhor sua fé. Os esforços de Dom Hildebrando, para ativar ainda mais o movimento litúrgico no Brasil, atingiram outras ordens religiosas. É o caso do franciscano Henrique G. Trindade.

¹²¹ Cf. Ibidem. p.61-64.

¹²² Ibidem. p.65.

¹²³ Ibidem. p.61.

1.3.8 – Frei Henrique Golland Trindade e a formação litúrgica

Em 1938, Frei Henrique G. Trindade (1897-1974) publicou o livrinho *Sigamos a Missa*¹²⁴, cuja finalidade era ajudar os fiéis a rezarem a missa à semelhança dos primeiros cristãos. A obra procura enfatizar a ciência do mistério celebrado, a piedade, a participação ativa, a vida fraterna e a partilha da fé, ou seja, buscou promover uma liturgia muito viva. A edição do livrinho *Sigamos a Missa* pretendia colocar este material em todas as camadas sociais, principalmente daquela que não podia ter um missal. Portanto, funcionava como uma obra alternativa.

Como são notórias, tanto as grandes quanto as pequenas contribuições formaram um amplo volume de ideias para amadurecer a reforma litúrgica no Brasil. Entre os assuntos que deram molde ao movimento litúrgico, no país, estava a missa dialogada, elemento causador de grandes controvérsias.

Ao se tornar o 4º Bispo da diocese de Botucatu (1948), Dom Henrique começou a aproveitar as visitas pastorais, missões paroquiais, retiros e homilias para formar e orientar o clero e o povo na liturgia em sua diocese. Sua grande importância está, também, em incentivar a montagem de bibliotecas paroquiais para o povo estudar o catecismo, a doutrina e a liturgia¹²⁵. O zelo pastoral fez de Dom Henrique um bispo ousado, inovador, cuja alma de seu apostolado tinha, por meta, a renovação litúrgica.

Desejamos, ardentemente, que se introduza, por toda parte, a oração em comum e o canto em comum. É uma necessidade. Acabemos com os atores e espectadores em nossas igrejas. Todos devem ser participantes ativos, uns como clero, outros como leigos de nossas cerimônias e exercícios de piedade¹²⁶.

¹²⁴ Cf. Ibidem. p.65.

¹²⁵ Cf. TRINDADE, Henrique Golland. *Não nos iludamos e trabalhemos...* Op. cit. p.6-23.

¹²⁶ Ibidem. p.23.

Dom Henrique acreditava poder transformar sua diocese através de um grande trabalho de formação de consciência e de pregações breves e bem preparadas para dissolver uma variedade de problemáticas litúrgicas de seu tempo, entre as quais: a fuga dos fiéis da missa dominical, a apatia nas celebrações, o mau gosto pela estética na arte sacra e pelos cânticos na liturgia. Na verdade, Dom Henrique desejava construir uma nova cultura litúrgica, um contraponto à realidade daquele momento histórico. O enfoque de seu interesse estava na participação dos fiéis, aspecto decorrente da natureza da liturgia e que recebeu grande incentivo com a missa dialogada.

1.3.9 – Dom Tomás Keller: na missa dialogada a excelência da participação dos fiéis

Dom Tomás Keller centrou seu interesse na missa dialogada, porque o posicionamento de certos grupos conservadores no país ameaçava desmerecer e destruir a ideia da missa concelebrada, iniciada por Dom Martinho. Essas provocações ofereceram oportunidade para Dom Tomás Keller escrever uma monografia em defesa do tema. Com uma sólida fundamentação, a obra se tornou um dos mais perfeitos documentos no Brasil sobre a missa dialogada. Entre os melhores argumentos da monografia, está o da participação dos fiéis, em que o diálogo entre presidente e assembleia é uma característica essencial e nunca periférica.

Os estudos de Dom Tomás provaram que a missa dialogada produz verdadeiras transformações na vida do povo¹²⁷. Mas, para conseguir este resultado, é preciso investimento. Com muito empenho, se pode devolver ao povo a verdadeira liturgia viva da Igreja, em oposição a todo artificialismo e mecanização da liturgia¹²⁸.

¹²⁷ Cf. SILVA, José Arioaldo da. *O movimento litúrgico...* Op. cit. p. 70-72.

¹²⁸ Cf. KELLER, Thomaz. A liturgia. *A Ordem*, Rio de Janeiro, Ano 13, n.41-42, p.660, [setembro/outubro] 1933.

A pesquisa sobre o movimento litúrgico revelava como preocupação fundamental a compreensão daquilo que se celebra, especialmente na eucaristia. Muitas das publicações para formar os fiéis, ao longo da primeira metade do século XX, no Brasil, giraram em torno da eucaristia. O tema gerava um grande interesse. Paul Doncoeur, padre jesuíta, num artigo na revista *A Ordem*, ao descrever como as pessoas saíam da missa, revela graves preocupações.

As mulheres, ligeiramente curvas, passavam por mim. Entre elas, algumas santas de certo, que, unidas a Cristo, acabavam de oferecer-lhes o sacrifício de seu próprio calvário. Mas por que esse ar de lassitude no povo? Esses olhares vagos, esses lábios indecisos, quando todos, pelo contrário, ao sair dali, deviam levar o coração renovado de coragem para os seis dias de lidas que se abriam em sua frente? Ao vê-los, de volta, em caminho a seus míseros lares, eu me perguntava angustiado, o que estariam eles a levar, aqueles que não são santos, em matéria de alegria, de luz?¹²⁹

Muitos textos da primeira metade do século XX retratam o enfado da missa. Por isso, a necessidade de compreendê-la melhor gerou tantas reflexões. Não seria possível continuar com a inércia e o silêncio das assembleias, o devocionismo¹³⁰ e a reza do terço. A liturgia havia atingido um nível de compreensão muito baixo; ela se distanciou consideravelmente do centro do mistério de Cristo. Uma inevitável renovação se impunha. A chave da mudança encontrava-se em marcha e chamava-se movimento litúrgico com tudo o que conseguia produzir por reflexão e materiais para uso das comunidades brasileiras. Numa Palavra, os fiéis precisavam ser reeducados na vida religiosa, voltar a sentir com a Igreja e combater todo individualismo, laicismo e paganismo moderno para poder conhecer a Cristo¹³¹.

Como líderes e formadores de consciência, os padres possuíam a chance de desenvolver uma verdadeira revolução nas mentalidades. Mas, antes, eles precisavam ser bem formados na teologia, na sua visão de Igreja, na Escritura e em outras disciplinas afins; do

¹²⁹ DONCOEUR, Paul. Retorno à liturgia viva da missa. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.[?], n.[?], p.216, [março] 1938.

¹³⁰ Cf. TRINDADE, Henrique Golland. *A diocese somos nós, são as almas*: pelo seu cinquentenário – Sétima pastoral. Petrópolis: Vozes, 1958. p.13.

¹³¹ Cf. KELLER, Thomaz. *A liturgia*. Op. cit. p.661.

contrário, a mudança não lograria êxito. Por isso, a formação seminarística tinha a responsabilidade de preparar um clero intelectualmente capaz de combater toda forma de mediocridade religiosa, exageros, espiritualismos, ignorâncias da fé vivida e celebrada.

1.4 – À guisa de conclusão

O movimento litúrgico, inegavelmente, deixou um legado muito positivo à história da liturgia, sobretudo, pela produção de obras e pelos ideais que divulgou. Contudo, imbuído do espírito iluminista, também produziu efeitos questionáveis. O seu contraponto é fruto do iluminismo, movimento filosófico, cultural e político do século XVIII que se difundiu na Europa, especificamente, na França, Alemanha, Inglaterra e Itália, sobretudo, entre intelectuais e burgueses. A cultura iluminista se caracterizou fundamentalmente por uma decidida confiança no poder da razão. Desejosa de construir uma nova cosmovisão, não tardou em se libertar, fundamentalmente, dos dogmas metafísicos, das leis da moral e da religião ao reafirmar sua confiança no poder do conhecimento científico e técnico. Assim, herdeira do empirismo, a razão iluminista procurou submeter, indutivamente, todos os conteúdos do conhecimento humano à análise crítica da razão, em oposição ao conhecimento metafísico amplamente dedutivo e sistemático tão difundido nos séculos anteriores¹³².

O movimento litúrgico recebeu da herança iluminista o otimismo e o empenho pelo progresso, fruto de uma grande confiança no poder racional por acreditar ser ele capaz de resolver os muitos problemas que envolviam a liturgia que, após Trento, tornou-se demasiado rubricista, esteticista e devocional com distanciamento entre clero e povo. Disso frutificou uma religiosidade pouco esclarecida em que vários elementos estranhos a ela se agregaram.

¹³² Cf. REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. O iluminismo e seu desenvolvimento na França, Inglaterra, Alemanha e Itália. In: *História da filosofia: de Spinoza a Kant*. v.4. São Paulo: Paulus, 2005. p.217-222.

Ao apregoar a força da mente humana no poder de buscar e encontrar a verdade, o iluminismo acabou por revelar sua própria fragilidade, uma vez que as verdades metafísicas, tão reais como as empíricas, não encontravam lugar nos postulados do racionalismo. O crédito tributado à razão ficou evidente nas ideias de Immanuel Kant (1724-1804) para quem o homem deve ter a coragem de servir-se da própria inteligência na procura da verdade e, por isso mesmo, não pode permanecer reduzido à minoridade, isto é, na incapacidade de valer-se do próprio intelecto e, por isso mesmo, depositar nas mãos de outro, tal empreendimento¹³³.

Quando se deu conta, o movimento litúrgico já havia se enredado no emaranhado de teias que o racionalismo havia estendido por toda a Europa. Com isso, a forte influência iluminista atingiu os defensores da reforma litúrgica os quais deixaram transparecê-lo sutilmente em suas ideias reformistas. É compreensível, sob o corte iluminista, a ousadia dos liturgistas em realizar um empreendimento formativo capaz de transformar as estruturas de base da Igreja e fazer retornar o clero e os fiéis àquela liturgia plenamente ativa e participativa como a dos primeiros séculos do cristianismo; tempo no qual a liturgia se apresentava como um grande estandarte para manifestar a Igreja ao mundo e edificar, na fé, os fiéis¹³⁴. Contudo, o problema da liturgia não encontrou total solução sob o viés iluminista, cuja pretensão não fora outra, senão encontrar uma justificativa científica aos saberes do homem. E aqui algumas questões se apresentam como contraponto ao movimento racionalista que, certamente, não conseguiu dar conta de produzir uma hermenêutica capaz de justificar toda a complexa realidade antropológico-cultural na qual o homem se encontrava absorvido.

A liturgia não pode ser reduzida a uma simples lógica matemática na qual, conhecer é o critério fundamental para celebrar bem. É verdade que isto é um componente de alto valor, mas que não esgota os elementos capazes de permitir uma experiência profunda do mistério de Cristo pela liturgia, porque há outros aspectos além desta margem racionalista. Como

¹³³ Cf. Ibidem. p.217.

¹³⁴ SC 2.

exemplo pode-se destacar o símbolo, sua força conduz toda uma assembleia celebrante para além da significância que um objeto possui em si mesmo. Assim, a vela não é apenas uma composição de parafina que, unida a um pavio, tem a finalidade de iluminar; como símbolo, à vela podem-se atribuir outros significados, entre eles o da fé, expressão do mistério.

A liturgia explora com largueza a simbologia¹³⁵, pois o mistério não se exaure apenas em categorias racionais e explicativas, mas exige a presença de outros recursos. Conhecer é um elemento fundamental para celebrar bem, mas precisa ser enriquecido por outros aspectos da vida humana, pois a liturgia, por sua própria natureza, exige extrapolações. Isto justifica por que fiéis, sem qualquer instrução sobre liturgia, mas com um pouco de percepção, conseguem descer na profundidade do mistério e experimentá-lo. E para isto não é necessário nenhum esforço extraordinário de quem preside a celebração; por vezes, pode bastar uma leitura bem proclamada, uso adequado de símbolos, a tonalidade da voz, os silêncios e as orações. Tudo na liturgia pode e deve ser veículo para o mistério. Fato comum é quando um salmo bem entoado tem o poder de ingressar toda uma assembleia no interior do mistério ou conduzi-la às alturas; numa palavra, a liturgia tem o poder de mergulhar a Igreja no mistério de Deus e realizar a comunhão entre o céu e a terra. Não há dúvida, no plano da fé, a liturgia é antegozo das realidades novas que hão de se manifestar aos fiéis que ainda peregrinam no mundo. Mas, diga-se de passagem, a capacidade de simbolização e a sensibilidade para com o mistério não justifica viver numa ignorância litúrgica. Certamente o conhecimento dos mistérios da fé pode e deve oferecer muitos outros recursos para que os fiéis façam uma experiência mais intensa da pessoa de Cristo e o saboreiem com uma profundidade sempre maior.

Ao trabalhar com símbolos, a liturgia consegue levar os fiéis muito além da palavra ou do significado de cada coisa. Exemplo disso é o pão e vinho, matérias da eucaristia. Dentro

¹³⁵ Cipriano Vagaggini ao escrever *O sentido teológico da liturgia* discutiu com muita propriedade a importância dos sinais e símbolos na liturgia da Igreja. Cf. VAGAGGINI, Cipriano. A liturgia como complexo de sinais sensíveis. In: *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. pp.39-103.

do modelo de reflexão iluminista, talvez, fosse impossível ir além da materialidade desses alimentos. Mas na dimensão simbólica, misteriosa e sacramental, esses alimentos, quando transubstanciados, guardam uma outra realidade, nova e extraordinária, captada apenas aos olhos da fé e que podem comunicar vida, não apenas corporal, mas principalmente espiritual, isto é, a vida nova escondida em Cristo ressuscitado (cf. 1Cor11,23-26)¹³⁶. Disso se conclui que os ritos e os símbolos colaboram, essencialmente, para formar uma comunidade orante.

Outro campo que o movimento litúrgico, por influxo iluminista, deixou na sombra, foi o da arte. Esta fala muito mais pelo sentimento e pela intuição do que pelas categorias racionais. Mas a liturgia trabalha constantemente o belo. *A beleza não existe apenas para um deleite pessoal, para o prazer dos sentidos, mas para uma abertura, para entrada numa vida plena que nos reorganiza e cria pessoas de fibra*¹³⁷.

A beleza é uma das categorias importantes da liturgia, porque trabalha elementos antropológicos, teológicos, filosóficos e literários¹³⁸ na celebração; e isto aparece de muitos modos nas celebrações: na construção do espaço celebrativo, na música, nas vestes dos ministros, no simbolismo, nas pinturas, nas imagens dos santos, nas cores litúrgicas, nas formas do mobiliário, nos vasos e livros sagrados bem como nas alfaías. A beleza fala muito mais ao coração do que à mente; ela tem o poder de tocar, em profundidade, o homem, criar nele imagens, mexer com sua sensibilidade e imaginação. Na verdade a beleza externa serve de caminho para a verdadeira Beleza do Cristo Jesus, aquele que, por trás da paradoxal aparência de um crucificado, esconde a plena beleza; não sob o aspecto da estética, mas principalmente na perspectiva ontológica, do Cristo que, na sua bondade, oferece a si mesmo, de forma total ao homem, salvando-o definitivamente. Nisto está a verdadeira beleza. O papa Bento XVI, numa obra recente sobre a eucaristia disse que a beleza da liturgia celeste deve

¹³⁶ Cf. MALDONADO, L.; FERNÁNDEZ, P. La celebración litúrgica: fenomenología e teología de la celebración In: Dionísio (Dir.). *La celebración en la iglesia: liturgia y sacramentología fundamental*. v.1. Salamanca: Sígueme, 2006. p.205-357. (Lux mundi, 57).

¹³⁷ PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008. p.22.

¹³⁸ Cf. AGNELO, Geraldo Magela. A beleza na liturgia: discreto e humilde reflexo da beleza de Deus. *COMMUNIO*, Rio de Janeiro, v.27, n.4, pp.945-952 [outubro/dezembro] 2008.

refletir-se em nossas assembleias litúrgicas¹³⁹. *Todos somos feridos pela beleza, e percebemos essa situação porque a beleza serena a alma, educa por inteiro, purifica o ser e chega a ferir, pois a beleza nos sacia e nos esvazia ao mesmo tempo*¹⁴⁰. Por isso, o movimento litúrgico, ao criticar o esteticismo, se arriscou ao chamar atenção para os seus exageros da arte sacra.

Ao lado do símbolo e da beleza, o rito é um terceiro elemento que merece destaque. A ritualidade presente nas ações litúrgicas tem, igualmente, a finalidade de conduzir para o interior do mistério, fazer a comunidade celebrante mergulhar no oceano infinito de Deus para poder contemplá-lo e se comprometer com sua Palavra. Quando o movimento litúrgico fez sua crítica ao rubricismo, acabou por arriscar-se num relativismo que pode ter causado certos prejuízos à ritualidade das celebrações. Disto se infere que a crítica é necessária, mas é preciso ser cautelosa para não cair em polarizações.

Portanto, o movimento litúrgico, com seus ideais de renovação, promoveu um grande avanço na liturgia da Igreja por ajudar a devolver aos fiéis a inteligência da fé, a participação ativa e o amor aos mistérios celebrados no altar¹⁴¹. Sua contribuição por maior que tenha sido, não pode ser absolutizada, já que todo extremismo provoca prejuízos. Mas é preciso admitir, o movimento litúrgico, pastoralmente, conseguiu ser portador de esperança e vida para a renovação da Igreja¹⁴². Por isso, é preciso recolher seus melhores frutos; e de todos eles, o maior é a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Desse modo, o próximo capítulo tratará daqueles aspectos que dizem respeito diretamente à formação litúrgica do clero e suas implicações para a vida eclesial.

¹³⁹ Cf. SC 96.

¹⁴⁰ Cf. PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza...* Op. cit. p.27.

¹⁴¹ Cf. GOMÁ Y TOMÁS, Isidro. Causas de la crisis – el ambiente social. In: *El valor educativo de la liturgia católica* v.2. Barcelona: Casulleras, 1954. p.278-279.

¹⁴² VQA 1.

CAPÍTULO II – *SACROSANCTUM CONCILIUM*: A REFORMA GERAL DA LITURGIA E A CONSEQUENTE URGÊNCIA DE FORMAÇÃO LITÚRGICA

O capítulo precedente ofereceu uma síntese histórica sobre a importância do final do século XIX e a primeira metade do século XX para a liturgia, ao destacar as contribuições do movimento litúrgico. Este processo atingiu considerável maturidade com o surgimento da Carta Encíclica *Mediator Dei* (1947), carta magna da liturgia. Esta obra do papa Pio XII procurou, entre outros aspectos, enfatizar a importância da participação interna e externa na liturgia. Com isso, denunciava o exteriorismo e o rubricismo, práticas tão frequentes na época¹⁴³.

O desenvolvimento litúrgico empreendido por esse documento conciliar, realçou a necessidade de uma reforma litúrgica mais ampla para poder atingir as bases teológicas da ciência litúrgica. Não cabiam apenas mudanças de natureza prática e externa, mas era preciso transformar o espírito da liturgia; sentia-se a necessidade de resgatar a originalidade daquilo que, durante séculos, alimentou, primordialmente, a fé e a espiritualidade dos cristãos. A culminância desse processo deu-se, no Concílio Vaticano II, com a promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium* (04.12.1963).

A Constituição Litúrgica é fruto de uma série de eventos que a precedeu e da ação do Espírito Santo que iluminou o Magistério da Igreja na leitura dos sinais dos tempos para devolver aos cristãos aquela rica e fecunda fonte de vida, para alimentar a sua fé e o seu engajamento na transformação do mundo.

Por seu enfoque pastoral, o Concílio catalisou várias práticas e tendências litúrgicas em marcha na Igreja. Por isso, os padres conciliares viram, na reforma litúrgica, uma necessidade inadiável para sua época¹⁴⁴. Impelida por sua fidelidade a Cristo e se sentido

¹⁴³ Cf. MD 22.

¹⁴⁴ Cf. LG 1.

chamada por Ele a anunciar o Evangelho da salvação a todos os povos, a Igreja redescobriu o espírito da liturgia através do impulso à participação ativa dos fiéis¹⁴⁵ e na valorização de uma Igreja toda ministerial.

Neste *aggiornamento*, a Igreja encontrou na categoria Povo de Deus,¹⁴⁶ o caminho para a valorização do sacerdócio comum dos fiéis em comunhão com o sacerdócio ministerial, de modo que um se ordene ao outro, excluindo qualquer oposição entre ambos¹⁴⁷. Esta teologia deu um sólido suporte para justificar a participação ativa dos fiéis nas ações litúrgicas, eliminando aquele distanciamento entre clero e leigos originado durante o segundo milênio cristão. Junto da participação ativa a Constituição Litúrgica resgatou o Mistério Pascal, centro de toda liturgia.

Um dos grandes méritos da reforma litúrgica conciliar foi enfatizar, como um refrão, a participação ativa de todos os fiéis batizados na celebração do mistério pascal de Jesus Cristo. Embora faça parte da natureza da liturgia celebrada e da prática dos primeiros séculos, tal prática acabou sendo bastante obscurecida num determinado período da história, por causa da maneira de o clero atuar na celebração litúrgica, deixando à margem a participação de todos os fiéis batizados, os quais, aos poucos, foram relegados a um papel de mera assistência ao mistério celebrado¹⁴⁸.

Posto como centro da vida litúrgica, o Mistério Pascal recuperou o lugar que tivera no início da fé cristã. Isto significou um resgate teológico importante, porque apresentou tal mistério como a síntese de toda a obra de Cristo¹⁴⁹.

O texto da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, o primeiro a ser aprovado no Concílio Vaticano II, se compõe de sete capítulos onde foram trabalhados os vários aspectos da liturgia. O fecundo serviço dos padres conciliares, ao aprovar a Constituição Litúrgica, finalizou aquela fase de elaboração e discussão de projetos sobre o assunto. Em seguida, ao

¹⁴⁵ Cf. SC 30. 48.

¹⁴⁶ Cf. LG 9-17.

¹⁴⁷ Cf. LG 10.

¹⁴⁸ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação*: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium. São Paulo: Paulinas, 2005. p.45.

¹⁴⁹ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. Il mistero Pasquale “culmen et fons” dell’anno litúrgico. *Rivista Liturgica*, Torino, v.62, n.2, p.151, [marzo/aprile] 1975.

levar à prática as determinações conciliares, a Igreja, *a priori*, preocupou-se com a formação litúrgica do clero,¹⁵⁰ sem a qual não seria possível despertar e alimentar, nos fiéis, aquela participação plena, cônica e ativa nas celebrações litúrgicas¹⁵¹.

Os seminários e casas religiosas, o quanto antes, deviam formar seus ministros no espírito da liturgia renovada, através da capacitação dos professores e da inserção da teologia litúrgica entre as matérias necessárias e mais importantes a serem estudadas, pelo futuro clérigo, nas faculdades teológicas, entre as mais importantes¹⁵². Por isso, o artigo 16 da Constituição destaca os aspectos necessários a uma profunda formação litúrgica dos padres: teológico, histórico, espiritual, pastoral e jurídico. Contudo, no ensino do mistério de Cristo e na apresentação da história da salvação, algumas disciplinas teológicas, segundo o objeto próprio de investigação de cada uma, deverão colaborar na formação litúrgica dos padres da Igreja: Teologia Dogmática, Sagrada Escritura e Teologia Espiritual e Pastoral.

Este programa disciplinar, ricamente estabelecido, quer formar uma consciência amadurecida naquilo que é a liturgia renovada pelo Vaticano II. É verdade que há certas práticas litúrgicas que corroboram uma frágil formação teológico-litúrgica. Demonstram isso, a dificuldade de estabelecer, com clareza, as fronteiras entre a realidade litúrgica anterior e pós-conciliar. Com frequência, encontram-se na Igreja certos movimentos extremos que oscilam:

[...] por um lado, os vanguardistas que pedem plena liberdade para uma formação quase espontânea da celebração litúrgica e da própria oração eucarística; de outro, grupos conservadores que defendem, às vezes fanaticamente, o uso (só) da língua e a conservação da liturgia de Pio V [...] ¹⁵³.

¹⁵⁰ Cf. SC 16,17.

¹⁵¹ Cf. SC14.

¹⁵² Cf. SC16.

¹⁵³ NEUNHEUSER, Burkhard. *Historia da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007. p.227-228.

A necessidade de compreender, de forma mais profunda, o espírito da renovação litúrgica ainda não se estabeleceu muito bem no clero. Faz-se mister rever alguns pilares da formação sacerdotal no mundo contemporâneo para abrir espaço maior a uma formação litúrgica mais ampla, sólida, consciente e amadurecida, de modo particular naqueles que já labutam na vinha do Senhor para eliminar as incongruências existentes. Este não será um serviço apenas das casas de formação, mas também das faculdades teológicas.

A posteriori a renovação litúrgica quis reformar os livros litúrgicos e adaptá-los à realidade dos diversos povos¹⁵⁴ do mundo em vista de tornar acessível, a todos, a riqueza da liturgia da Igreja. Esta estratégia de abertura, de notável importância para a aplicação da renovação litúrgica, facilitou a inserção da liturgia aos diversos povos, de modo a lhes entregar, na própria língua e segundo os próprios costumes, toda a beleza e profundidade da liturgia na apresentação do Mistério Pascal de Cristo¹⁵⁵. É merecida, aqui, uma crítica a quem ainda não descobriu os livros litúrgicos, e neles, uma rica teologia, fonte de formação e enriquecimento espiritual em vista da participação, de todo o coração, na celebração dos mistérios sagrados¹⁵⁶. É pena que muitos padres ainda não leram as *prenotandas* dos rituais dos sacramentos ou nem mesmo as ricas informações e orientações teológico-litúrgicas da *Instrução Geral sobre o Missal Romano*. Se, nos padres não existir um crescente e sério interesse por conhecer mais e melhor a liturgia, não será possível encampar, no terceiro milênio cristão, o espírito da liturgia renovada. No Brasil, por enquanto, este processo acontece devagar, mesmo com os textos já publicados pela CNBB, desde 1963, para receber e implantar a renovação conciliar¹⁵⁷.

¹⁵⁴ Cf. SC 38.

¹⁵⁵ Cf. SC37-39.

¹⁵⁶ Cf. SC17.

¹⁵⁷ A CNBB já publicou bons documentos para dar orientações litúrgicas: *Pastoral da música litúrgica* (1976), *Animação da vida litúrgica no Brasil* (1989), *Orientações para a celebração da Palavra de Deus* (1994). Todos estes documentos foram publicados por Paulinas editora.

1 – A Constituição *Sacrosanctum Concilium* e suas diretrizes sobre a formação litúrgica

O texto da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, ao tratar com profundidade do tema litúrgico, apresentou a liturgia como fonte e cume da vida da Igreja¹⁵⁸, embora esta não exaure toda a sua ação, porque [...] *existe a ação que a precede, como o anúncio do Evangelho, e outras que a sucedem, como a oração individual e a ação de caridade*¹⁵⁹. O Concílio fez tal afirmação da liturgia a partir de uma fundamentação teológica, dogmática, bíblica, histórica, eclesiológica, antropológica e pastoral. Todavia, para melhor compreender tal assertiva, é preciso entender o sentido e a necessidade da formação litúrgica.

1.1 – O que é formação litúrgica?

A preocupação com a formação litúrgica não é nova¹⁶⁰ na história da Igreja. Desde sua origem, interessou-se por iniciar os fiéis no mistério da fé. Esta prática permaneceu constante e foi inculturando-se na vida dos povos nas diferentes épocas da história da Igreja.

Hoje, mais do que nunca, os novos contextos sociais, culturais, políticos e religiosos exigem formação litúrgica para a comunidade celebrar bem, integralmente e com toda riqueza de significado, o Mistério Pascal de Cristo. Este ideal só é real na medida em que ocorre uma iniciação séria à vida litúrgica. É um processo que não se reduz a conhecer racionalmente a teologia litúrgica, a ritualidade, o direito litúrgico ou simplesmente estar numa assembleia, porque *A liturgia é uma realidade unida à fé e à expressão pessoal e social da vida da Igreja*.

¹⁵⁸ Cf. SC 10. Emanuele Bargellini, monge beneditino, no prefácio de uma importante obra de Cipriano Vagaggini, diz ser esta a afirmação-chave do Concílio. Cf. VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p.19. Veja também: SC10.

¹⁵⁹ BECKHÜUSER, Alberto. Liturgia, cume e fonte da vida dos discípulos e missionários de Cristo. In: COSTA, Valeriano Santos (Org.). *Liturgia: peregrinação ao coração do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2009. 127.

¹⁶⁰ Cf. PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p.485; MD 192.

*[...] é preciso não só conhecê-la teoricamente, mas experimentar o que significa a participação no mistério que nela se celebra e se comunica eficazmente*¹⁶¹.

A formação litúrgica carece de um outro conhecimento, *[...] mais amplo e profundo, que brota e desenvolve no nível do coração. É o conhecimento do amor e da comunhão cósmica, que elaborou uma sabedoria sobre a vida e o universo, que tem acertado muito mais do que se possa imaginar*¹⁶².

Esta questão é séria; a liturgia não desceu ao coração¹⁶³ dos padres, mas ficou em sua cabeça durante seu percurso formativo. Mesmo no curso de graduação em teologia, o tema litúrgico encontra um reduzido espaço dentro da grade curricular. Não que deva ocupar a maior parte dos estudos teológicos, mas bem que mereceria um cuidado maior, especialmente se outras disciplinas estabelecessem relação interdisciplinar com a liturgia. Esses e outros motivos, acabaram até por colocar a liturgia muito no plano racional e pouco ou quase nada no afetivo. Por sua própria natureza, a liturgia exige a ritualidade e envolve a *[...] racionalidade da fé com a densidade das emoções [...] Na liturgia celebrada, razão e emoção se entrelaçam e se completam*¹⁶⁴. Se na graduação, os alunos não recebem iniciação mistagógica à liturgia, mas apenas certos conteúdos teológicos em vista do exercício do ministério pastoral, então, seu processo de formação litúrgica não se completou. Ficou muito defasado.

Na atualidade existe certa tendência ao rubricismo, por parte de alguns grupos desejosos do retorno à liturgia tridentina. Esta preocupação aparece, sobretudo, no ritualismo rubricista. No oposto, outras correntes, querendo uma grande participação dos fiéis,

¹⁶¹ LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. v. 2. Petrópolis: Vozes, 1997. p.299.

¹⁶² COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.77.

¹⁶³ A atividade psíquica, na bíblia é associada a vários órgãos do corpo, mas o coração é o principal deles. Por isso, nele se exprime as reações emocionais como a alegria, tristeza, desapontamento, aflição, inteligência (1Rs5,9), medo, angústia, inquietação; também significa a sede da inteligência e da vontade. Assim, o homem é o que o seu coração é. Cf. MACKENZIER, John L. Coração. In: *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984. p.183-184.

¹⁶⁴ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.48.

promovem verdadeiros *shows*, para cativar multidões e lhes possibilitar uma espécie de catarse duvidosa quanto à transformação da vida e ao engajamento na missão evangelizadora, razão de ser da Igreja¹⁶⁵. Estas experiências são muito polarizadas, porque, ou supervalorizam o lado racional ou o emocional na liturgia. O ponto de equilíbrio desafia os presbíteros. Estas tendências têm caracterizado bem certos grupos no Brasil. Por isso, é preciso perguntar, até que ponto os padres conhecem, experimentam e vivem a liturgia renovada. A realidade apresentada não seria um sinal de Deus a indicar outros caminhos a serem trilhado pelos padres, mestres na liturgia¹⁶⁶? Impossível oferecer aquilo que não existe. A fragmentação do agir litúrgico apura a fraca formação litúrgica conseguida, bem como a necessidade de realizá-la. Participar na liturgia exige um processo de iniciação.

É preciso conhecer o mistério de Cristo (com a mente) para poder se identificar com ele (com o coração). O problema da liturgia está na falta de iniciação ao mistério, que a evangelização e a catequese têm o dever de proporcionar. Para amar é preciso conhecer e para conhecer de verdade é preciso amar¹⁶⁷.

Aqui está uma fonte importante dos problemas vividos hoje pela Igreja na celebração do Mistério Pascal de Cristo. Por vezes, certas atitudes de fiéis muito engajados na pastoral da Igreja provocam sérias preocupações sobre o modo viver e celebrar a fé. A Igreja católica, com todo o seu aparato doutrinário fundamentado na Escritura e na Tradição, não tem conseguido manter freqüentes, nas igrejas, alguns fiéis que militaram tantos anos no apostolado. Muitos migraram para o protestantismo; decidiram ficar só com a Escritura e abandonar a Tradição, pois mesmo sem esta, no protestantismo, dizem ter encontrado e experimentado a Deus. E quem ficou se questiona: por que fico no catolicismo? Por que pessoas com mais de quarenta anos de militância deixaram o catolicismo? Muitas são as justificativas. Mas aqui, o nosso olhar se dirige para a liturgia. Por que a liturgia, com toda a

¹⁶⁵ EN14.

¹⁶⁶ Cf. SC 14; VQA 15.

¹⁶⁷ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.80.

sua força, simbolismo, ritualidade e a incrível beleza da arte sacra, nas igrejas, não conseguiu vencer os que mudaram de religião a se manterem fiéis? *Nossas celebrações litúrgicas deveriam ser o principal chamariz da Igreja e o momento cume e fonte da nossa vida de fé*¹⁶⁸. A ação pastoral não tem conseguido este objetivo porque falta iniciação litúrgica na vida dos fiéis, o que torna urgente uma ação pastoral capaz de ajudar o povo a realizar um caminho de fé capaz de levá-lo a completar ou aperfeiçoar sua inserção na vida cristã dispondo-o a uma maior adesão no seguimento de Jesus¹⁶⁹. Em outras palavras, é necessário recuperar [...] *a idéia de liturgia como um ato que dá prazer e nos envolve na alegria que o mistério pascal trouxe para a humanidade*¹⁷⁰.

A formação litúrgica, processo muito mais amplo que uma simples formação científica, exige considerar liturgia como vida e ação; vida interior profunda em nível pessoal e de comunidade, e como ação de assembleia e ministros, sujeitos ativos da celebração¹⁷¹. Desse modo, é primordial a frequência às ações litúrgicas para que, gradualmente, cada fiel seja introduzido no mistério de Cristo. Somente um sério compromisso com a iniciação litúrgica poderia dar um salto na qualidade da participação na liturgia: de uma assistência passiva para uma participação ativa, consciente e frutuosa, capaz de modificar as atitudes da pessoa.

É preciso que a formação inicie os fiéis na vida litúrgica através da mistagogia, enquanto [...] *introdução progressiva e gradual na vida litúrgica da comunidade cristã, nos sacramentos ou mistérios sagrados nos quais se realiza a obra de nossa salvação*¹⁷². Assim, a iniciação cristã deve partir de uma profunda e verdadeira experiência de vida de fé para alcançar progressos sempre maiores para ajudar os iniciados a viverem, de uma forma sempre

¹⁶⁸ Ibidem, p.39.

¹⁶⁹ Cf. BRUSTOLIN, L. A.; LELO, A. F. *Caminho de fé*: itinerário de preparação para o batismo de adultos e para a confirmação e eucaristia de adultos batizados – livro do catequista. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2009. p.32.

¹⁷⁰ COSTA, Valeriano dos Santos. Resgate da mística na liturgia a partir do Concílio Vaticano II. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v.17, n. 68, p.29, [julho/dezembro] 2009.

¹⁷¹ Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.305.

¹⁷² FEDERICI, T. *La mistagogia della chiesa: ricerca spirituale*. In: ANCILLI, E. (Dir.) *Mistagogia e direzione spirituale*. Milão. Apud. LÓPEZ MARTÍN, Julián. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.307.

mais rica e fecunda, o dom precioso da salvação celebrado na liturgia. A mistagogia levará os fiéis avante, inserindo-os numa verdadeira experiência de Igreja em missão. Iniciar na liturgia é mais do que simples transmissão de conteúdos, é conduzir pastores e fiéis para além de uma participação meramente externa. Enquanto a comunidade permanece fixa nos aspectos externos da liturgia, praticamente nada progrediu na renovação conciliar¹⁷³.

Quanto aos objetivos da formação para uma boa iniciação litúrgica, é preciso conferir aos fiéis uma forma de vida unitária e equilibrada para desenvolver, em cada um deles, a capacidade de assumir determinado comportamento cristão, considerando a visão de mundo e maturidade pessoal. Desse modo, a formação litúrgica tenderá a conduzir a comunidade a uma vida espiritual profunda¹⁷⁴.

A vida interior e espiritual, que se manifesta na reflexão e na meditação, na capacidade de contemplação e adoração, no gosto pela beleza e pela verdade, constitui o nível mais difícil, especialmente diante de uma liturgia na qual às vezes primam demasiadamente as palavras e a ação¹⁷⁵.

No progresso gradual na vida litúrgica os fiéis ampliam seu horizonte eclesiológico, começam a compreender a Igreja para além de sua comunidade de fé; a enxergarão como mistério de fé e sinal de salvação para os povos. E isto é um aspecto essencial da celebração¹⁷⁶, porque possibilita um sentir com a Igreja, porque está em comunhão com ela.

Portanto, o conhecimento do dinamismo litúrgico não acontece através de abstrações desconectadas da vida, porque a experiência de fé se nutre do viver cotidiano; esta é a base, sob a qual, se edifica a formação cristã. Assim, o método que melhor introduz na vida litúrgica é aquele que parte da própria celebração e da vida comunitária e pessoal de cada indivíduo, com seus dramas, angústias, vitórias e esperanças. Este ponto de partida da

¹⁷³ Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.308.

¹⁷⁴ Cf. Ibidem. p.309-310.

¹⁷⁵ Ibidem. p.310.

¹⁷⁶ Cf. SC 26-27.41-42.100.

formação litúrgica deve atingir a todos no corpo da Igreja¹⁷⁷, tanto clérigos quanto leigos¹⁷⁸. No entanto, a iniciação à liturgia é uma das condições indispensáveis da renovação litúrgica, porque é parte de um processo mais amplo e rico da formação teológico-litúrgica dos futuros padres.

1.1.1 – A formação litúrgica como necessidade

Por ser necessidade, a formação litúrgica traz, no seu bojo, uma preocupação fundamental: preparação de um clero consciente do valor e da importância da liturgia¹⁷⁹ na vida eclesial, porque das convicções dos padres dependerá a instrução dos fiéis. Todavia, mesmo com todo incentivo e trabalho para a formação, após algumas décadas desde o Concílio, o problema surpreendente é o mesmo, a formação litúrgica. Isto indica a atualidade do tema.

Entretanto, quando nos últimos anos se fez um balanço do que representou o Vaticano II para a Igreja, constatou-se que, apesar de todo esforço no sentido de fomentar a formação litúrgica de pastores e fiéis, uma das lacunas mais significativas na aplicação do Concílio foi precisamente esta formação¹⁸⁰.

Em 1964, o papa Paulo VI criou o *Consilium ad Exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia*, presidido pelo Cardeal Lercaro e secretariado por Bugnini, para os encaminhamentos da imediata implantação da reforma litúrgica. Aquele Conselho, como primeira tarefa, elaborou a Instrução *Inter Oecumenici* (1964) a qual tratou de vários pontos

¹⁷⁷ Cf. 1Cor 12,12-30.

¹⁷⁸ Cf. SC 14.19; PO 5; 1Pd 2,4-5.9.

¹⁷⁹ Cf. SC 15-19. 33.35.115.129; OT 4.8.16.

¹⁸⁰ LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.301.

sobre a missa renovada pelo Concílio, como, por exemplo, a concelebração e a comunhão sob as duas espécies¹⁸¹.

O *Consilium*, inicialmente, pensou na competente preparação dos professores de liturgia¹⁸² das faculdades teológicas para poder formar os seminaristas no espírito da liturgia renovada. A segunda preocupação incidiu na tradução dos livros litúrgicos¹⁸³ e sua adaptação, instrumentos importantes para a divulgação da renovação e reforma litúrgicas. Além do mais, o serviço de tradução contou com a ajuda de teólogos, liturgistas, literatos e estilistas para conseguir uma produção textual reconhecidamente bela e capaz de vencer a ação do tempo, em virtude de sua elegância e riqueza de estilo; tudo isso construído sob os dogmas da fé católica. Alimentando o espírito de participação e comunhão, aquele grande mutirão foi incumbido de implantar a reforma conciliar.

1.1.2 – A formação litúrgica e o desafio da práxis celebrativa

A reforma litúrgica está feita, mas ainda falta um longo caminho a percorrer entre o que é e o que deve ser a nova prática litúrgica das comunidades. A complexidade das mudanças torna o processo lento, pois não se modificam, repentinamente, práticas solidificadas ao longo de séculos. Se a Igreja levou muito tempo para desaprender a verdadeira liturgia, também levará muito tempo para reaprendê-la. Renovar a liturgia implica mudar a mentalidade, uma visão religiosa, um modo de construir relação com Deus e seu mistério. As mudanças requerem deslocamentos e adaptações, exigem reformulações conceituais, perda de elementos valorativos construídos ao longo de uma vida. Esta é a

¹⁸¹ SILVA SANTOS, Guanair da; PIERRI PRIMO, Manoel de; SOUZA FILHO, Pedro Vilson Alves de. *A implantação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II no Brasil*: descrição de Dom Clemente Isnard - bispo de Nova Friburgo. São Paulo: Paulus, 2003. p.12. (Cadernos de liturgia, 10).

¹⁸² Cf. SC 15.

¹⁸³ Cf. SILVA SANTOS, Guanair da; PIERRI PRIMO, Manoel de; SOUZA FILHO, Pedro Vilson Alves de. *A implantação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II no Brasil...* Op. cit.. p.12. Veja também: SC 25.38.39.

questão complexa; não consiste apenas em demolir e construir de novo; é preciso uma verdadeira e profunda conversão no sentido mais radical do termo, para que a renovação litúrgica se implante efetivamente na vida da Igreja.

A renovação litúrgica tem a missão de oferecer os meios para predispor todo o povo de Deus a [...] *deixar-se penetrar totalmente pelo espírito que inspirou a revisão dos ritos e dos textos*¹⁸⁴. É fazer o povo chegar ao coração da liturgia e a liturgia ao coração do povo, que a viverá em espírito e verdade¹⁸⁵.

O Concílio realizou um giro copernicano na liturgia, porque modificou sua compreensão de Igreja, e seus rastros logo apareceram na reflexão teológica e na pastoral. Interpretar a Igreja, enquanto Povo de Deus, significou abandonar o modelo reducionista centrado no clero, considerado o proprietário da liturgia. Esta visão clerical da liturgia já deu seu fruto, mas já não pode justificar-se, embora certos [...] *cristãos influentes têm tentado nos últimos tempos, com denodado empenho, pôr em risco as conquistas do Concílio* [...] ¹⁸⁶. Posicionamentos desta natureza retardam e desencorajam a *práxis* da renovação litúrgica.

A formação litúrgica precisa levar o cristão a viver e amar a liturgia, deixando que ela seja o que verdadeiramente é: um instrumento da glorificação de Deus e da santificação dos homens¹⁸⁷. Somente quem a estuda e dela vive, entende seus segredos, compreende seu espírito e se deixa ser tomado pelo próprio Cristo. O amadurecimento do amor pela liturgia faz crescer uma especial afeição à pessoa de Jesus e seu Mistério Pascal e à Igreja.

¹⁸⁴ LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.302-303.

¹⁸⁵ Cf. Ibidem. p.302-303.

¹⁸⁶ MELO, José Raimundo de. Anotações à margem dos artigos 1 a 13 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: Sacrosanctum Concilium. In: SIVINSKI, Marcelino; SILVA, J. Arioaldo da. (Orgs.). *Liturgia no coração da vida*: comemorando a vida e o ministério litúrgico de Ione Buyst. São Paulo: Paulus, 2006. p.34.

¹⁸⁷ Cf. ANDRÉS AZCÁRETE, P. *La flor de la liturgia*. 6. ed. Buenos Aires: Bushi, 1951. p.22-23.

1.1.3 – As características fundamentais da formação litúrgica

O processo de formação na liturgia possui certas características importantes que ajudam a ampliar a visão do serviço a ser prestado pela Igreja para devolver aos fiéis o gosto pelas celebrações da Igreja. A formação litúrgica precisa ser mistagógica para iniciar os fiéis nos mistérios da salvação. É uma introdução progressiva e gradual na vida cristã mediante a escuta da Palavra e a vivência dos sacramentos da salvação. Esta formação não consiste numa catequese em preparação aos sacramentos, mas num processo de iluminação¹⁸⁸ no qual os filhos da Igreja fazem uma experiência vivencial dos mistérios da salvação, e por isso, podem viver uma existência pascal. Para desenvolver esta atitude, a liturgia utiliza da ritualidade, [...] *ação comunitária que pertence a todo o corpo da Igreja, povo santo reunido sob a direção do bispo*¹⁸⁹.

As experiências mistagógicas partem de uma experiência vital concreta da iniciação em toda a sua complexa realidade formada pela fé, martírio, comunhão de vida, liturgia e caridade. Através da mistagogia¹⁹⁰, a liturgia conduz os fiéis à vivência mais plena do batismo, do Mistério Pascal, da Palavra e da eucaristia. Gradativamente opera-se a inserção no mistério cristão, em vista de uma maior participação na vida divina pela graça sacramental, cujos frutos são as transformações profundas na consciência e nas atitudes do cristão. Este processo de crescimento é necessário na vida da Igreja.

A comunidade cristã, dirigida por seus pastores, deve estabelecer um programa de iniciação litúrgica de seus membros, desde sua infância, quando já aprenderão a dialogar nas ações litúrgicas. Por isso, é preciso que a própria catequese seja mais orante, tenha um caráter dialógico, participativo e litúrgico, para não se reduzir à doutrinação.

¹⁸⁸ Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.307-308.

¹⁸⁹ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.63.

¹⁹⁰ Cf. PARISSE, Luciano. A liturgia à luz das Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém. In: *A liturgia e o homem*. Petrópolis: Vozes, 1967. p.191-211. (Formação litúrgica, 3).

Atualmente, as orientações sobre a metodologia catequética enfatizam de novo a necessidade de interação da dimensão catecumenal¹⁹¹ em todo o processo catequético, para oferecer um suporte sólido, em vista de uma celebração capaz de operar uma profunda mudança interior na vida dos fiéis e conduzi-los a uma vivência sacramental com o consequente engajamento na transformação do mundo¹⁹². Através desta metodologia, é possível formar uma identidade cristã madura e em condições de responder às necessidades dos dias de hoje.

É impensável uma formação litúrgica sem a mistagogia. Este catecumenato progressivo e gradual acompanha o crescimento espiritual, a inserção na vida eclesial e colabora para o amadurecimento dos fiéis em sua fé. Portanto, o catecumenato não se restringe a uma transmissão dos dogmas da fé, mas é uma educação que envolve a totalidade da vida, levando a uma maior adesão e configuração a Cristo¹⁹³.

A liturgia é escola de vida cristã, pois ao mesmo tempo em que santifica e transforma a vida da comunidade, também colabora para inculcar, nos seus novos membros, a virtude da vida cristã. Por isso, as celebrações litúrgicas, por si mesmas, possuem um valor catequético; têm o poder de transformar e formar os fiéis na fé.

Outra característica importante na formação é considerar a pessoa em sua totalidade; toda a sua história pessoal, familiar e comunitária¹⁹⁴. Disso se conclui que a formação litúrgica tem de contemplar, no seu projeto, a vida da pessoa humana e o Mistério Pascal de Cristo. São duas faces do mesmo mistério, ou seja, é necessário valorizar tanto os aspectos antropológicos quanto os teológicos, neste encontro do homem com Deus, mediante a liturgia adaptada aos seus destinatários, isto é, inculturada¹⁹⁵, para poder conduzir a um verdadeiro encontro com o Cristo vivo. Nunca, em nenhuma faixa etária, a vida cristã esgotará as

¹⁹¹ Cf. SC 64.

¹⁹² Cf. LELO, Antonio Francisco. *Catequese com estilo catecumenal*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p.9.

¹⁹³ Cf. AG 14.

¹⁹⁴ Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.312-315.

¹⁹⁵ Cf. SC 37.

riquezas insondáveis do Mistério Pascal de Cristo. Mas isso exige a colaboração do cristão para acolher a graça de Deus, permitindo-lhe seu florescimento.

A formação litúrgica não pode descurar a necessidade da mediação da Igreja, sinal e instrumento da íntima união com Deus¹⁹⁶. A liturgia é uma ação essencialmente eclesial, já que todos os seus atos pertencem ao corpo da Igreja, o manifestam e afetam¹⁹⁷. Além disto, a formação litúrgica, necessariamente, exige iniciar os fiéis na compreensão do significado dos símbolos, ritos e gestos. Compreender o sentido destes elementos é possuir a chave de interpretação da celebração para se ingressar nos mistérios¹⁹⁸. Este fator é muito importante, porque é o espaço da racionalidade da fé.

Na realização da liturgia, a prática pastoral demonstra sérias deficiências no comportamento ritual, nos gestos e expressões corporais por parte dos padres, especificamente. Há muito automatismo, ritualidade mecânica completamente sem vida. O espírito da celebração pede muito mais.

Vale lembrar também que a forma de celebrar os textos litúrgicos que refletem o diálogo entre Deus e o seu povo tem de ser expressiva. Devemos levar em consideração o valor simbólico do texto e expressá-lo com o coração e com os gestos adequados¹⁹⁹.

Uma das dificuldades da formação litúrgica dos padres está na expressão do seu comportamento ritual; falta leveza, serenidade, tranquilidade, piedade. É preciso ter cuidado e consciência de que os gestos, com sua força comunicativa, são vivenciados como experiência de salvação; eles falam por si mesmos. Mas, é preciso admitir, na formação seminarística, pouco ou quase nada se faz nesse sentido. Nas casas religiosas, nutrem-se preconceitos em relação aos gestos. Por isso, eles não são desenvolvidos nos futuros presbíteros. Ao lado

¹⁹⁶ Cf. LG 1.

¹⁹⁷ Cf. SC 26.

¹⁹⁸ Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.310-312.

¹⁹⁹ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.64.

disso, nas casas de formação, quase sempre tudo é muito próximo: o quarto de dormir, a cozinha, áreas de lazer e capela. Não se faz tanta distinção entre um espaço e outro, quando já se acostumou ao ambiente. É preciso pensar

[...] nas comunidades que proporcionam uma passagem súbita da vida comum para a celebração litúrgica, como no caso dos conventos, comunidades religiosas e seminários, cuja capela, muitas vezes, está dentro de casa. As pessoas não conseguem adentrar o mistério, passando subitamente de um espaço comum para um espaço sagrado, sobretudo quando já estão acostumadas a esses espaços, residindo ao lado deles²⁰⁰.

Soma-se a isto a celebração das missas conventuais, na maioria das casas religiosas, rezadas com gestos mecânicos e frios²⁰¹. Aí reside o perigo da banalização do mistério. Durante anos, o seminarista permanece nesse ambiente. Muito do que viu e ouviu, será assimilado e, com grande probabilidade, o repetirá nas comunidades paroquiais. A liturgia, nas casas religiosas, desafia os formadores e sua missão de formar o futuro clero da Igreja.

Portanto, formação litúrgica é mais que transmissão de conteúdo; é vivência e inserção na vida dos mistérios, é processo gradual, progressivo e permanente; é se deixar conduzir para o interior do mistério pela escuta das Escrituras e da comunhão na vida sacramental. Assim, é preciso capacitar os fiéis a serem capazes de abrir os sentidos²⁰² e a inteligência²⁰³ para mergulharem, definitivamente, numa profunda conversão, e fazer crescer um vivo afeto pela meditação da Palavra de Deus e a participação na eucaristia²⁰⁴. Só com um mergulho na vida do Senhor, se poderá experimentar a verdadeira água viva, oferecida por Cristo à samaritana junto do poço de Jacó²⁰⁵.

²⁰⁰ Ibidem. p.114.

²⁰¹ Cf. Ibidem. p.82.

²⁰² Cf. Mc 7,34.

²⁰³ Cf. Lc 24,45; Ez 36,26-27; Jr 31,33.

²⁰⁴ Cf. SC 50.

²⁰⁵ Cf. Jo 4,1-42; Sl 34,9

1.1.4 – Os objetivos da formação litúrgica na vida eclesial

A tarefa da formação é progressiva, gradual e permanente, porque as diferentes épocas da história exigiram respostas novas a problemas novos. A liturgia desenvolve-se nesta dinâmica de crescimento para manter-se em contínua atualização. Desse modo, a teologia, no seu fazer teológico, tem a responsabilidade de elaborar novas plataformas de pensamento para responder satisfatoriamente aos sinais dos tempos e ajudar a Igreja, que peregrina no mundo, entre angústias e esperanças²⁰⁶, a caminhar sob a luz da fé.

Em sua jornada, a teologia litúrgica assume, para si mesma, aqueles objetivos norteadores da tarefa da Igreja de resguardar, cada vez mais, a inserção dos fiéis no mistério de Cristo. O primeiro objetivo é conduzir os fiéis àquela forma de vida unitária e equilibrada²⁰⁷ capaz de integrar o projeto pessoal de vida cristã, numa perspectiva global capaz de construir um elo entre discurso e ação, reflexão e meditação, contemplação e adoração. Significa abrir novos canais de experiências religiosas verdadeiras, dentro do cristianismo, em resposta à secularização do mundo contemporâneo²⁰⁸: este é um objetivo desafiador e fundamental, por exigir, da Igreja, uma constante vigilância, adaptação e contínua fidelidade ao Evangelho.

A formação litúrgica deve ajudar a encontrar nas celebrações a presença do mistério e o dom da salvação oferecida por Deus [...] ²⁰⁹, particularmente nos sacramentos, mas sem deixar de lado a participação humana neste projeto. A vida sacramental expressa bem a síntese entre a busca de Deus, feita pelo homem, e sua abertura ao dom da salvação, gratuitamente, oferecida por Deus. Numa Palavra, na economia salvífica, a liturgia é a realidade do encontro entre o divino e o humano. Neste intercâmbio²¹⁰ realiza-se, de um lado,

²⁰⁶ Cf. LG 14.62.

²⁰⁷ Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. In: *No espírito e na verdade...* Op. cit. p.309.

²⁰⁸ Cf. IFLS 4.

²⁰⁹ LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. Op. cit. p.310.

²¹⁰ Cf. Jo 21,15-19.

o dom da salvação e, do outro, sua acolhida. A salvação é fruto, não apenas do encontro de duas liberdades, Deus e homem, mas também da atividade da Igreja, instrumento da salvação no mundo²¹¹. Consequentemente, a liturgia é uma ação essencialmente eclesial²¹², ela pertence a todo o corpo da Igreja e, por isso, não pode se restringir à subjetividade de quem quer que seja²¹³. Daí a necessidade da formação litúrgica educar padres e leigos para a participação eclesial, para um sentir com a Igreja, para a comunhão e a unidade, em vista daquela participação plena, ativa e frutuosa²¹⁴.

A formação litúrgica tem o objetivo de trabalhar o sentido do simbólico, da ritualidade e dos gestos, por meio dos quais emerge, na consciência da Igreja, a força e a eficácia dos acontecimentos da história salvífica. A ausência dessas mediações dificulta, aos fiéis, o acesso aos divinos mistérios. Nesta sequência de elementos, acrescenta-se a expressão corporal, fator muito importante, porque colabora para externar, de modo dinâmico, aquelas atitudes já internalizadas. Disso emerge a fundamental e necessária interação entre a celebração e a vida, ou seja, viver a celebração é celebrar a vida²¹⁵. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, documento do Vaticano II, conseguiu, com muita propriedade, estabelecer o confronto da fé com a realidade do mundo. Ao interpretar os sinais dos tempos à luz do Evangelho, a Igreja realizou o confronto entre a fé e a vida dos povos, num processo dialético, cuja síntese é o encontro da teoria com a prática.

A formação litúrgica precisa contemplar este duplo aspecto para não cair em “unilateralismos empobrecedores”, capazes, ou de privilegiar a teologia litúrgica a ponto de prejudicar as práticas celebrativas, ou dar tanto valor às ações litúrgicas e esquecer as bases teológicas que sustentam as suas práticas rituais. A atuação de certos ministros ordenados demonstra esta polarização; de um lado, certo espiritualismo distante da realidade, de outro, a

²¹¹ Cf. LG 1.

²¹² Cf. SC 26.27.41.42.100.

²¹³ Cf. SC 26.

²¹⁴ Cf. SC 11.14.19.21.27.

²¹⁵ Cf. LÓPEZ MARTÍN, Julián. Formação litúrgica e mistagogia. Op. cit. p.310-313.

inserção social e o distanciamento da mística. É preciso uma visão mais global e unitária da vida humana e da Igreja para poder conceber um estilo de vida presbiteral que traga consigo a marca profunda da Páscoa num sadio equilíbrio entre a mística e a inserção no mundo. *A própria estrutura do ano litúrgico é prevista para que o mistério pascal de Cristo, em sua totalidade permeie nossa existência no decurso do ano, de tal modo que a novidade salvífica dê o tom pascal de nossos dias*²¹⁶. Na formação dos seminaristas, esta realidade precisa ser inculcada para que os padres da Igreja sejam as testemunhas vivas de uma existência pascal, que não desprezem o mundo e nem esqueçam a mística.

1.1.5 – Educar para a celebração do mistério de Cristo

As comunidades primitivas quiseram ver o cristianismo crescer e atingir o mundo judaico e pagão. Por isso, introduziram a formação no processo de iniciação da fé cristã. Mas só isso não bastou: precisou manter os fiéis assíduos e comprometidos com o projeto de Jesus.

Uma experiência global e progressiva do Mistério Pascal constituiu a metodologia que garantiu o aumento do número daqueles que abraçavam a fé²¹⁷. As celebrações constituíam verdadeiras experiências, capazes de envolver a totalidade da vida dos fiéis. Nada escapava ao fato celebrativo: alegria, tristeza, vitória, derrota, martírio, o sofrimento dos confessores da fé ou o heroísmo das virgens. Criou-se, também, uma mística em torno do mistério do batismo possibilitando uma contínua morte ao mal e ao pecado e uma busca constante pela vida nova do Senhor²¹⁸. Viver o batismo é configurar-se sempre mais a Cristo morto e ressuscitado.

²¹⁶ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.62.

²¹⁷ Cf. At 5,12-16.

²¹⁸ Cf. BECKÄUSER, Alberto. Liturgia, cume e fonte da vida dos discípulos e missionários de Cristo. In: COSTA, Valeriano Santo (Org.). *Liturgia: peregrinação ao coração do mistério*. Op. cit. p.140.

Para os primeiros cristãos, celebrar é comungar da vida do Senhor, é estar inserido no mistério de Cristo. Este é o ponto de partida para formar os novos filhos da Igreja que, paulatinamente, crescem até chegarem a compreender que a liturgia celebra e exprime o mistério da vida do Senhor que se realiza desde o “aqui e agora” da Igreja, de modo que o passado e o futuro da história salvífica se concentram no presente da liturgia. Só as ações litúrgicas, pela ação do Espírito Santo, atualizam o mistério da salvação com toda sua força e amplitude e dele fazem um mistério sempre novo e atual para a Igreja.

O método da Igreja antiga é o do envolvimento pleno da pessoa; isto era a *conditio sine qua non* para se aprender a verdadeira liturgia da Igreja. Contudo, para isso acontecer ontem e hoje, é fundamental a superação de polarizações por meio do equilíbrio e harmonia entre razão e emoção. Levar esta prerrogativa a sério já é uma atitude formadora, pois disso decorrerão muitos desdobramentos importantes na pastoral²¹⁹.

A liturgia precisa se desenvolver nos fiéis para neles formar atitudes que integrem a fé, a doutrina e a vida. Só uma formação sistemática de tipo racional, mas sem descurar aquela de tipo funcional-vivencial, poderá levar os fiéis a celebrarem em espírito e verdade. Esta é uma preocupação justificável, pois a Igreja espera e deseja uma participação plena, consciente e ativa²²⁰

[...] por parte dos que participam das ações litúrgicas, requer-se que o mistério de Cristo na sua totalidade e nos seus aspectos particulares não apenas tenha sentido em si, mas que este sentido seja percebido, assimilado e vivido interiormente, como realidade atualizada pela liturgia, como salvação de Deus e de Cristo presente e operante na pessoa e na vida de cada um dos membros e da comunidade²²¹.

A assembleia do povo de Deus, alicerçada no conhecimento e na experiência de Cristo, é capaz de descer do nível abstrato para o vivencial, e encarnar a liturgia como ápice e

²¹⁹ Cf. PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p.480-481.

²²⁰ Cf. SC 12.

²²¹ PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.481-482.

fonte de toda a vida e ação da Igreja²²². Atingido o núcleo da pessoa humana, então emergirá aquele gosto mais consciente pela celebração dos mistérios de Cristo. É preciso atingir o coração, o desejo, a vontade e o afeto da pessoa humana. Conseguir este objetivo exige o pressuposto fundamental da fé, mesmo que em grau mínimo; do contrário, praticamente nada se pode fazer em vista de uma formação litúrgica que valorize a participação ativa. Neste engenhoso projeto, os padres são peças fundamentais, pois se não estiverem imbuídos do espírito e da força da liturgia, quase nada se fará²²³.

Na ação formativa, é necessário considerar aqueles elementos de natureza antropológica e cristológica para desencadear, no povo de Deus, aquele dinamismo de crescimento de modo a torná-los mais firmes em sua adesão à fé. Trabalhar a formação litúrgica é trabalhar a partir das motivações e convicções, ou construí-las a partir daquilo que cada um traz consigo.

1.1.6 – Formação “para” e “através” da liturgia

A formação “para” e “através” da liturgia constitui um jogo de palavras que sintetiza o rico papel da formação litúrgica. Se por um lado, a Igreja elabora um plano de ensino, cujo ponto de partida e chegada é o Mistério Pascal de Cristo, que tem por finalidade fazer compreender aquilo que a liturgia celebra, numa perspectiva capaz de apresentar o passado e o presente, plenamente atuantes nas ações litúrgicas; por outro, considera a fé, virtude teologal que percebe e acolhe o mistério.

A ação celebrativa se compõe de textos, ritos, gestos e ações. Todavia, o supremo mergulho no mistério da vida de Cristo não se dá apenas no cumprimento destes requisitos; é necessária a presença da realidade sacramental e simbólica. Consequentemente, a formação

²²² Cf. SC 10.

²²³ Cf. SC 14.

litúrgica dos padres não se reduz à transmissão de conteúdos, embora isto seja uma necessidade e ajude a despertar motivações profundas para o ato celebrativo²²⁴. Não pode, tampouco, limitar-se a abstrações e doutrinação; requer como ponto de partida as próprias ações litúrgicas. É necessário um verdadeiro salto qualitativo, pois não é suficiente formar para, mas formar através²²⁵. O próprio fato celebrativo instrui e educa²²⁶. Isto pode parecer tão obvio, mas tem sido o grande dilema nas atuais circunstâncias histórico-eclesiais.

Hoje, as práticas celebrativas, com seu reducionismo intelectualista, não tem conseguido responder às necessidades litúrgicas do mundo contemporâneo. A prática litúrgica oscila entre o espiritualismo e o intelectualismo. Consequentemente, uma multidão de fiéis ainda não chegou às fontes da liturgia, embora ela precise ser o grande atrativo, a sedução da vida cristã, mas ainda não o é! No contexto atual, é muito comum, em certos padres, a dissonância entre o que se reza e o que se faz, e isto tem afastado muitos fiéis da vida de Igreja²²⁷. A liturgia não é teatralização da vida, ela trabalha com o princípio de realidade. O padre não é um personagem na celebração do Mistério Pascal, mas um membro vivo da comunidade, cercado de fragilidade, pecado, virtude e em busca de um encontro profundo com Deus, porque se sente atraído vocacionado à santidade.

A ação litúrgica, por sua pedagogia, colabora para fazer os fiéis perceberem o valor simbólico da palavra, do rito, do gesto, do silêncio, do canto. É isto que evoca o mistério e faz adentrar no âmago da vida de Cristo. A linguagem simbólica guarda um poder polissêmico incrível; pode atribuir sentido às coisas, objetos, pessoas, palavras e tantos outros elementos presentes no culto. Numa palavra, o símbolo trabalha com trans-significação. Disso decorre a necessidade de estabelecer vínculo de comunhão entre a Palavra e o símbolo, de modo a não haver contradição entre ambos. Se o discurso prega a comunhão e a participação na vida

²²⁴ Cf. PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.482.

²²⁵ Cf. Ibidem. p.482.

²²⁶ Cf. SC 33; Rm 15,4.

²²⁷ Cf. COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.61.

eclesial, em consequência, a organização da comunidade não pode ser piramidal, sob pena de incorrer num equívoco ou uma discrepância entre uma coisa e outra.

Portanto, na formação dos padres é preciso atenção para lhes ensinar que na celebração interferem elementos de natureza verbal e simbólica. Por isso, as celebrações exigem séria preparação para poderem iniciar, através da liturgia, a comunidade dos fiéis.

1.1.7 – A comunidade cristã como espaço formativo

O Concílio Vaticano II apresentou a Igreja enquanto Corpo de Cristo e Povo de Deus²²⁸ que, na multiplicidade e unidade de seus membros, celebra a liturgia, considerando a variedade de ministérios e carismas²²⁹. Esta apresentação deixou emergir uma novidade: o deslocamento na compreensão hierárquica da Igreja. O Concílio encontrou, em modelos neotestamentários e nos escritos apostólicos²³⁰, a justificativa para falar da Igreja toda ministerial. Este resgate tem a vantagem de garantir originalidade da Igreja que, por natureza, é toda ministerial.

A comunidade de Atos²³¹ apresenta a imagem da Igreja (*ekklesia*), comunidade de fé convocada em do nome do Senhor em torno dos apóstolos para celebrar a liturgia. Porém, outras características se juntam para identificá-la como Igreja de Deus: comunhão na fé, centralidade da eucaristia, esperança no Reino e o amor fraterno. Sob a guia do Espírito Santo, os fiéis se reconhecem como membros vivos da Igreja de Jesus e, em seu nome, são congregados para celebrar a criação nova, a vitória de Cristo ressuscitado.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma que a liturgia não exaure a atividade da Igreja²³², pois muitos outros serviços são realizados para sua edificação. Contudo, a ação

²²⁸ Cf. LG 7.9-14; 1Cor 12,12-30.

²²⁹ Cf. 1Cor 12,4-11.

²³⁰ Cf. At 6,1-7; 20,17-28; 1Cor 14.

²³¹ Cf. At 2,42-47.

²³² Cf. SC 9.

litúrgica é primordial, pois a vida da Igreja, em grande parte gira em torno da liturgia. As diversas fases da vida são marcadas pela acolhida dos sacramentos, sinal visível de abertura à vida em Cristo. Veja, por exemplo, o ingresso dos fiéis na comunidade cristã: ela ocorre através da liturgia do batismo, do qual nasce a condição sacerdotal dos fiéis²³³ que lhes habilita a participarem da mesa do Senhor ressuscitado, ponto culminante da vida cristã e sinal de comunhão²³⁴. Desse modo, a eucaristia se torna espaço privilegiado de formação cristã, pois a comunidade se modela pela celebração da eucaristia na qual toma consciência de seu ser e agir²³⁵ e da sua condição de povo da Nova Aliança. Gradativamente a Igreja toma consciência de ser uma comunidade de culto, cujo centro, fonte é o altar, isto é, a eucaristia, o próprio Senhor²³⁶. Com muito acerto se diz: *A Eucaristia, por sua vez, é a celebração da vida nas pausas do caminho, para que todo o caminho se torne Eucaristia*²³⁷.

O sacrifício da missa, em todo o seu dinamismo, conduz à prática das obras de caridade e predispõe os fiéis à ação missionária, bem como às diversas formas de testemunho²³⁸. Aqui se descobre a necessidade de formar os fiéis não só *para* a liturgia, mas *através* da liturgia, que neles desperta as virtudes que colaboram para a construção da vida cristã e do testemunho. *A correlação entre ação litúrgica e comunidade eclesial, na seqüência anúncio-sacramento-vida, é vista como a máxima intensidade de realismo e de eficácia formativa*²³⁹.

A eucaristia plasma a Igreja, imprime-lhe um caráter, confere-lhe a identidade. Modelada pela Escritura, sacramentos e sacramentais, a comunidade se forma na alegre expectativa de viver plenamente no Senhor. À medida que vive esta tensão e expectativa entre

²³³ Cf. 1Pd 2,9.

²³⁴ Cf. TILLARD, Jean-Marie Roger. Teologia, voz católica, a comunhão na páscoa do Senhor: In: BROUARD, Maurice (Org.). *Eucharistia*: enciclopédia da eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006. p.541.

²³⁵ Cf. PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.484.

²³⁶ Cf. CNBB. O plano de emergência: parte pastoral. In: *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*: Cadernos da CNBB - nº 1. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p.33-34. (Documentos da CNBB, 76).

²³⁷ BECKÄUSER, Alberto. Liturgia, cume e fonte da vida dos discípulos e missionários de Cristo. Op. cit. p.141.

²³⁸ Cf. PO 6.

²³⁹ PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.484.

o já e o ainda-não, a Igreja colabora para formar seus novos membros a caminho do Reino definitivo.

Portanto, a liturgia transforma a vida da comunidade e faz dela uma Igreja em permanente missão e renovação, motivada pelos mistérios que celebra. Neste dinamismo, o preparo litúrgico dos padres é uma responsabilidade irrenunciável de toda casa religiosa e seminário. Será um grande pecado deixar para trás a oportunidade de formar os jovens seminaristas para a verdadeira liturgia da Igreja. O concílio já afirmou não existir esperança alguma de acontecer a participação plena, ativa, consciente, frutuosa e piedosa se os padres não estiverem imbuídos, impregnados do espírito e da força da liturgia²⁴⁰.

1.1.8 – A formação litúrgica na pastoral da Igreja

Nos primeiros tempos do cristianismo, o envolvimento dos fiéis na liturgia dava-lhes uma percepção profunda e imediata do significado do mistério. Os símbolos, ritos e ações constituíam algo vivo e eloquente, capazes de atingir cada pessoa na inteireza de seu ser, envolvendo razão e emoção. [...] *Participando de uma celebração litúrgica os cristãos compreendiam o seu significado simplesmente olhando, escutando, agindo, em determinado clima e ambiente* ²⁴¹.

Envolvidos pela beleza de Cristo, os cristãos encontravam, na liturgia, aquela realidade límpida e luminosa que os inseria no coração do Mistério Pascal; tocava-lhes o coração e neles se incendiava a centelha do amor divino que não mais se apagava. Um fogo abrasador inflamava-lhes o ânimo. É isto a missão da liturgia, abrir e manter aberto o canal para o encontro com Cristo e seu mistério; é fazer tocar o eterno Amante e por ele se deixar seduzir; é colocar cada batizado no colo de Deus e por ele se sentir amado; é ser balde a

²⁴⁰ Cf. SC 10.14.19.

²⁴¹ PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.485.

retirar a água da cisterna profunda que é Cristo; é ser fonte que sacia a sede; é ser pórtico seguro para dar alento e fazer descansar no colo aconchegante do Pai²⁴².

Uma percepção profunda assim, da liturgia, contribui para formar uma Igreja mais orante, humana, misericordiosa, fraterna, profética, servidora, missionária e inserida nas realidades temporais. Com isso, cresce o amor pela liturgia que, pela ação do Espírito Santo, torna-se um agente promotor de mudanças íntimas e radicais no coração do povo de Deus.

Esta transformação vê muitos entraves à sua frente, pois o mundo contemporâneo dissociou vida e culto²⁴³ ao ponto de deixá-los como realidades justapostas e distantes. Aos homens dos dias de hoje, parece estranho unir tais realidades numa cultura tecnicista, empirista, secularizada e racionalista. Cresce o desafio de uma formação litúrgica voltada à pastoral comprometida em responder aos apelos do povo para oferecer-lhe aquilo de que necessita e não o que deseja. *O secularismo apresenta uma rejeição ao sagrado, enquanto o espiritualismo e o individualismo têm dificuldade com o aspecto comunitário do rito*²⁴⁴. A formação presbiteral, em oposição a este espírito reinante, deve favorecer, nos seminaristas, um espírito comunitário consolidado pela própria celebração litúrgica que deles, cada vez mais, fará um só coração e uma só alma²⁴⁵. É certo dizer que, de certo modo, a realidade atual resiste a uma cultura litúrgica.

À medida que a formação litúrgica integra elementos de natureza antropológica e teológica, consegue construir uma consciência mais amadurecida de pertença a uma comunidade eclesial comprometida na construção do Reino. Por outro lado, a partir das Escrituras, a educação *para* e *através* da liturgia terá de ser muito mais eficaz para engajar os fiéis no dinamismo da história da salvação para que nela se reconheçam membros vivos e

²⁴² Cf. SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. Livro 1,1. São Paulo: Paulinas, 5. ed. 1984. p.15.

²⁴³ Cf. PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.485.

²⁴⁴ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.68.

²⁴⁵ Cf. EF 12; At 4,32.

responsáveis por seu crescimento. Em fim, a pastoral nunca pode esquecer ou descurar a liturgia, porque todo empenho na evangelização nela encontra seu cume fonte.

1.1.9 – O valor didático das celebrações da Igreja

Embora já tenha feito breve referência a este tema, aqui é necessário dar-lhe um enfoque mais específico em razão de sua importância. A formação litúrgica do clero não pode se limitar a elementos de ordem cognitiva sem considerar os aspectos afetivos; do contrário, permanecerá uma lacuna, cujo prejuízo não tarda a aparecer concretamente na pastoral. Na afetividade humana, entendida de maneira global, acontece a maior sedução da liturgia, pois ela penetra no mundo simbólico das imagens, da arte, da beleza, toca os cinco sentidos do homem e nele desperta o desejo de comungar do mistério de Deus.

Se, afetivamente o povo de Deus experimenta as ações litúrgicas em plenitude, com certeza, buscará, com uma sede sempre maior, saciar-se em fonte tão rica e fecunda. *Na celebração litúrgica, por causa do seu processo sacramental-simbólico, é preciso unir razão e emoção, sentimento e pensamento, intenção e sentido, a fim de que a participação interior no mistério celebrado seja eficaz*²⁴⁶.

Nesta perspectiva, uma participação verdadeiramente ativa e frutuosa nas celebrações pode ser conseguida se se juntam elementos teórico-sistemáticos e experienciais, colocando a totalidade da pessoa em movimento, ou seja, a percepção, a inteligência, a vontade, a criatividade, a memória, o afeto; tudo isso de modo consciente para que os fiéis recebam a graça que deriva de cada celebração²⁴⁷. Mais que teoria, liturgia é a ação celebrativa, o ingresso num jogo simbólico para assimilar, de modo cada vez mais pessoal e profundo, tudo

²⁴⁶ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.74.

²⁴⁷ Cf. Ibidem. p.74

o que foi recebido na catequese litúrgica²⁴⁸. Aí está a responsabilidade de uma séria preparação das celebrações litúrgicas. Toda improvisação é um obstáculo ao crescimento e evolução na experiência de Deus, através da liturgia. Não só isso colabora para uma liturgia ruim e sem qualidade, mas também, os textos mal proclamados, a má entoação dos salmos, a pressa em celebrar, o desrespeito aos silêncios previstos, o acréscimo de elementos desnecessários, a não inculturação, a desvalorização da música, da arte sacra e dos ministérios na comunidade eclesial são fatores que constituem grandes entraves a uma participação que valha a pena e dê sabor.

As equipes de liturgia, com uma boa formação, podem ajudar as comunidades a terem chance de conhecer a verdadeira liturgia da Igreja e poder saboreá-la. Em vista disso, a formação a partir das próprias ações celebrativas, pode valorizar: a experiência comunitária do estar junto; o acolhimento e a vida fraterna diante de Deus; a experiência simbólica, por valorizar a força dos diversos símbolos presentes na liturgia; as atitudes de silêncio, escuta e resposta que ajudem a perceber, captar e interiorizar o sentido profundo dos gestos corporais; atitudes de oração, seja ela de louvor, gratidão, súplica e perdão.²⁴⁹ Mas toda esta contribuição não logrará sucesso se os pastores de almas não estiverem, primeiro, impregnados do espírito litúrgico. Eles são os que primordialmente, precisam estar convencidos do valor e da importância de uma existência litúrgica.

1.1.10 – Uma formação permanente

A formação liturgia é uma tarefa inacabada, nunca estará plenamente madura. Seu escopo é pensar teologicamente as práticas celebrativas, o fazer litúrgico e os rumos da liturgia. Significa que não é suficiente conhecer a História da Liturgia, a Teologia dos

²⁴⁸ Cf. PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.487.

²⁴⁹ Cf. Ibidem. p.487.

Sacramentos, o Ano Litúrgico, os Sacramentais e a Liturgia das Horas e todos os outros aspectos da teologia litúrgica, mas é necessária uma atitude permanente de estudo e de prática celebrativas para ajudar os batizados, no mundo contemporâneo, a amadurecerem sua fé, crescerem na conversão e realizarem o seu itinerário para Deus²⁵⁰. O fundamento sólido sob o qual estão calcados seus objetivos não é outro senão a Escritura e a Tradição viva da Igreja. Estas fontes sempre são os referenciais para construir uma verdadeira teologia litúrgica e realizar a necessária formação de clérigos e leigos.

Neste imperativo da formação permanente, é imprescindível destacar o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos²⁵¹, ainda pouco explorado nas comunidades paroquiais, certamente, por um desconhecimento de sua poderosa pedagogia em etapas, e de seu valor formativo, principalmente no capítulo quarto: *Preparação para confirmação e a eucaristia de adultos que, batizados na infância, não receberam a devida catequese*; e no capítulo quinto: *Rito de iniciação de crianças em idade de catequese*. Este ritual, ao apresentar o caminho do catecumenato cristão²⁵², põe-se como um instrumental valiosíssimo que vem de encontro com a atual necessidade litúrgico-formativa da Igreja. Os padres não devem perder a chance de formar as comunidades a partir deste rico material de alto valor teológico, ricas indicações pastorais e sugestivas ações litúrgicas, fruto precioso do Concílio Vaticano II. É uma obra que conduz para além da finalidade celebrativa, porque pode servir a um itinerário de vida cristã comprometida com a unidade dos fiéis²⁵³. Sua metodologia é estimulante e envolvente, capaz de levar a comunidade a apreender o segredo da liturgia, através de uma experiência a ser vivida e não apenas ser examinada teoricamente para depois ser celebrada. O ritual serve para ajudar os batizados a aprofundarem na vivência e consciência pessoal da própria fé, bem como a um conhecimento mais rico da história da salvação. Neste percurso, o envolvimento e

²⁵⁰ Cf. Ibidem. p.488.

²⁵¹ Um estudo minucioso deste ritual traz ricas e importantes contribuições à pastoral da Igreja em seu múnus de ensinar e santificar. Sua pedagogia estruturada em várias fases permite ao quem nele começar seu processo de iniciação a desenvolver um processo consciente e profundo da participação na vida cristã. Cf. RICA 1-67.

²⁵² Cf. SC 64.

²⁵³ Cf. PETRAZZINI, M. L. Formação litúrgica. Op. cit. p.489-490.

a participação na ação litúrgica são pressupostos fundamentais para que o dinamismo formativo se desenrole progressivamente²⁵⁴. Este programa, aplicado à pastoral, tem a chance de conduzir pastores e fiéis às fontes da liturgia e alcançar um sentido mais profundo de pertença à Igreja para melhor viver os compromissos cristãos, conforme pede Jesus nos santos Evangelhos.

O caminho catecumenal é uma aposta positiva numa nova metodologia capaz de enxergar os sacramentos da iniciação na vida da Igreja, não como ponto de chegada, ou simples conclusão de um caminho, sem atingir, nos catecúmenos, aquela percepção em que eles próprios sintam a necessidade de haver continuidade no aprofundamento em uma vida litúrgica que realmente seja fonte e cume da vida da Igreja²⁵⁵. O catecumenato oferece ao dinamismo da catequese litúrgica, o caminho para iniciar verdadeiramente os fiéis na celebração dos mistérios.

1.1.11 – Catequese e liturgia, realidades intrinsecamente inseparáveis.

No programa da formação litúrgica, a catequese não é um artigo marginal, mas central, pois dela a Igreja depende para sua expansão, edificação e solidificação da fé. Desde o aparecimento do divórcio entre catequese e liturgia, a Igreja sofreu sérios prejuízos. Contudo, no limiar do cristianismo, a catequese se entendeu como dinamismo de iniciação à vida de fé e inserção eclesial. A partir do período apostólico até o século V, aproximadamente, a vida fraterna celebrada, fundamentalmente, na eucaristia, constituía a maneira mais perfeita de traduzir na vida da comunidade a mensagem do Cristo ressuscitado²⁵⁶. Aquela catequese espontânea, em íntima união com a liturgia, recebeu maior

²⁵⁴ Cf. Ibidem. p.490-491.

²⁵⁵ Cf. BRUSTOLIN, Leomar Antonio; LELO, Antonio Francisco. *Caminho de fé: itinerário de preparação para o batismo de adultos e para confirmação e eucaristia de adultos batizados* – livro do catequista. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2006. p8.

²⁵⁶ Cf. CT 10-17.

formalização ao receber forma escrita na Didaqué, cujo objetivo era levar os convertidos à iniciação cristã. Nasceu, assim, um catecumenato com diversas etapas para educá-los. Naquele processo educativo, as referências fundamentais eram as Escrituras, as celebrações e o testemunho da comunidade cristã. Neste itinerário, os indivíduos perseveravam e se mantinham leais à doutrina dos apóstolos, à vida fraterna, à fração do pão e, vigilantes, não permitiam que houvesse necessitados entre si²⁵⁷.

Até aqui a fé nasce por influxo da evangelização²⁵⁸ e catequese. Estas duas realidades constituem, em certo sentido, um *a priori* da celebração. Esta, como os sacramentos, exige o pressuposto fundamental da fé²⁵⁹ para se concretizar; do contrário, a liturgia cai num reducionismo vazio e sem sentido.

Liturgia e catequese são duas faces de um mesmo mistério, embora cada uma conserve sua identidade própria para formar a Igreja, mistério de fé, e edificá-la na verdade através da escuta e meditação das Escrituras²⁶⁰.

*A catequese é que faz avançar e crescer na conversão, na fé, na experiência do mistério e na consciência de pertença à comunidade eclesial*²⁶¹. O papel da catequese é irrenunciável; graças a ela, a Igreja progride e se incultura em cada fase da história humana. A formação litúrgica jamais pode prescindir do processo catequético, ferramenta poderosa e necessária ao desenvolvimento de uma liturgia viva, participativa e frutuosa. A plena participação nas ações litúrgicas depende também daquela preparação básica em contínuo estado de amadurecimento. Sem uma prévia instrução e iniciação nos mistérios, celebrar se torna impossível.

²⁵⁷ Cf. CR 4-7; At 2,42-47.

²⁵⁸ Cf. PO 4.

²⁵⁹ Cf. BOROBIO, Dionísio. Evangelização, catequese e liturgia. In: *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p.84; SC 59.

²⁶⁰ Cf. SC 7; Rm 10,14-18.

²⁶¹ BOROBIO, Dionísio. Evangelização, catequese e liturgia. In: *Celebrar para viver...* Op. cit. p.85.

Em se tratando de formação litúrgica dos padres, no seminário, é preciso dar condições, sobretudo, para uma experiência cotidiana que amadureça, nos futuros sacerdotes, um profundo sentido teológico e pastoral da liturgia²⁶².

As celebrações precisam dar aos fiéis a capacidade de ver e intuir, com maior profundidade, o mistério de Cristo; realizar uma peregrinação para o transcendente; despertar uma curiosidade para encontrar o segredo de Deus; dar gosto em cantar a poesia do amor de Deus; provocar a passagem do visível ao invisível, do exterior ao interior, do finito ao infinito, do transitório ao eterno. A liturgia adentra os fiéis no santuário de Deus para fazê-los contemplar a verdade e a luz divina, querer e buscar a conversão, encontrar, na simplicidade e na beleza, um reflexo do próprio Deus, predispor à uma doação e serviço sem medida à evangelização; ela ensina o cristão a se perceber como um mendigo de Deus. A liturgia encanta pela sua beleza, simplicidade, sobriedade e pelo mistério que celebra. Então, é preciso dar um salto qualitativo, passar do exteriorismo celebrativo à interioridade, gerando um equilíbrio entre aspecto externo e interno capaz de exprimir e levar ao mistério²⁶³.

O que foi apresentado ainda não é uma realidade tão sentida na Igreja por faltar uma fé mais amadurecida, uma formação mais eficaz dos padres e uma catequese que consiga educar melhor os cristãos para a vida cristã e às celebrações da Igreja. Aqui está um grande desafio pastoral. Mesmo há mais de quarenta anos do Vaticano II, a Igreja ainda sente-se desafiada a viver as palavras proféticas do Concílio.

Finalmente, o processo catequético de formação para a vida de fé e a recepção dos sacramentos pode, em etapas intimamente conexas, possibilitar amadurecimento no itinerário da vida cristã; significa pensar a formação sob um viés que considera a preparação, a realização e a recepção dos sacramentos como uma unidade, mas sem desprezar a continuidade do processo, pois ser discípulo significa uma constante assimilação do

²⁶² Cf. SARTORE, D. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, p.497.

²⁶³ Cf. SC 19.

Evangelho ao longo da vida. Só assim, a vida cristã poderá ser melhor compreendida como processo contínuo que perdura por toda a vida²⁶⁴ e não se restringe à formação em etapas desconexas, como a maior parte da pastoral catequética atual. A formação para a vida cristã é progressiva e gradual, é permanente, porque carece de renovação e adaptações constantes. Se isto é verdade, então a vida litúrgica é fruto de um caminho feito de forma consciente, responsável e madura. E os primeiros a receberem a incumbência pela formação litúrgica dos batizados são os presbíteros, a quem a Igreja entrega tão importante tarefa.

1.2 – A formação litúrgica na Constituição *Sacrosanctum Concilium*: desafios e perspectivas

O Concílio Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, reservou os artigos de 14 a 19 para tratar exclusivamente sobre a formação litúrgica, especificamente do clero. Fez isso por ver, na formação litúrgica dos padres, uma das maiores necessidades da Igreja. Mesmo há mais de quarenta anos do Concílio Vaticano II, os pastores do povo de Deus, em geral, ainda não conseguiram captar a intuição dos padres conciliares que viram, na liturgia, o cume e a fonte da vida da Igreja. A presença do rubricismo, exteriorismo, esteticismo somadas à onda de *shows*, na liturgia, ferem e obscurecem o espírito da Constituição Litúrgica. O cenário pede uma reaproximação daquilo que definiu o Concílio. Mas, para isso, é preciso paciência, interesse e investimentos em pesquisa, estudo e aquisição de obras importantes para o aprimoramento teológico, bíblico, histórico e litúrgico.

Segundo Frei Alberto Beckäuser²⁶⁵ há, atualmente, certo interesse dos padres por liturgia, mas se têm enfrentado grandes dificuldades, pois muita coisa definida na reforma

²⁶⁴ Cf. BOROBIO, Dionísio. Evangelização, catequese e liturgia. In: *Celebrar para viver...* Op. cit. p.87-88.

²⁶⁵ Frei Alberto Beckäuser (OFM) nasceu em Foquilha, Sul catarinense. Atualmente com 74 anos, mora no convento São Francisco, junto ao Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis-RJ. Além de inúmeros artigos científicos, possui 28 livros dos quais 25 tratam de liturgia.

ainda está por acontecer. *O grande desafio é a formação litúrgica do clero*²⁶⁶. Se os padres não forem atingidos, será difícil trabalhar com os leigos.

O Concílio deixou importantes orientações e encaminhamentos pastorais a respeito da formação litúrgica do clero. Após a promulgação da Constituição, os primeiros documentos da Santa Sé apresentavam as diretrizes e normas sobre a vida litúrgica para corresponderem, da melhor forma possível, à situação do mundo contemporâneo. E para isso, o investimento em professores preparados é um pressuposto fundamental.

1.2.1 – A formação litúrgica do clero segundo a Constituição *Sacrosanctum Concilium*

Todo cristão tem direito de ser educado em sua fé e introduzido gradativamente no conhecimento dos mistérios da salvação. Orientados, a partir das Escrituras, os fiéis não só alcançam maior maturidade humana, como também se tornam mais conscientes daquilo que receberam pela fé e aprendem a valorizar a liturgia e dela extraírem a força de que necessitam para a missão evangelizadora²⁶⁷. A educação para a vida litúrgica não é exclusividade dos leigos, mas uma tarefa que envolve todo o povo de Deus, especialmente os padres, dos quais o povo espera luz e força espiritual.

Embora as ações litúrgicas sejam um patrimônio de todo o povo de Deus²⁶⁸, a missão dos padres, quanto à formação litúrgica, pode ser melhor compreendida se tratada em separado. Isto por três razões: por causa da formação integral de que necessitam²⁶⁹ e recebem; pela importância e lugar que a liturgia ocupará em sua vida e ministério²⁷⁰; porque eles não

²⁶⁶ BECKÄUSER, Alberto. Entrevista: mistério, graça e conversão. *Diretrizes*, Caratinga-MG, v.50, n.802, p.23, [julho] 2008.

²⁶⁷ Cf. GE 2; SC 10.19.

²⁶⁸ Cf. SC 26.

²⁶⁹ Cf. OP 8.

²⁷⁰ Cf. LG 28; PO 13.

terão condições de se tornarem guias e mestres dos fiéis, na liturgia, se não estiverem impregnados do espírito e da força da liturgia²⁷¹.

A preocupação em formar um clero, dentro do espírito do Concílio Vaticano II, fica evidente nos documentos elaborados pelos padres conciliares e naqueles publicados depois, em vista de levar à prática, as disposições estabelecidas pela Constituição Litúrgica.

a) O clero e sua instrução na Constituição *Sacrosanctum Concilium*

A Constituição sobre a sagrada liturgia teve preocupação em inserir no seu texto a importância e a necessidade da formação litúrgica do clero²⁷². Porque se este estiver imbuído do espírito e da força da liturgia, estará em condições de ajudar os fiéis a chegarem àquela compreensão e a certeza de encontrar, na liturgia, toda a riqueza do mistério de Cristo e fazer dela a fonte e o cume de sua vida cristã,²⁷³ o combustível de sua espiritualidade.

Os padres conciliares viram nos presbíteros não simples conhecedores de liturgia, mas seus mestres,²⁷⁴ mistagogos, modelos para o povo, homens de fé firme e de comprovada virtude, de convicções profundas, capazes de conduzir, pela liturgia, o povo para dentro do Mistério Pascal de Cristo para experimentar a alegria do Senhor. Contudo, este ideal ainda não se realizou.

Tornar-se mestre na liturgia, exige esforço, dedicação, interesse e investimento. Por isso, o Concílio determinou que, nos seminários e casas religiosas, a sagrada liturgia estivesse entre aquelas disciplinas mais importantes a serem ministradas aos estudantes. Nas faculdades teológicas, ela estivesse entre as principais disciplinas. E para destacar sua importância, fosse tratada sob o aspecto teológico, histórico, espiritual, pastoral e jurídico. Mas para dar-lhe uma

²⁷¹ Cf. SC14.

²⁷² Cf. SC 14.

²⁷³ Cf. SC 10.

²⁷⁴ Cf. SC 14.

base ainda mais sólida, os padres conciliares afirmaram a importância de considerar a teologia dogmática, Sagrada Escritura, teologia espiritual e pastoral. Assim, cada disciplina, por seu objeto próprio de estudo, seja capaz de ensinar o Mistério de Cristo e a história da salvação, de forma a ser clara a ligação intrínseca entre liturgia e a formação sacerdotal²⁷⁵.

A realidade comprova certa distância do Concílio, pois nem sempre as faculdades teológicas, casas religiosas e seminários têm se ocupado com tal exigência. Há certas faculdades em que o programa litúrgico está longe de estar entre as matérias principais. Com frequência, ela tem espaço restrito, mínimo, em detrimento do direito canônico cujo número de créditos é muito maior, cenário típico de uma Igreja que dá grande valor ao aspecto institucional²⁷⁶.

As casas de formação e as faculdades não têm conseguido levar os seminaristas além das cerimônias, pois é visível que, nelas, vários deles, não participam de todo o coração²⁷⁷, não têm gosto, caem facilmente na rotina e no desinteresse. Muitas das casas religiosas e seminários têm o privilégio de celebrar a eucaristia todos os dias, mas, para que não perca o seu encanto, é preciso que os formandos tenham um [...] *sério empenho pessoal e comunitário por uma participação ativa e consciente, responsável e total, superando corajosamente as dificuldades inegáveis da rotina*²⁷⁸.

Se assim acontece com os futuros padres, não se pode esperar muito dos leigos. Nos futuros padres, a liturgia parece não ter-lhes impregnado o espírito, parecem não conseguir amar a vida litúrgica; amam os paramentos, mas conhecem pouco a teologia do mistério de Cristo; participam com enfado na vida litúrgica do seminário; as celebrações parecem fardos a serem levados durante o tempo de formação; a eucaristia parece não estar entre aquilo que constitui o centro propulsor de sua vida de fé, embora ela seja núcleo da vida da Igreja²⁷⁹;

²⁷⁵ Cf. SC 16.

²⁷⁶ Cf. LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p.31.

²⁷⁷ Cf. SC 17.

²⁷⁸ SARTORE, Domenico. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. Op. cit. p.498.

²⁷⁹ Cf. PDV 48; PO 5.

gostam quase sempre da observância estrita das leis litúrgicas, mas também há quem as despreze ou as minimize. Portanto, é por demais arriscado afirmar que a vida litúrgica, nos seminários e casas religiosas, chegou satisfatoriamente ao coração dos jovens, como requer o Concílio Vaticano II. Cipriano Vagaggini em suas reflexões sobre a formação do clero diz:

[...] a práxis litúrgica é uma arte, e uma arte deve comunicar uma virtude vital, a pastoral litúrgica supõe que o pastor esteja vitalmente permeado por experiência própria dessa realidade que é a liturgia, da sua virtude pastoral, do significado e da necessidade daquela participação ativa a que deve conduzir o povo. Que o movimento litúrgico na sua primeira etapa, numa região qualquer, deve ter em vista primeiramente o clero, e em primeiro lugar o clero paroquial e, mais exatamente o jovem clero paroquial foi sempre evidente – e o é mais ainda hoje, quando o movimento entrou decididamente na sua fase pastoral²⁸⁰.

A Constituição Litúrgica deu grande importância à formação dos padres, em vista de buscarem um bom preparo e aprofundamento na liturgia, lançando mão de todos os meios oportunos para entenderem melhor [...] *o que realizam nas sagradas funções, vivam a vida litúrgica e façam dela participantes os fiéis a eles confiados*²⁸¹. Este desafio é permanente, pois a liturgia ainda não conquistou, no clero do Brasil, o espaço necessário para se desenvolver e frutificar. Exemplo típico é a Liturgia das Horas, ainda pouco valorizada. Quando bem celebrada, a Liturgia das Horas [...] *vai estabelecendo no decorrer do dia a comunhão entre ritos litúrgicos e vivência cristã, mantendo acesa a chama do mistério no horizonte da nossa vida*²⁸². Com a missa cotidiana ocorrem situações semelhantes. O pouco zelo na administração dos sacramentos e a desvalorização dos sacramentais são o sinal de que a liturgia ainda não conquistou, inteiramente, todos os padres. É lamentável. Ainda há um longo caminho a percorrer, isto é, convencer os próprios pastores sobre a beleza, importância e necessidade da liturgia na vida da Igreja.

²⁸⁰ VAGAGGINI, Cipriano. Liturgia e pastoral: princípios. In: VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p.720-721.

²⁸¹ SC18

²⁸² SANTOS, Valeriano Costa. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.62.

b) Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários

A preocupação da Igreja em preparar os padres na liturgia renovada foi tão imediata que, após a promulgação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, Paulo VI já ordenou, através do *Moto Proprio Sacram Liturgiam* (1964), a formação litúrgica nos seminários, casas religiosas e cursos de teologia.

Em 1979, a Sagrada Congregação para a Educação Católica, preocupada com a formação dos padres, publicou outro documento sobre a importância da formação litúrgica dos presbíteros, considerando que, só um sério estudo da teologia litúrgica e da prática celebrativa e mistagógica, lhes possibilitará um conhecimento profundo, seguro e firme da própria fé²⁸³.

A Instrução sobre a Formação Litúrgica nos Seminários coloca a prática litúrgica como um pressuposto fundamental à iniciação nos estudos de liturgia. Logo, existe um ponto de partida. Os estudos partem de uma vivência sacramental, por exemplo. A partir daquilo que o estudante sente, vive e experimenta na liturgia torna-se o elemento de base para conduzi-lo e motivá-lo aos estudos.

*A formação liturgia é necessária principalmente em nossos dias,*²⁸⁴ porque a reforma da liturgia inclui os livros litúrgicos. Isto exige que os padres sejam conhecedores da preciosa teologia neles contida para poder formar o povo de Deus. O mundo contemporâneo desafia os presbíteros com o pluralismo religioso, a secularização e sua rejeição ao sagrado²⁸⁵. Neste cenário de tantas ofertas, procuras e incertezas, a liturgia tem a missão de ajudar os batizados a fazerem uma profunda experiência de Deus em meio às contradições da cultura atual e permanecerem fiéis discípulos de Cristo no catolicismo. Isto torna urgente uma iniciação

²⁸³ Cf. IFLS 1-2.

²⁸⁴ IFLS 3.

²⁸⁵ Cf. SANTOS, Valeriano Costa. *Viver a ritualidade litúrgica...* Op. cit. p.68.

adequada dos seminaristas no espírito do Concílio Vaticano II²⁸⁶ para devolver à Igreja o patrimônio perdido pela liturgia.

Quanto à liturgia, muito resta a ser feito tanto para assimilar em nossas celebrações e renovação litúrgica desencadeada pelo Concílio Vaticano II, como para ajudar os fiéis a fazer da celebração eucarística a expressão de seu compromisso pessoal e comunitário com o Senhor. Ainda não se alcançou plena consciência do que significa a centralidade da liturgia como fonte e cume da vida eclesial. Perdeu-se para muitos o sentido do “Dia do Senhor” e da conseqüente exigência eucarística²⁸⁷.

Hoje a formação dos seminaristas é alcançada principalmente através da vida litúrgica, para a qual são orientados. Os estudos atuais buscam uma compreensão mais unitária da história da salvação e de toda a teologia centrada no mistério de Cristo²⁸⁸, fato que colabora para um entendimento mais adequado da liturgia. No entanto, a liturgia não pode ser apreendida, contemplada como realidade viva e misteriosa senão através de uma participação ativa quando a comunidade reunida encontra-se com Deus e com ele dialoga.

Em conclusão, nenhuma aula de teologia ou pastoral litúrgica pode substituir a experiência habitual de participar das ações litúrgicas²⁸⁹. A comunidade seminarística é uma comunidade litúrgica, por excelência. Nela o futuro padre conhecerá a liturgia da Igreja e aprenderá a amá-la. Na esperança de acontecer este processo, a pessoa do formador é importante, pois a ele compete a responsabilidade de iniciar, através da mistagogia, os seminaristas na vida litúrgica e ajudá-los a compreenderem melhor o sentido pascal das ações litúrgicas.

A Instrução sobre a Formação Litúrgica nos Seminários teve como objetivo apresentar diretrizes e normas para que a vida e o estudo da liturgia correspondam melhor às

²⁸⁶ Cf. IFLS 3-5; OT 4.8.16.19.

²⁸⁷ SD 43.

²⁸⁸ Cf. SC 15-16.

²⁸⁹ Cf. SARTORE, Domenico. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p.497.

necessidades das comunidades eclesiais. A Igreja quis um maior empenho na formação litúrgica, nos seminários, pois a reforma exigia compreender a índole e a força da liturgia renovada para poder aplicá-la na própria vida e transmiti-la aos fiéis²⁹⁰.

O presente documento enfatiza a importância da litúrgica na formação sacerdotal composta por elementos de natureza teórica, mas também prática, ou seja, mistagógica e vivida através das celebrações para a qual os alunos precisam ser orientados²⁹¹. É um processo ao longo do percurso formativo, mas que sofrerá continuidade. Portanto, é uma tarefa inacabada, embora, na vida dos padres, isso parece faltar.

Na atual história da Igreja, muitos candidatos às ordens sacras abandonam os estudos²⁹² para se dedicarem exclusivamente à *práxis* pastoral, sem maiores preocupações com uma atualização naqueles temas fundamentais da vida cristã. Falta amor, paixão pelos estudos e pela pesquisa. Em consequência, a vida litúrgica dos padres vai estiolando-se e fica morna, e os fiéis que neles têm seus mestres, acabam por esmorecerem e a vida litúrgica se enfraquece e perde seu encanto.

Certas tendências atuais mostram alguns grupos de padres atraídos pelas festas, pompas, roupas, cerimônias e poderes, mas sem inquietações pelo ecumenismo e justiça social²⁹³. Mas se a liturgia é a vida dos homens em sua relação com Deus, então não será fácil uma liturgia viva; com facilidade se cairá no rubricismo e na rotina, pois sem sintonia com a cultura e o distanciamento das necessidades do povo, a celebração litúrgica será descontextualizada e perderá seu sabor e vitalidade.

A vida litúrgica, no seminário, é uma verdadeira escola; deve esmerar-se por uma bela realização dos ritos²⁹⁴, pelo forte acento espiritual, pastoral e pelo uso dos textos

²⁹⁰ Cf. IFLS 3.

²⁹¹ Cf. SARTORE, Domenico. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. Op. cit. p.496.

²⁹² Cf. LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. Op. cit. p.30.

²⁹³ Cf. Ibidem. p.30.

²⁹⁴ Os ritos devem estar ao alcance e compreensão de todos na assembléia, sem a necessidade de explicações; caso forem necessárias sejam muito breves e sob a forma de monições. Cf. ISNARD, Clemente José Carlos. A constituição "De Sacra Liturgia". *REB*, v.23, n.4, p.867, [dezembro] 1963.

litúrgicos oficiais; nisto tudo o seminarista seja capaz de perceber na litúrgica uma ação eclesial e nunca uma realidade subjetiva, sujeita às mudanças arbitrárias²⁹⁵.

A Instrução sobre a Formação Litúrgica nos Seminários, em sua segunda parte, além de destacar os aspectos teológicos, pastorais e ecumênicos a serem considerados no itinerário da formação litúrgica, acrescenta que, na liturgia, os seminaristas adquirem a experiência mais plena e profunda do sacerdócio e suas exigências²⁹⁶. Embora este projeto seja muito bom, na prática, ainda tem existido uma distância entre a teoria e a prática celebrativa. Há um caminho longo a percorrer para levar o povo a uma participação frutuosa na liturgia. Os padres parecem ainda não estar convictos da verdade do Mistério Pascal celebrado na liturgia, o que dificulta muito a comunidade paroquial a tornar a [...] *liturgia verdadeiramente expressiva e fecunda para o homem de hoje*²⁹⁷.

Portanto, no pós-Concílio houve uma preocupação em formar o clero e inseri-lo na vida litúrgica da Igreja, mas isto não se efetivou satisfatoriamente. Entretanto, há muitas lacunas na pastoral litúrgica e na vida das comunidades. Certos presbíteros têm feito da liturgia um espaço de sua propriedade pessoal, obscurecendo a centralidade do Mistério Pascal de Cristo, razão de ser da liturgia. Se o foco principal se perde, aparecem os secundários. Um processo de mudanças mais profundas ainda vai acontecer para dar resposta às exigências dos tempos atuais. E isto não se fará sem uma animada renovação espiritual²⁹⁸, isto é, uma profunda conversão do coração.

²⁹⁵ Cf. IFLS 16; SC 26.

²⁹⁶ Cf. SARTORE, Domenico. Formação litúrgica dos futuros presbíteros. Op. cit. p.496.

²⁹⁷ LERCARO, Giacomo. *A reforma litúrgica: resultados e perspectivas* – circular do cardeal Giacomino Lercaro, presidente do “Consilium” para a aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1967. p.5. (A Voz do Papa, 55).

²⁹⁸ Cf. PC 2.

c) O CELAM e a formação litúrgica nos seminários

O Conselho Episcopal Latino-americano, auxiliado por liturgistas especializados, elaborou a partir de 2004, uma extensa obra em quatro volumes para ser um guia de estudos litúrgicos, considerando a realidade latino-americana e em conformidade com aquilo que as conferências realizadas na América até então já haviam produzido em matéria de liturgia. O ponto de partida e centro dos quatro volumes é o Mistério Pascal de Cristo.

A formação litúrgica no seminário, primeiro tema de tão extensa obra, aparece como elemento primeiro a ser trabalhado em virtude da necessidade e urgência deste serviço à Igreja. Para o CELAM, as casas de formação religiosa precisam, dentro de seu programa formativo, incluir especialmente a iniciação na vida e na prática celebrativa através do estudo daqueles conteúdos básicos, cursos, encontros e ações celebrativas, porque a vivência litúrgica tem de estar presente ao longo de todo o processo formativo do futuro padre, particularmente, o Ano Litúrgico que deve ser a força motriz a embalar a espiritualidade comunitária no seminário e na casa de formação²⁹⁹.

Por se tratar da América Latina, o grande desafio é preparar o futuro clero para a inculturação da liturgia, isto é, pessoas qualificadas para animarem e presidirem as ações litúrgicas segundo a índole dos povos latino-americanos³⁰⁰. Este ponto da reflexão é crucial, pois em países, como o Brasil, a existência de linhas de reflexão com tendências muito conservadoras, dificultam a realização desta ponte. Prefere-se a liturgia de tipo européia à inculturação litúrgica na vida dos povos latino-americanos.

Mas a formação litúrgica dos pastores e fiéis é um dos objetivos permanentes da renovação litúrgica. Tanto que a Constituição sobre liturgia reservou seis artigos

²⁹⁹ Cf. PALUDO, Faustino. Vida litúrgica no seminário. In: CELAM. *Manual de liturgia: a celebração do mistério pascal, introdução à celebração litúrgica*. v.1. São Paulo: Paulus, 2004. p.13.

³⁰⁰ Cf. Ibidem. p.14.

consecutivos³⁰¹ para expressarem a necessidade primordial de uma sólida formação litúrgica ao clero e aos fiéis. Os padres conciliares, assistidos pelo Espírito Santo, sustentados pelos séculos de experiência pastoral da Igreja e levando em conta a cultura contemporânea, intuíram a necessidade do clero e do povo de redescobrirem a liturgia da Igreja.

A cultura atual vê, de um modo um tanto estranho, a exigência da vida comunitária, o valor do simbolismo e a vivência concreta dos mistérios da fé³⁰². Mesmo se o Concílio tivesse feito toda a reforma, mas não tivesse intuído a necessidade de formar o espírito do povo de Deus e prepará-lo para entender e acolher os frutos da liturgia renovada, a mesma permaneceria um tesouro inacessível.

Em Puebla os bispos defenderam que *A renovação litúrgica deve ser orientada por critérios pastorais fundados na própria natureza da liturgia e de sua função evangelizadora*³⁰³. Assim, uma autêntica teologia litúrgica guia a formação do clero para que tenha condições de oferecer boa formação litúrgica ao povo de Deus³⁰⁴. É esta a grande esperança dos liturgistas da América Latina, particularmente do Brasil.

Dentro do programa de renovação da liturgia na América Latina, vale destacar a necessidade de os pastores estarem impregnados de um autêntico espírito celebrativo para favorecer a iniciação litúrgica, no qual o povo entenda a fé e amadureça em seu compromisso de vida cristã³⁰⁵. Até o momento, ainda não se solidificou uma cultura do estudo e da formação permanente³⁰⁶, porque há padres e leigos desacreditando na formação cristã. É evidente, ao menos em certas regiões do interior do Brasil, o desafio de conseguir que padres sejam frequentes às reuniões de atualização teológico-pastoral de formação litúrgica do

³⁰¹ Cf. SC 14-19.

³⁰² Cf. BARAÚNA, Guilherme. A participação ativa, princípio inspirador e diretivo da Constituição Litúrgica. In: *A sagrada liturgia renovada pelo Concílio: estudos e comentários em torno da Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*. Petrópolis: Vozes, 1964. p.301.

³⁰³ PB 924.

³⁰⁴ Cf. VQA 15; SC19.

³⁰⁵ Cf. PALUDO, Faustino. Vida litúrgica no seminário. In: CELAM. *Manual de liturgia...* Op. cit. p.16. Veja também: OT 8.

³⁰⁶ Cf. VQA 15.

próprio clero. Certas dioceses passam décadas sem nenhum curso de atualização teológico-litúrgica ao clero. Reduz a formação litúrgica a pequenos grupos, em sua maioria, fragmentados e sem apoio da hierarquia.

O CELAM entendeu que a instrução litúrgica é fundamental aos jovens estudantes em preparação à vida presbiteral, pois com uma participação plena nas celebrações da Igreja encontrará o alimento à própria vida espiritual que futuramente será comunicada aos outros³⁰⁷. A realidade pastoral mostra falta de amor e de zelo com a liturgia, porque tarda a formar uma cultura litúrgica na vida paroquial, capaz de impregnar a vida do povo de Deus.

As inovações conciliares, em grande parte, conseguiram atingir o aspecto externo, contudo o interno ainda parece não ter sido atingido³⁰⁸. Na pastoral litúrgica permanece esta lacuna. Não obstante, o aspecto principal e contínuo da renovação é o esforço perseverante em promover a compreensão do verdadeiro espírito da liturgia. É uma tarefa exigente, pois pede uma compreensão nova da natureza teológica da liturgia e de sua correspondente expressão celebrativa na comunidade dos fiéis. Isto será realidade através de uma transformação profunda na visão eclesiológica; quando o modelo piramidal-instituição cede espaço a uma eclesiologia de comunhão e de participação, ministerial, centrada na Páscoa e na Escritura. Uma nova visão litúrgico-eclesiológica ajudará a modificar as celebrações da Igreja. Se as transformações na liturgia se restringissem aos ritos, rubricas, mas não afetassem a eclesiologia, as pessoas já não conseguiriam a vivência participativa nas celebrações.

³⁰⁷ Cf. IO 14.18.

³⁰⁸ Cf. SC 19.42; IO 19.

1) Objetivos da formação litúrgica no seminário

A reforma litúrgica, bem recebida na América Latina, entre os católicos e também entre os evangélicos, por valorizarem a Palavra de Deus, exigiu uma catequese prévia e profunda para introduzir padres e leigos no espírito da renovação. O entusiasmo se espalhou gradativamente pela América. Ao ser aprovada a Constituição sobre liturgia, o CELAM criou um Departamento de Liturgia a nível latino-americano; sua atuação significou a difusão de cursos, publicações e outros eventos para tornar conhecida a reforma³⁰⁹.

Os seminários não ficaram fora desta maratona de catequese litúrgica. Por isso, se apresentaram alguns objetivos da formação litúrgica nas casas religiosas e seminários, pois os seminaristas são preparados para uma particular participação na caridade do Cristo bom pastor³¹⁰. Entre outros, destacam-se: escutar assiduamente a Palavra de Deus para poder assimilá-la e comunicá-la pelo anúncio, testemunho e obras; preparar para o ministério do culto e da santificação para realizar, pela eucaristia e demais sacramentos, a obra da salvação; desenvolver a capacidade de pastorear o povo de Deus, a exemplo de Cristo, num espírito de serviço e doação constante; formar uma personalidade litúrgica, isto é, ser capaz de sintonizar e ter sensibilidade quanto ao mistério celebrado, à assembléia e à sacramentalidade da liturgia, numa perspectiva integradora da própria vida; fazer da espiritualidade litúrgica a fonte integradora de toda a vida; participar de forma consciente, plena e ativa na liturgia; formar uma pessoa equilibrada e integrada para chegar àquela percepção mais profunda da presença de Deus e de seu mistério; educar para o espírito eclesial, vida comunitária e para uma liturgia de comunhão com a Igreja e não individualista³¹¹; desenvolver a sensibilidade simbólico-sacramental, para poder entrar no jogo simbólico da liturgia na qual vai perceber e expressar o sentido que transcende o valor material das coisas, gestos ou pessoas; valorizar o caráter

³⁰⁹ Cf. RAU, E. A reforma litúrgica na América Latina. *Concilium*, São Paulo, n.2, p.127, [fevereiro] 1966.

³¹⁰ Cf. PALUDO, Faustino. Vida litúrgica no seminário. In: CELAM. *Manual de liturgia...* Op. cit. p.26-31.

³¹¹ Cf. SC 26.

comunitário-eclesial da liturgia e dos vários ministérios a serviço da participação ativa e plena. Portanto, desta gama de objetivos, se infere um longo programa, envolvendo pesquisas, aprofundamentos e vivências.

2) A formação dos seminaristas e algumas de suas características

Após o elenco dos principais objetivos, estão as características de uma formação que fará dos seminaristas mestres nas questões litúrgicas no seu futuro exercício do ministério presbiteral. É preciso, primeiro, destacar a formação unitária, aquela capaz de amadurecer a unidade entre espiritualidade e liturgia, ações litúrgicas e vida cotidiana. Esta prerrogativa é fundamental para depois iniciar o povo no Mistério Pascal de Cristo³¹²; uma formação litúrgica séria centra sua atenção na pessoa, no mistério e na compreensão dos ritos e só, depois, na formalidade e estética da celebração. A mistagogia é característica de base na formação, pois sua pedagogia conduz os iniciados a viverem e experimentarem o mistério celebrado³¹³.

Portanto, a formação litúrgica do clero é um processo de ensino-aprendizagem, troca de experiências, não só no tocante aos aspectos cognitivos, mas também afetivos, porque valoriza razão e emoção, ou seja, a pessoa humana na sua totalidade. E essa iniciação começa nas casas religiosas e seminários onde a liturgia deve ser exemplar.

1.2.2 – A formação litúrgica dos leigos, breves acenos

O tema da formação na Constituição *Sacrosanctum Concilium* não se restringe ao clero, se ordena também aos leigos. *Com empenho e paciência procurem dar os pastores de*

³¹² Cf. PDV 45.

³¹³ Cf. PALUDO, Faustino. Vida litúrgica no seminário. In: CELAM. *Manual de liturgia...* Op. cit. p.34-35.

*almas a instrução litúrgica e também promovam a ativa participação interna e externa dos fiéis, segundo a idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa [...]'*³¹⁴. A participação interna é exercida com piedade, atenção e com o íntimo afeto do coração; a externa é a comunhão nos gestos corporais, ritos, símbolos³¹⁵.

A Constituição faz referência aos ministros ordenados e, através deles, aos leigos. Os primeiros responsáveis pela liturgia são os que se prepararam para isso. Supõe-se, então, a existência de um clero perito nos assuntos litúrgicos.

Todos os batizados têm direito à educação cristã. Contudo, estritamente falando, esta educação não pode restringir apenas à educação para amadurecer os aspectos psicológicos, afetivos e existenciais da pessoa, mas, em primeiro lugar, tem a finalidade de introduzir no conhecimento dos mistérios da salvação³¹⁶. A condição batismal gera um direito fundamental aos cristãos: conhecer os mistérios nos quais se encontram envolvidos e implicados.

A participação ativa e frutuosa na liturgia, pelos fiéis leigos, acontecerá pela sua educação na fé. A carta aos Romanos diz que a fé vem pela pregação³¹⁷. A afirmação paulina é base para construir um argumento em favor da educação litúrgica dos leigos. Dificilmente celebrarão em espírito e verdade aquilo que não conhecem; não podem amar e crescer naquilo que não experimentaram. Assim, a celebração ativa e frutuosa supõe uma comunidade convertida, adulta na fé, capaz do testemunho cristão. A liturgia, para lograr êxito na vida eclesial, tem de ajudar amadurecer os frequentadores das assembleias cristãs.

Os ministros ordenados possuem a responsabilidade de orientar os fiéis, não apenas para o sentido simbólico, bíblico, teológico e litúrgico das celebrações, mas também à prática celebrativa e mistagógica. Os primeiros a descobrirem e amarem a liturgia são os presbíteros;

³¹⁴ SC 19.

³¹⁵ Cf. TRIACCA, Anchile M. Participação. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, p.888.

³¹⁶ Cf. GE 2.

³¹⁷ Cf. Rm 10,14.

do contrário, será difícil trabalhar com os leigos³¹⁸, porque são formados e orientados pelos padres, seus mestres e guias.

Os leigos se interessam pela atualização teológica, litúrgica e pastoral para melhor servir suas comunidades, mas quando retornam às suas reuniões litúrgicas de suas comunidades paroquiais onde preparam as celebrações, não conseguem colocar totalmente em prática o que aprenderam, porque os padres não aceitam as mudanças ou as proíbem. Este impasse gera conflitos e desgaste na pastoral; sem contar as tensões originadas que deixam o ambiente de Igreja meio hostil; isto faz mal à liturgia; ela não cresce, porque a comunidade se divide. O problema da formação litúrgica não se encontra tanto nos leigos, porém, mais nos padres. Eles, sim, precisam ser mestres da liturgia, mas deixam a desejar. Mas se sabem menos que os leigos, então ficam na defensiva, se refugiam atrás do poder para ocultar a insegurança e o despreparo intelectual.

Atitudes autoritárias aparecem e destroem a oportunidade da participação plena, ativa e frutuosa. A liturgia ainda não tem tanta prioridade na pastoral da Igreja, porque a formação do clero é deficiente e, por isso, falta catequese litúrgica para os fiéis³¹⁹. Por outro lado, têm crescido o esforço das comunidades e as experiências com a Celebração da Palavra de Deus,³²⁰ tão recomendada naqueles lugares onde não é possível ao presbítero celebrar, nos domingos, nas solenidades e nas festas. Mesmo com dificuldades, a vida litúrgica das comunidades está crescendo à medida do envolvimento do povo e a busca por entender melhor o espírito da Constituição sobre Liturgia.

³¹⁸ Cf. BECKÄUSER, Alberto. Entrevista: mistério, graça e conversão. *Diretrizes*, Caratinga-MG, v.50, n.802, p.23, [julho] 2008.

³¹⁹ Cf. PB 901.

³²⁰ Cf. ISNARD, Clemente José Carlos. A constituição “De Sacra Liturgia”. *REB*, v.23, n.4, p.868, [dezembro] 1963.

1.2.3 – A formação dos professores de liturgia

Formar para celebrar é um requisito fundamental na vida litúrgica, tanto que o Concílio quis ver, de imediato, à publicação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a implementação daquilo que se referia à formação de professores para poder qualificar os padres.

a) A formação dos mestres da liturgia: contexto geral

Os professores de liturgia possuem um papel importantíssimo na formação dos padres da Igreja. Para o Concílio, a liturgia está entre as matérias necessárias e mais importantes na grade curricular do curso de teologia. Entre as disciplinas principais, a liturgia receberá uma abordagem ampla, capaz de contemplar aspectos de natureza teológica, histórica, espiritual, pastoral e jurídica³²¹. Esta preocupação decorre da importância da mesma na vida da Igreja.

Contudo, a boa formação litúrgica dos padres dependerá do auxílio de outras disciplinas e do objeto próprio da pesquisa de cada uma; é o caso da Teologia Dogmática³²², Sagrada Escritura, Teologia Espiritual e Pastoral. Todas estas matérias, bem trabalhadas, darão ao futuro clero o devido preparo para a redescoberta do mistério de Cristo e da história da salvação, em clara conexão com a liturgia e a formação sacerdotal³²³.

³²¹ Cf. SC 16.

³²² Cf. OT 16.

³²³ Cf. SC 16.

b) A formação de professores no Brasil

O Brasil acolheu bem as disposições da Constituição sobre liturgia no quesito da formação dos padres. No país muitos nomes se destacaram para fazer com que a reforma litúrgica acontecesse, através de cursos, retiros, tradução de obras, adaptações dos livros litúrgicos à realidade brasileira, encontros e renovação paroquial. Entre eles pode-se citar Dom Clemente Isnard, Bispo emérito de Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Como participante do Concílio, sua personalidade tem grande importância na implantação da reforma litúrgica no Brasil³²⁴ e na tradução e adaptação dos livros litúrgicos para a realidade brasileira. Seu trabalho é de inestimável valor. Outros grandes expoentes são: Pe. Gregório Lutz, Frei Alberto Bechkäuser, Pe Valeriano dos Santos Costa, Pe. José Weber, Ione Buyst, Frei José Arioaldo da Silva, Geraldo Majella Agnelo, Pe. José Antônio Busch, Maucyr Gibin, Pe. Nereu de Castro Teixeira e outros que construíram e constroem o caminho da liturgia no Brasil.

Formar professores de liturgia é uma responsabilidade da própria Igreja. Esta missão vem sendo cumprida dentro das possibilidades de cada Igreja particular em suas faculdades de teologia. No Brasil o Centro de Liturgia Nossa Senhora da Assunção vem realizando o serviço de formar professores de liturgia para a Igreja no país. *A criação do Centro de Liturgia teve ligação direta com a situação em que se encontrava a formação litúrgica na década de 1980*³²⁵. A necessidade de oferecer condições para que o povo de Deus compreendesse com maior profundidade o espírito da liturgia renovada para poder celebrar melhor, fez surgir o Centro de Liturgia. A criação do Centro de Liturgia punha em prática a

³²⁴ Cf. SANTOS, Guanair da Silva; PIERRI PRIMO, Manuel de; SOUZA FILHO, Pedro Vilson Alves de. (Orgs.). *A implantação da reforma liturgia do Concílio Vaticano II no Brasil* – Entrevista com Dom Carlos Clemente Isnard. São Paulo: Paulus, 2003. p.14-32. (Cadernos de liturgia, 10).

³²⁵ ADÃO, Alex José. *História do Centro de Liturgia e suas contribuições para a Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2008. p.23. (Cadernos de liturgia, 14).

Constituição Litúrgica que pedia a criação de estabelecimentos especializados para formar os professores de liturgia³²⁶.

Também a ASLI³²⁷, presidida atualmente por Mons. João Alves Guedes, é um organismo que, há anos, é referência no processo de formação litúrgica da Igreja no Brasil.

Todavia, há outras fontes de formação litúrgica. Por exemplo, as dioceses que, aos poucos, se organizam através de cursos, retiros, palestras e folhetos para ajudarem as comunidades paroquiais a entrarem no espírito da liturgia renovada.

Não se pode esquecer do trabalho das faculdades católicas. Elas, em seu curso regular, procuram oferecer aos seminaristas aquelas condições básicas necessárias para o futuro exercício do ministério presbiteral. Porém há faculdades reservando um limitado espaço na sua grade de ensino para a liturgia da Igreja, contradizendo o que determinou o Concílio Vaticano II. A preocupação maior é com a moral, direito canônico e outras áreas afins que reforcem o aspecto institucional. Isto é que distancia a Igreja de sua fidelidade ao Concílio.

Fica difícil uma compreensão mais profunda da liturgia se os ambientes próprios a esta formação: seminários, casas religiosas e faculdades teológicas, se encontram limitados para oferecerem um preparo de qualidade. Se assim acontece nessas casas, onde a liturgia deveria ser modelo, então se pode esperar bem menos do povo que não tem ambiente e nem professores especializados para sua instrução. Mas, a formação é irrestritamente para todos no povo de Deus.

De 11 a 15 de fevereiro deste ano [2009]³²⁸, a CNBB organizou um seminário sobre pastoral litúrgica. Participaram umas sessenta pessoas (bispos, padres, leigos e leigas, músicos e compositores, arquitetos e arquitetas...) representando vários regionais do Brasil. Aprofundamos os três

³²⁶ Cf. SC 14-19.

³²⁷ São importantes as motivações e o processo de surgimento da Associação dos liturgistas do Brasil. Cf. COSTA, Valeriano Santos (Org.). ASLI: pinceladas de uma história de vinte anos. In: *Liturgia: peregrinação ao coração do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2009. pp.217-231.

³²⁸ Grifo nosso.

aspectos da pastoral litúrgica: a celebração, a formação e a articulação (organização). No final do seminário, o ‘grito geral’ foi por mais formação litúrgica em todos os níveis da vida eclesial: do povo, das equipes de liturgia, dos compositores, cantores e instrumentistas, dos arquitetos e outros responsáveis pela organização do espaço litúrgico, das/dos catequistas, das religiosas e dos religiosos, dos diáconos, presbíteros e bispos, dos professores nos institutos de teologia e casas de formação... Ninguém escapa³²⁹!

O problema da liturgia está no “baixo” e “alto” clero. A liturgia é obscura para muita gente e atinge a todos no povo de Deus, apesar de suas conquistas. Há muitas pessoas inseridas na pastoral litúrgica nas comunidades, mas os resultados não são satisfatórios. Grande número de fiéis ainda não ultrapassa a materialidade dos símbolos, não entram no espírito da celebração, porque ela ainda lhes parece distante, estranha. A situação denuncia a falta de uma catequese litúrgica.

1.3 – Alguns pontos da liturgia originada no Concílio Vaticano II

Entre os muitos aspectos abordados pela Constituição litúrgica, está a participação consciente, ativa, plena e frutuosa nas ações litúrgicas e a liturgia, enquanto fonte e cume da vida da Igreja. Estes são os temas da próxima secção.

1.3.1 – Participação consciente, ativa, frutuosa, plena e piedosa

O movimento litúrgico, com Lambert Beauduin, quis democratizar a liturgia, torná-la mais participativa pelos fiéis. A reforma litúrgica acolheu este ideal para levar o povo a obter graças abundantes através da liturgia³³⁰. Contudo, o grande escopo pastoral da renovação

³²⁹ BUYST, Ione. *Formação litúrgica integral*. Disponível em: <<http://www.asli.com.br/artigo03.htm>>. Acesso em: 22 julho 2009, 21:20:49.

³³⁰ Cf. MELO, José Raimundo de. Anotações à margem dos artigos 1 a 13 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: Sacrosanctum Concilium. In. SIVINSKI, Marcelino; SILVA, J. Arioaldo da. (Orgs.). *Liturgia no*

litúrgica está na integração e participação ativa de todo o povo de Deus na liturgia da Igreja³³¹. Um dos princípios capitais do movimento litúrgico tinha por finalidade obter celebrações vivas e participativas nas quais o povo pudesse encontrar a fonte primordial do verdadeiro espírito cristão. A Constituição está impregnada desta ideia da participação ativa, especialmente o artigo 14, que destaca a necessidade de os fiéis serem levados àquela participação plena, consciente e ativa nas celebrações, exigência da própria natureza da liturgia, além de ser um direito e um dever dos fiéis³³².

Vários números da *Sacrosanctum Concilium* fazem referência à participação³³³. Tal insistência demonstra a importância e urgência do tema na vida da Igreja. A finalidade da pastoral litúrgica é conduzir e conservar o povo em Cristo e Cristo no povo. Por isso, o agir pastoral deve ser criativo e levar os fiéis à liturgia e a liturgia aos fiéis para conservar a comunhão íntima entre Cristo e seu rebanho. Esta profunda comunhão de vida se fortalece através do sacrifício eucarístico, supremo lugar de encontro do homem com Deus, na pessoa de Cristo ressuscitado³³⁴. Neste intercâmbio acontece a santificação dos homens e a glorificação de Deus³³⁵.

A participação na liturgia possui alguns adjetivos sem os quais não acontece ricamente o encontro do homem com Deus. Primeiro, é necessário ter consciência³³⁶ da participação interna e externa. A mente e o coração têm de estar em sintonia na celebração, sob pena de ser ritualismo frio e sem sabor.

Na celebração cristã, não basta que o rito nos coloque em postura ativa. É preciso que o conjunto das nossas disposições, como percepção, intelecção,

coração da vida... Op. cit. p. 35.

³³¹ Cf. BUGNINI, Annibale. La clave de la reforma litúrgica. In: *La reforma de la liturgia (1948-1975)*. Madrid: BAC, 1997. p.5. Esta obra descreve o processo e o desenvolvimento da reforma litúrgica.

³³² Cf. ISNARD, Clemente José Carlos. A constituição “De Sacra Liturgia”. Op. Cit. p.866.

³³³ Cf. SC 11-14.19.27.30.41.50.53.55.79.113.121.124.

³³⁴ Cf. VAGAGGINI, Cipriano. Liturgia e pastoral: princípios. In: *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p.712.

³³⁵ Cf. SC 5.7.10.59.61.112.

³³⁶ Cf. SC 11.14.48.

vontade, memória, criatividade e outras, esteja sintonizado e nos transforme em sujeitos conscientes da ação que realizamos³³⁷.

É importante que os fiéis compreendam facilmente os sinais sacramentais³³⁸ para poderem participar conscientemente da liturgia. O homem na sua totalidade se envolve, do contrário, não se encontra com o sagrado no rito. Quando duas pessoas se amam, elas anseiam por encontros cada vez frequentes, profundos e intensos. O desejo do encontro fortalece a necessidade de estar junto. Na liturgia é preciso mergulhar no sentido simbólico do gesto, na poesia dos textos litúrgicos, ir além da materialidade dos textos e dos ritos. Por isso, a qualidade da presidência na liturgia é fundamental, pois à medida que compreende o sentido simbólico dos textos e os expressa com o coração, possibilita uma liturgia orante, serena, mística. *A participação exterior está em função da participação interior. Se menosprezamos o exterior, o interior arrefece porque as portas se fecham*³³⁹. Nesse jogo entre participação externa e interna, o fiel chega ao encontrar-se na intimidade do seu coração, sede de luz e trevas. O coração é o seu altar; e [...] *no altar do coração se celebra a litúrgica de coração, pascal por excelência, porque não só celebra a Páscoa de Cristo, mas a ela associa a nossa Páscoa também*³⁴⁰. Uma vez feita esta experiência, ela está destinada a crescer e atingir cada vez mais a profundidade do homem. *A efusão do mistério da liturgia na vida começa na oração. [...] É a partir da oração do coração que a liturgia se torna vida*³⁴¹. A formação litúrgica oferece a chance de os fiéis compreenderem a importância de realizar este mergulho no sentido mais profundo de Deus.

O Concílio disse da necessidade da participação plena, ativa e frutuosa; realidades válidas se a pastoral litúrgica conseguir levar para as igrejas o povo e prepará-lo para celebrar

³³⁷ COSTA, Valeriano dos Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação...* Op. cit. p.74.

³³⁸ Cf. SC 59.

³³⁹ COSTA, Valeriano dos Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação...* Op. cit. p.29.

³⁴⁰ Ibidem. p.76.

³⁴¹ CORBON, Jean. *A fonte da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Dessedentar 1). p.157.

e viver a fé. A tomada de consciência do valor e importância do Mistério Pascal na vida cristã atrairá sempre de novo os fiéis a esta fonte de vida. *O ponto em que o rio de vida se torna fonte na vida do homem é o seu coração*³⁴². Então, a experiência da Páscoa de Cristo, é uma experiência que acontece no coração, sede do amor, intuição, desejo e decisão.

A participação na liturgia é ativa. Significa a necessidade de assimilar a comunidade como o lugar onde cada fiel experimenta o Senhor ressuscitado e, por ele, deixa-se converter. Na participação ativa, o cristão assume seu papel de ator³⁴³ na liturgia, porque sua ação é uma exigência que decorre de ser batizado³⁴⁴. Neste encontro litúrgico, a ritualidade tem papel fundamental a cumprir, pois a sua mediação colocará os fiéis da comunidade na relação direta com o Senhor no mistério de sua Páscoa e, ao mesmo tempo, os levará a perceber, na ação litúrgica em ato, um momento da história da salvação. Assim, a participação ativa permite chegar a esta noção real, a história da salvação não ficou no passado, mas está em ato. O resplendor da liturgia, celebrada com nobre simplicidade, fornece aos fiéis uma visão real deste mistério³⁴⁵.

A participação é frutuosa, porque destina, a cada dia, a fortalecer a caridade³⁴⁶ e a vida fraterna, da qual o próprio Cristo é mestre e modelo. Formados pela liturgia, os fiéis darão testemunho de uma vida profundamente cristã no seu martírio cotidiano e no anúncio durante sua peregrinação no mundo. No serviço que presta ao Reino, sentirá sempre mais sede daquele que se tornou o sentido maior de sua vida, o próprio Deus.

A participação é plena³⁴⁷. Nela os celebrantes respondem em perfeita sintonia com o dado objetivo da celebração, o Mistério Pascal de Cristo, razão da liturgia. A participação plena possibilita um mergulho profundo no mistério, em que a mente e o coração orientam-se a Cristo e seu mistério. Nasce uma relação mística entre o fiel e Deus, que proporciona um

³⁴² Ibidem. p.157.

³⁴³ Cf. VAGAGGINI, Cipriano. Liturgia e pastoral: princípios. Op. cit. p.713-714.

³⁴⁴ Cf. 1Pd 2,4-5.9; SC 14.

³⁴⁵ Cf. SC 34.

³⁴⁶ Cf. SC 10.

³⁴⁷ Cf. SC 14.

encontro radical com o transcendente. Essa experiência de plenitude passa pela qualidade do sinal, dos sentidos, da razão e do afeto, deixando a inteireza do ser da pessoa humana totalmente tomada pelo esplendor do ser divino, que a ela se revela, mas também se esconde, simultaneamente. O certo é que Cristo, cada vez mais, será o centro em torno do qual gravitará a vida de quem o experimentou pela liturgia³⁴⁸.

No crescer desta experiência, a liturgia aparece como epifania da Igreja, direito e dever do cristão, porque o sacerdócio comum habilita os fiéis a celebrarem a liturgia em comunhão eclesial. Esta participação será tanto mais plena, quanto mais consciente do fato litúrgico o povo estiver³⁴⁹. Pois, de Deus, a graça sempre é total, mas o homem nem sempre se abre para recebê-la.

Por fim, a participação é piedosa. *A piedade se manifesta no coração, no âmbito da virtude de religião, e ilumina o caminho da mística [...]* ³⁵⁰. Neste itinerário de vida, Deus se compromete em nos inserir numa relação de amor consigo. Ele nos atrai ao seu amor inefável como fez com o profeta Jeremias³⁵¹; ele causa a sede no homem e o espera à beira poço para lhe oferecer a água viva³⁵². Deus é a origem da piedade, pois se deixa encontrar por quem o procurar. A piedade estabelece unidade e coesão entre todos os adjetivos da participação litúrgica e confirma a necessidade do homem de descobrir e amar a Deus.

1.3.2 – O Mistério Pascal, centro da vida litúrgica da Igreja

Repetidas vezes a categoria Mistério Pascal aparece nos documentos do Vaticano II para demonstrar sua centralidade na vida da Igreja³⁵³. A Constituição *Sacrosanctum*

³⁴⁸ Cf. COSTA, Valeriano dos Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação...* Op. cit. p.83-87.

³⁴⁹ Cf. SC 11.

³⁵⁰ COSTA, Valeriano dos Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação...* Op. cit. p.109.

³⁵¹ Cf. Jr4,1-10.

³⁵² Cf. Jo4,1-42.

³⁵³ Cf. SC5. 6. 47. 61. 104. 106.107.109; GS 22. 38; AG14; OT8; ChrD15.

Concilium coloca o Mistério Pascal na base de toda sua reflexão teológica sobre liturgia, porque nele encontra os pilares da argumentação teológica para falar de sacramentos, sacramentais, ações litúrgicas, símbolos e ritos.

A Páscoa de Cristo constitui o núcleo essencial da pregação dos apóstolos e, por isso mesmo, é o eixo de toda celebração litúrgica, particularmente da eucaristia³⁵⁴. Ao reler a história da salvação, os padres conciliares contemplaram mistérios como: Criação, Queda, Encarnação, Páscoa, Pentecostes numa perspectiva escatológica. Celebrar a globalidade destes mistérios, na liturgia, é admitir, no culto cristão, o sentido de libertação-reconciliação acontecida na Páscoa preparada por Deus, em suas grandes obras, ao longo do Antigo Testamento³⁵⁵ com sua realização na pessoa de Cristo e seu Mistério Pascal. Assim, a Páscoa da ressurreição se tornou o jorro impetuoso da liturgia, porque a morte foi vencida³⁵⁶ e a vida renasceu vitoriosa, para sempre.

A vida jorra do túmulo, mas límpida do que do lado trespassado, mais vivificante do que do seio da Virgem Maria. No túmulo onde a sede do homem não cessa de vir expirar, vem recolhê-la a sede de Deus. Já não é apenas a sede que busca a fonte, é a fonte que Se tornou sede e nela brota. ‘Dá-me de beber... tenho sede!’ (Jo 4,7; 19,28)³⁵⁷.

A Páscoa é o centro da história da salvação, a síntese de toda a vida e obra de Cristo redentor do gênero humano. Na sua morte e ressurreição, realizou a perfeita glorificação do Pai no Espírito Santo³⁵⁸.

Mistério Pascal é o elemento chave do ano litúrgico, particularmente, a celebração do domingo, como a mais autêntica, a primeira entre as festas³⁵⁹. A Páscoa é a maior

³⁵⁴ Cf. BERNAL, José Manuel. *Celebrar, un reto apasionante*: bases para uma comprensión de la liturgia. San Esteben: Edibesa, 2000. (Horizonte dos mil – textos y monografias). p.165.

³⁵⁵ Cf. SORCI, P. Mistério Pascal. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p.771-772.

³⁵⁶ Cf. Lc24,1-8.

³⁵⁷ CORBON, Jean. *A fonte da liturgia*. Op. cit. p.38.

³⁵⁸ Cf. SC 5.

³⁵⁹ Cf. SC 106.

solenidade³⁶⁰, nenhuma festa tem primazia sobre o Mistério Pascal no Ano Litúrgico³⁶¹. Os sete sacramentos, como sua celebração, têm, na Páscoa, seu núcleo e fundamento. Não há liturgia que não seja pascal.

A formação sacerdotal deve primar-se pelo ensino do Mistério Pascal de Cristo aos seminaristas para, neles, plantar o núcleo essencial da fé celebrada na liturgia da Igreja. Os jovens sejam levados a tomar consciência da finalidade de seu futuro ministério presbiteral, a glorificação de Deus em Cristo. Sejam instruídos para que no seu ofício pastoral ajudem os homens a aceitarem de modo livre, consciente e grato as obras de Deus realizadas em Cristo; e saibam que elas derivam da Páscoa de Cristo³⁶².

Na Instrução *Inter Oecumenici* toda ação pastoral, centrada na liturgia, dirige-se para uma única direção: o Mistério Pascal. Salvos por meio dele, os homens, em Cristo, já não vivem para si, mas para Aquele que perdoa os pecados do mundo³⁶³. Esta torrente de graças está presente nos sacramentos do batismo e eucaristia³⁶⁴, para a qual estão ordenados todos os demais sacramentos e sacramentais³⁶⁵. Nessa relação íntima entre sacramentos e a vida nova do Cristo, o Mistério Pascal é posto como chave interpretativa do culto cristão; ele é o referencial, o critério de análise da liturgia, Escritura, Revelação e tudo o mais na teologia. Os padres da Igreja, no tríptico múnus de sua missão, podem ajudar o cristão a perceber-se como [...] peregrino, pascal e litúrgico por excelência³⁶⁶.

A preparação teológico-litúrgica dos futuros padres, necessariamente, tem de contemplar aspecto tão eminente, sob pena de não captar a alma da Constituição litúrgica e do Concílio. Só uma fiel vigilância, no apostolado de pastores e ovelhas, garante a fidelidade às

³⁶⁰ Cf. SC 102.

³⁶¹ Cf. NEUNHEUSER, Burkhard. Il mistero pasquale “culmen et fons” dell’anno liturgico. *Rivista Liturgica*, Padova, Anno. 62, n.2, p.151, [marzo/aprile] 1975.; SC 107.

³⁶² Cf. OT 2.

³⁶³ Cf. IO 6.

³⁶⁴ Cf. SC 47.

³⁶⁵ Cf. SC 61.

³⁶⁶ COSTA, Valeriano dos Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação...* Op. cit. p.97.

determinações conciliares, pois, nas últimas décadas, há certos grupos, na Igreja, que não têm dado sua colaboração para defender o precioso tesouro redescoberto pela dedicação árdua daqueles envolvidos na obra de renovação da Igreja.

Infelizmente, cristãos influentes têm tentado nos últimos tempos, com denodado empenho, pôr em risco as conquistas do Concílio, mormente no campo da liturgia, não tanto por meio de uma clara oposição à Igreja, mas, o que é bem pior, através de uma nociva e terrivelmente multiplicadora prática litúrgica que em nada corresponde àquilo que propõe a reforma³⁶⁷.

Um cuidadoso serviço pastoral, uma formação litúrgica dentro do espírito da *Sacrosanctum Concilium* assegurará o valor de uma litúrgica centrada na páscoa de Cristo. *O Mistério Pascal é o mistério cristão inteiramente visto no seu centro ordenador e catalisador ao qual tudo tende e do qual tudo deriva*³⁶⁸, ou seja, ele é o eixo articulador de toda a liturgia.

Por isso, o escopo fundamental da reforma litúrgica é revelar à Igreja a necessidade de exprimir, em sua própria vida, o Mistério Pascal e realizá-lo no hoje da vida dos batizados envolvendo toda sua vida em Cristo, num contínuo louvor e glorificação a Deus³⁶⁹, até desembocar na Parusia. Com maior propriedade, ainda diz-se: *A vida cristã é assim assinalada pelo já e pelo ainda-não que caracteriza o evento da salvação pascal e a sua celebração na liturgia*³⁷⁰. Esta é a tensão que se opera na vida cristã; os fiéis já possuem a salvação objetivamente realizada em Cristo, mas subjetivamente falta-lhes aquilo que responsabiliza a cada um³⁷¹. Mas para que esta obra seja, paulatinamente, levada a termo, Cristo, está presente na Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. No sacrifício da missa, síntese da obra da salvação, o Senhor está naquele que a preside, na assembleia, na Palavra e nas espécies eucarísticas; ele está nos sacramentos. Numa Palavra, quando a Igreja ora e

³⁶⁷ Cf. MELO, José Raimundo de. Anotações à margem dos artigos 1 a 13 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: *Sacrosanctum Concilium*. In. SIVINSKI, Marcelino; SILVA, J. Arioaldo da. (Orgs.). *Liturgia no coração da vida...* Op. cit. p. 34.

³⁶⁸ VAGAGGINI, Cipriano. A liturgia e as leis gerais da economia divina no mundo. In: *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p.244.

³⁶⁹ Cf. SC 6; 2Cor 5,15.

³⁷⁰ SORCI, P. Mistério Pascal. Op. cit. p.786.

³⁷¹ Cf. Col 1,24.

salmodia, a presença de Cristo é constante³⁷², não deixa dúvidas, pois sempre é o mesmo Verbo encarnado, morto e ressuscitado quem preside a liturgia da Igreja.

O papa Paulo VI, no seu *Motu Proprio Mysteriorum Paschalis* (1969), afirma a centralidade do Mistério Pascal na vida dos fiéis, particularmente na vida cotidiana, semanal e anual. Esta postura demonstra um resgate da verdadeira tradição litúrgica, visível nas eucologias, na organicidade dos lecionários dominical e semanal. Toda a liturgia da Igreja é pascal, como também sua existência é pascal. O Mistério Pascal também está presente na Liturgia das Horas: *A hora própria para rezar as laudes, como louvor da manhã, é a do despontar da luz do novo dia, em evocação tanto à encarnação como à ressurreição do Senhor*³⁷³.

Portanto, ao celebrar o Mistério Pascal, na eucaristia no domingo, festa primordial³⁷⁴ do cristão, a Igreja recapitula a obra de Cristo e atualiza o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo, e, vigilante, aguarda a sua Parusia³⁷⁵.

1.3.3 – A liturgia, fonte e ápice da vida eclesial

A Constituição Litúrgica, no conjunto da ação evangelizadora da Igreja, declara que [...] a liturgia não esgota toda a ação da Igreja [...]³⁷⁶, porque o serviço da Igreja ao mundo não se restringe à liturgia. Antes de achegarem à liturgia, os homens são chamados à fé e à conversão, mediante o anúncio do Evangelho, Palavra viva de Cristo. A missão evangelizadora não atingiu, ainda, todo o orbe terrestre e muitos não conhecem a Cristo. Sem

³⁷² Cf. SC 7; Mt 18,20.

³⁷³ COSTA, Valeriano Santos. *Liturgia das horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*. São Paulo: Pulinas, 2005. p.67. Ver também: IGLH38.

³⁷⁴ Cf. SC 106.

³⁷⁵ Cf. ANTONIO ABAD, José; GARRIDO, Manuel. *Iniciación a la liturgia de la Iglesia*. 4. ed. Madrid: Palabra, 2007. (Colección Pelicano). p.677.

³⁷⁶ SC 9.

conversão, fruto da fé, não há adesão ao Deus único e verdadeiro³⁷⁷ e nem ingresso nos diversos tipos de apostolado para produzir frutos para a edificação do Reino.

Quem renasceu no batismo e saciou-se nos sacramentos pascais, recebe graças necessárias para alimentar a piedade, conservar a vida de comunhão e caridade, acolher o dom da salvação e nutrir a caridade imperiosa de Cristo. Na liturgia eucarística, ponto de chegada de toda a vida eclesial e, simultaneamente, o manancial de onde originam todas as graças para o apostolado³⁷⁸, a Igreja atualiza, em Cristo e através do Espírito Santo, o mistério da redenção pelo qual glorifica a Deus e é santificada³⁷⁹.

O povo de Deus, há mais de quarenta anos do Concílio, ainda não tem uma compreensão clara sobre a liturgia, fonte e ápice da vida cristã. Duvida-se também dos presbíteros; muitos não têm consciência profunda das implicações do mistério da liturgia na vida da Igreja, embora da liturgia devam estar imbuídos³⁸⁰. Algumas experiências em certas comunidades demonstram a indiferença de padres na liturgia, fazendo dela uma ação subjetiva, passível de alterações arbitrárias³⁸¹.

Os presbíteros e também os fiéis têm um longo caminho a percorrer. Falta a conversão do coração, humildade na aplicação das ideias e conhecimento teológico dos princípios básicos da liturgia. Uma maior busca de amadurecimento e fundamentação na Tradição e na Escritura pode ser um caminho para superar entraves e abrir canais de formação litúrgica, extremamente necessária nos dias atuais. A esperança de todo o povo encontrar na liturgia a fonte e ápice³⁸² da vida eclesial não será real [...] *se os próprios pastores de almas*

³⁷⁷ Cf. Rm 10,14-15.

³⁷⁸ Cf. VAGAGGINI, Cipriano. Vista panorâmica sobre a Constituição Litúrgica. In: BARAÚNA, Guilherme. *A sagrada liturgia renovada pelo concílio: estudos e comentários em torno da Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*. Petrópolis: Vozes, 1964. p.138.

³⁷⁹ Cf. SC 5.7.

³⁸⁰ Cf. SC16-17; ChrD15.

³⁸¹ Cf. 26.

³⁸² Cf. SC10.

*não estiverem antes profundamente imbuídos do Espírito e da força da liturgia e dela se tornarem mestres*³⁸³.

Portanto, o coração da teologia e da espiritualidade litúrgica é o mistério de Cristo, enquanto celebrado, atualizado e comunicado³⁸⁴. É uma realidade viva e dinâmica a ser assimilada na mente e no coração. Uma formação continuada e progressiva é a saída para inúmeros problemas enfrentados hoje pela pastoral litúrgica. É o que será visto nas reflexões do próximo capítulo.

³⁸³ SC 14.

³⁸⁴ Cf. CASTELLANO, Jesús. Presença e ação de Cristo em seu Mistério Pascal. In: *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008. p.129.

CAPÍTULO III – A NECESSIDADE DE UMA FORMAÇÃO LITÚRGICA GRADUAL E PROGRESSIVA

A formação litúrgica deixou seu legado no movimento litúrgico e na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, como já foi visto. Daqui em diante, será examinada sua importância no Brasil.

O Concílio Vaticano II provocou, na América Latina, o surgimento de Conferências importantes como a de Medellín e Puebla, principalmente, que marcaram a história da Igreja latino-americana. No Brasil, o Plano de Emergência, no início da década de 60, fez a pastoral dar passos na renovação da pastoral paroquial, organização dos Regionais da CNBB e a Pastoral de Conjunto.

1 – A Conferência de Medellín e a liturgia

A Conferência de Medellín, sem desmerecer qualquer outra conferência latino-americana, foi a que melhor conseguiu fazer uma releitura da eclesiologia, teologia, espiritualidade, pastoral, liturgia e Escrituras a partir dos pobres. A reforma e renovação litúrgicas não tiveram tanto impacto no continente, haja vista que, em certas regiões, houve esforço de aplicação das mudanças litúrgicas; em outras, foi muito fraco. Pouco tempo se passou entre a publicação da Constituição sobre a liturgia até Medellín, apenas cinco anos, tempo insuficiente para mudar uma mentalidade litúrgica no clero, particularmente. O espírito da renovação não havia atingido satisfatoriamente nem mesmo o episcopado, cujo importante papel é promover, regular e orientar o culto cristão³⁸⁵.

³⁸⁵ Cf. Mdl 9.

A cultura latino-americana, em profundas mudanças, buscava adaptações na evangelização e educação na fé; foi quando a liturgia e a catequese se tornaram ferramentas valiosas. Na época, a tradução dos livros litúrgicos estava em processo de execução, mas suas adaptações ao povo só viria mais tarde ³⁸⁶.

A liturgia, num rico período de produção pastoral, não estava tão bem integrada na educação religiosa dos fiéis, e nem havia tantos estudiosos preparados para desenvolverem a renovação litúrgica ³⁸⁷ na América Latina, porque a Constituição *Sacrosanctum Concilium* acabara de ser aprovada. Era a grande novidade daquele momento. A primeira atitude, a mais urgente, foi tentar formar um corpo de professores e, através deles, um clero preparado que se imbuísse do espírito litúrgico ³⁸⁸ e fosse capaz de levar adiante, nas dioceses e paróquias, a renovação litúrgica.

No tempo de Medellín, surgiu, em razão das circunstâncias histórico-políticas, uma liturgia mais popular, simples, cujo realce acentuava a presença do Deus peregrino que caminha e sofre com seu povo espoliado pela marginalização, exploração, miséria e pela ofensa à sua dignidade.

Os projetos pastorais de Medellín privilegiaram a dimensão social e comunitária da fé, para formar homens comprometidos na construção do Reino de Deus ³⁸⁹. Assim, as celebrações se preocupavam em exprimir o mistério Pascal do Cristo que assumiu a pobreza para se identificar com os necessitados e deles fazer os primeiros bem-aventurados do Reino ³⁹⁰. A liturgia pascal de Medellín realçava a presença viva do Jesus libertador para animar o vigor dos projetos pastorais e construir a paz no continente latino-americano.

Em Medellín [...] a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana ³⁹¹, porque a obra criadora e salvadora de Deus envolve o homem na

³⁸⁶ Cf. SC 36.37-40.101.

³⁸⁷ Cf. Mdl 9.

³⁸⁸ Cf. SC 14.

³⁸⁹ Cf. Mdl 2.

³⁹⁰ Cf. Ex 13,17-22; Lc 2,1-20; Mt 5,1-12; Lc 6,20-23.

³⁹¹ GS 43.

totalidade de sua vida. Todavia, as comunidades poderão fazer uma experiência mais profunda do Mistério Pascal se os padres estiverem profundamente conscientes do espírito e da força da liturgia renovada³⁹². Este ideal requer uma formação na melhor teologia litúrgica e uma verdadeira experiência de Deus a partir da realidade onde se vive.

A liturgia em Medellín reconhece a presença do Mistério Pascal, celebrado para a glória de Deus e a santificação dos homens³⁹³. Por isso, a ação litúrgica, através de ritos e sinais com que expressa fé³⁹⁴, apresenta uma compreensão e vivência mais intensa da confiança em Deus³⁹⁵; um sentido maior da transcendência da vocação humana³⁹⁶; um revigoramento do espírito de comunidade³⁹⁷; uma mensagem cristã de alegria e esperança³⁹⁸ para um continente sofrido; uma exigência da fé em comprometer-se com as realidades humanas³⁹⁹.

Para Medellín, estas preocupações só se concretizarão através de uma catequese litúrgica centrada no significado do mistério cristão e sua expressão nas ações litúrgicas para manter integradas a fé, a liturgia e a vida cotidiana⁴⁰⁰. A primeira preocupação dos bispos, em Medellín, estava na necessidade de promover, nas dioceses, para todo o povo de Deus, a vida litúrgica, através de uma formação gradual, progressiva e frequência à eucaristia, centro da vida da Igreja⁴⁰¹.

O CELAM incentivou as Conferências Episcopais a levarem adiante a tarefa de encontrar as melhores adaptações pastorais para a liturgia em cada região da América Latina, respeitando o gênio de cada cultura. Este passo decisivo exigia dos padres um melhor preparo intelectual para construir uma boa inculturação da fé. Vários problemas pastorais podiam ser

³⁹² Cf. SC 14.

³⁹³ Cf. SC 5.

³⁹⁴ Cf. MdI 9.

³⁹⁵ Cf. SC 33.

³⁹⁶ Cf. SC 2.41; AG 15.

³⁹⁷ Cf. PC 6; SC 26-27.

³⁹⁸ Cf. SC 5-6.

³⁹⁹ Cf. SC 11-12. 48; GS 43.

⁴⁰⁰ Cf. SC 11.48.

⁴⁰¹ Cf. SC 41.

solucionados pela formação integral e permanente do povo de Deus, e garantir o sucesso no processo de renovação da vida litúrgica nas comunidades latino-americanas. Para a realização deste objetivo, serviram de base as assessorias de formação bíblico-teológica, histórico-cultural, eclesiológico-jurídica. O serviço dos centros de formação litúrgica começou a explorar as várias ciências teológicas e sociais em vista da adequada aplicação e inculturação da litúrgica. O programa de formação incluía o incentivo ao estudo de música e arte litúrgicas, e montagem de bibliotecas, bem como publicação de materiais para pesquisa e reflexão sobre liturgia. Empreendimentos desta monta careciam de aparato financeiro, recurso nem sempre disponível nas paróquias. Este foi e continua sendo um desafio à Igreja em sua busca pela renovação litúrgica na América Latina.

No mundo contemporâneo, a rapidez das mudanças sociais e os novos hábitos da vida moderna desafiam a formação cristã, porque deixam a maior parte dos seminaristas entregues ao entretenimento, à despreocupação com as questões mais sérias da liturgia da Igreja, sem falar em outros aspectos complexos da pastoral no mundo de hoje. Acostumou-se a falar em ciberespaço, melhor expressão do mundo digital, que trouxe uma rapidez sem precedentes na comunicação global. Capaz de modificar e condensar informações, a era digital não ajuda muito a vida litúrgica⁴⁰², pois cria um estilo de vida caracterizado pelo individualismo cibernético um tanto superficial e irreal.

O CELAM apostava na formação do clero como um instrumento fundamental à renovação da Igreja na América Latina, porque ele seria uma instância capaz de responder às exigências religiosas e humanas do continente⁴⁰³, se estivesse preparado para isso. Em tese, o clero continha os qualificativos que o habilitavam a ingressar os povos latino-americanos nas reformas conciliares e adentrá-los no espírito da renovação litúrgica⁴⁰⁴.

⁴⁰² Cf. COSTA, Valeriano dos Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005. p.111-112.

⁴⁰³ Cf. Mdl 13.

⁴⁰⁴ Cf. SC 14.

A cultura contemporânea desafia a formação litúrgica dos padres do futuro, porque os envolve no mundo digital, fascinando-os com as imagens, os hipertextos do mundo digital e o som. Por outro lado, a liturgia se alimenta de outras fontes, como também a teologia. É preciso que, cada vez mais, a liturgia seja estudada e vivida em toda realidade existencial de um seminarista para que toda sua vida seja uma existência pascal. E não será a ilusão do mundo digital que oferecerá isto, mas o bom serviço dos professores de liturgia e dos padres formadores dos seminários e casas religiosas.

1.1 – O Brasil e a Constituição Litúrgica

Uma série de eventos pastorais na Igreja do Brasil preparou a acolhida da Constituição *Sacrosanctum Concilium* no país. Entre eles: o Plano de Emergência, o serviço das seis linhas de trabalho, o Plano de Pastoral de Conjunto e as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. Estes e outros fatores impulsionaram a renovação pastoral da Igreja no país à luz do Concílio Vaticano II.

João XXIII, após convocar o Concílio (1959), escreveu aos bispos da América Latina, solicitando a preparação de planos de pastoral para atender às especiais necessidades do continente. Na expectativa do Concílio, a CNBB, acolhendo o apelo do papa, elaborou o Plano de Emergência (1962), primeiro documento de planejamento pastoral da CNBB. Na época, o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro, presidia a Conferência que tinha por secretário a Dom Hélder Câmara⁴⁰⁵.

A primeira das finalidades do Plano de Emergência foi a renovação da vida paroquial; desejava-se uma vida cristã mais ativa e participada. *Urge, pois, vitalizar e*

⁴⁰⁵ Cf. CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*: cadernos da CNBB, n.1 – 1963. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. (Documentos da CNBB, 76). p.5.

*dinamizar nossas paróquias [...]*⁴⁰⁶. A preocupação pastoral tratou, primeiramente, da vida cristã dos fiéis, ou seja, do seu testemunho evangélico. Em segundo lugar, tratou do culto e da vida litúrgica, na qual explicava o diálogo na santa missa⁴⁰⁷. Por fim, o tema da caridade, pela qual a fé conhecida, assimilada, vivida e celebrada assumia matizes concretos nas obras de caridade. Este exigente programa buscava frutificar-se através da participação efetiva dos padres na obra da evangelização, o que exigia uma sólida formação teológica, eclesiológica, bíblica, litúrgica e pastoral.

A vida litúrgica, no ritmo da renovação paroquial, ficou diretamente a cargo dos padres, principais artífices na implementação da renovação conciliar⁴⁰⁸, porque tinham a responsabilidade de liderar e dinamizar a vida eclesial. Através de seus ministros ordinários, as comunidades paroquiais poderiam se educar para as celebrações litúrgicas e nelas descobrirem a fonte primordial de sua espiritualidade, e aprenderem que a vida litúrgica não se reduz às atitudes exteriores, mas a uma vivência sempre mais profunda do culto⁴⁰⁹. Nesses fatores residia a responsabilidade dos padres, que, antes de formar o povo, precisavam estar mergulhados no espírito da liturgia renovada. Por conta da necessidade daquele momento histórico, o período de formação seminarística precisava, necessariamente, trabalhar com esmero a formação litúrgica tão enaltecida no Concílio⁴¹⁰. No seu programa, o Plano de Emergência se propôs a renovar o ministério sacerdotal⁴¹¹, dar formação cristã às lideranças e promover uma educação de base ao povo.

Uma série de mudanças de natureza política, teológica, antropológica, espiritual e pastoral marcou o contexto histórico pós-conciliar. Problemas novos exigiam respostas novas. Os próprios meios de comunicação colaboraram para modificar o complexo mosaico cultural,

⁴⁰⁶ Ibidem. p.31.

⁴⁰⁷ Cf. Ibidem. p.81.

⁴⁰⁸ Cf. SC 14.

⁴⁰⁹ Cf. CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil...* Op. cit. p.39.

⁴¹⁰ Cf. SC 14-19.

⁴¹¹ Cf. CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil...* Op. cit. p.50-68. Este longo trecho faz uma análise da realidade dos padres bem como apresenta pistas de mudança para uma melhor atuação do clero na Igreja do Brasil.

econômico (êxodo rural) e político do Brasil. Neste cenário, a CNBB não tardou a perceber a situação dos padres. *Muitos, pouco a pouco, tomam consciência da insuficiente preparação recebida no seminário e reconhecem-se pouco preparados para enfrentar a complexidade da situação*⁴¹². Se a formação seminarística não preparou os padres para o exercício de seu ministério, isso repercutiu na liturgia, de tal forma que a CNBB também não poderia exigir uma imediata renovação litúrgica, embora esta fosse extremamente necessária.

O desafio iminente da Igreja é formar padres na cultura do Concílio Vaticano II, para poder superar o esquema litúrgico tridentino, por vezes, rubricista e devocional, com certos resquícios de rubricismo que tende a se fortalecer. Em 1992, na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenhos, em Santo Domingo,

[...] ainda havia muito a ser feito para assimilar a renovação litúrgica desencadeada pelo Concílio Vaticano II, bem como ajudar os fiéis a fazer da celebração eucarística a expressão de seu compromisso pessoal e comunitário com o Cristo ressuscitado. Ainda não se alcançou a plena consciência do significado da centralidade da liturgia enquanto fonte e cume da vida da Igreja⁴¹³.

Em 2007, a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenhos realizou-se em Aparecida-SP. Mesmo este documento do CELAM, tão recente [...] *parece manifestar que não só não se alcançou a plena consciência, mas que se perdeu tal consciência. Tudo indica ter havido um retrocesso nessa compreensão*⁴¹⁴ da liturgia enquanto fonte e cume da vida da Igreja. A situação parece obscurecer com o passar do tempo. Não bastasse isso, *o documento deixa a impressão que nem os sacramentos mais mencionados, como o Batismo, a Penitência e a Eucaristia, fazem parte da liturgia*⁴¹⁵. Estes problemas

⁴¹² CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil...* Op. cit. p.55.

⁴¹³ Cf. SD 43.

⁴¹⁴ BECKHÜUSER, Alberto. Liturgia, cume e fonte da vida dos discípulos e missionários de Cristo. In: COSTA, Valeriano Santos (Org.). *Liturgia: peregrinação ao coração do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2009. p.132.

⁴¹⁵ Ibidem. p.132.

querem ser sinal de alerta para a Igreja, particularmente para os liturgistas que, numa atitude de coragem, devem examinar, com cautela, as raízes do problema.

Observando as celebrações litúrgicas que se fazem em nossas comunidades e igrejas, constatamos que, de um lado, sobretudo, muitas missas são celebradas seguindo-se rigorosamente o missal, às vezes só o folheto dominical. A liturgia parece, então, como mera execução de um conjunto de ritos e cerimônias prescritas nos livros litúrgicos. [...] Talvez com exceção de um ou outro leigo que, por exemplo, na missa lê uma leitura, puxa um canto ou toca um instrumento musical, a assembléia assiste a essa ação ritual sem envolver-se nela, a não ser interiormente e rezando ou cantando junto com os outros⁴¹⁶.

As comunidades passam por um momento delicado nas questões litúrgicas. Mas elas não estão sozinhas. Por trás de suas fraquezas estão os padres com sua frágil formação litúrgica. Há uma forte tendência de certos grupos, no Brasil, de resgatarem a missa em latim, seguindo ritual de São Pio V. Retornar ao período pré-conciliar, em que se assistia, como espectador, à missa, é ferir o direito e a obrigação⁴¹⁷ que todos os fiéis possuem na participar ativamente na celebração do Mistério Pascal de Cristo. Nenhum ministro ordenado tem o direito de limitar as grandes conquistas do Concílio à Igreja.

Modelo tridentino à parte, o problema litúrgico dos padres e das comunidades é grave no país. Houve dificuldades em dar um salto qualitativo para as novidades promulgadas na Constituição sobre liturgia.

Mesmo tendo passado mais de 40 anos do Concílio, os problemas só mudaram de rosto, mas não de natureza. A formação dos presbíteros ainda continua sendo deficitária nas casas de formação. Os próprios formadores, em grande parte, também não entenderam, em profundidade, o espírito da Constituição *Sacrosanctum Concilium*. O problema da liturgia vai perdurar enquanto não houver um projeto de revisão da caminhada litúrgica no Brasil do século XXI, em que se possam apresentar pistas concretas de ação pastoral e na qual os

⁴¹⁶ LUTZ, Gregório. Liturgia “fria” ou “quente”. In: COSTA, Valeriano Santos (Org.). *Liturgia...* Op. Cit. p.161.

⁴¹⁷ Cf. SC 14.

bispos, primeiros responsáveis pela liturgia, cobrem de seus colaboradores, os presbíteros, um resultado à altura daquilo que a Igreja necessita para implantar definitivamente a renovação litúrgica.

Este serviço exige investimento, fôlego pastoral e um grande mutirão para enfrentar as lacunas na liturgia da Igreja. É preciso atenção e não subestimar o problema. A Igreja precisa de liturgias vivas centradas no Mistério Pascal de Cristo. Para isso,

Não somente catequistas, mas também outros agentes de pastoral deveriam ter uma formação adequada em liturgia, porque a liturgia é a culminância de todas as atividades da Igreja. Falta de formação litúrgica sente-se até em muitos padres, assim como nos diáconos permanentes⁴¹⁸.

Outros agravantes de ontem e de hoje, na história da Igreja, ajudam a tornar o cenário mais obscuro: padres isolados na pastoral, pessimistas, conformistas, ativistas, angustiados, dispersos no apostolado, sem colegialidade presbiteral, sem comunhão viva e fecunda com o bispo⁴¹⁹. Esta realidade pertenceu ao passado, mas também está presente hoje. É impossível qualquer renovação da Igreja sem uma renovação na mente e no coração do clero. Os padres, quase na totalidade, são o campo mais difícil de ser evangelizado e formado, porque se convertem com muita dificuldade e lentamente. Mas eles são os pastores, os guias e os mestres do povo de Deus.⁴²⁰ Nem por isso seu ministério, sua vida merecem menos apreço e cuidado por parte dos bispos seus principais responsáveis. Ao contrário, necessitam muito mais de atenção e cuidado.

Sem um trabalho de comunhão e participação, os grandes ideais do Concílio podem ser anulados e não produzir os frutos esperados na liturgia. Por outro lado, os fiéis dificilmente chegarão àquela participação ativa, plena, consciente, frutuosa e piedosa a que têm direito e obrigação⁴²¹.

⁴¹⁸ LUTZ, Gregório. Liturgia “fria” ou “quente”. In: Costa Valeriano Santos (Org.). *Liturgia...* Op. Cit. p.169.

⁴¹⁹ Cf. CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil...* Op. cit. p.55-60.

⁴²⁰ Cf. PO 1-6; SC 14.

⁴²¹ Cf. SC 14.21.

1.1.1 – Pinceladas sobre a cultura brasileira e a liturgia

O processo de colonização do Brasil desencadeou um processo de miscigenação, fruto da interação de diversas matrizes culturais, a saber: colonizadores portugueses e espanhóis, povos negros, indígenas e outros. No Brasil colonial, dominicanos, jesuítas e franciscanos foram as ordens religiosas dominantes.

Desde o descobrimento, o Brasil acolheu várias culturas diferentes. Este mosaico é percebido na arte, religião, culinária, costumes, política e folclore. Este Brasil pluricultural passou por muitas fases e transformações em sua história até o Concílio Vaticano II. Um estudo de liturgia no Brasil precisa considerar os elementos supra citados que colaboram na formação da visão de mundo dos brasileiros, povo alegre que gosta de dança, música, futebol e samba. As diferenças raciais produziram uma cultura brasileira na qual os patriotas são espontâneos, pacíficos, amantes do folclore, idealistas e tradicionalmente religiosos. Estas características pedem inculturação da liturgia para poder celebrar, em espírito e verdade, a fé pascal a cada vez que a comunidade se reúne para rezar.

Na cultura latino-americana, particularmente na brasileira, há a devoção à Virgem Maria, aos santos, beatos, anjos e às almas⁴²²; um grande número de fiéis alimentam sua fé e seu ser religioso⁴²³, sem contar as multidões atraídas aos santuários espalhados pelo Brasil afora. *O santuário tem uma importante função cultural. Os fiéis para aí se dirigem, sobretudo a fim de participar das celebrações litúrgicas e das práticas de piedade que aí se desenvolvem*⁴²⁴. A Constituição Litúrgica estabelece uma relação harmoniosa entre liturgia e piedade popular em que esta última seja ordenada à primeira⁴²⁵. As novenas dos padroeiros, culto aos santos⁴²⁶, festas do divino e outras expressões da piedade popular precisam,

⁴²² Cf. SD 53.

⁴²³ Cf. GONZÁLEZ, Ramiro. *Piedade popular e liturgia*. São Paulo: Loyola, 2007. p.98.

⁴²⁴ DPPL 265.

⁴²⁵ Cf. SC 13; DPPL 50.

⁴²⁶ Cf. SC 111.

necessariamente, conduzir os fiéis à liturgia da Igreja, que é fonte e cume para onde tende toda ação eclesial⁴²⁷.

Este cenário religioso brasileiro é rico, mas desafia a formação litúrgica dos padres para trabalhar a inculturação e purificar a fé daqueles elementos estranhos, sem perder os preciosos aspectos da piedade popular e garantir, aos fiéis, o acesso aos mistérios centrais do cristianismo, através de uma sólida fundamentação teológico-bíblica das devoções populares.

O Brasil é *sui generis* em sua cultura religiosa. Por isso, a formação litúrgica do futuro clero não pode descurar os valores culturais dominantes dentro da liturgia. É uma questão de sensibilidade, percepção, bom senso e comprometimento em realizar a inculturação da fé nesta realidade multicultural.

Portanto, assim como a própria Palavra de Deus passou por processos de inculturação no mundo judaico e helênico⁴²⁸, igualmente precisa acontecer com a liturgia no Brasil, para responder à sede profunda desta gente que vive e acredita no Verbo encarnado como aquele que revela o mistério do homem ao próprio homem. Espera-se que, na experiência profunda de Deus, nascida da liturgia, este povo descubra na oração litúrgica o caminho para o coração, para o mistério de Deus. Porque *O coração é o lugar do autêntico encontro consigo mesmo, com o outro, mas sobretudo com o Deus vivo*⁴²⁹. A concretização desta experiência necessita do serviço dos ministros ordenados. Sem uma boa preparação litúrgica dos padres, o processo da inculturação não caminha e os valores da cultura e da piedade popular se perderão.

⁴²⁷ Cf. SC 10.

⁴²⁸ Cf. At 17,22-31: Discurso de São Paulo no Areópago de Atenas.

⁴²⁹ CORBON, Jean. *A fonte da liturgia*. Op. cit. p.157.

1.1.2 – Acenos sobre a formação litúrgica no Brasil desde a Constituição *Sacrosanctum Concilium*

Desde a publicação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a liturgia no Brasil tem ganhado novas configurações, como também o resto do mundo católico.

A Constituição sobre a liturgia promoveu uma verdadeira revolução nas celebrações da Igreja, por aquilo que defendeu⁴³⁰: a centralidade do Mistério Pascal, a abertura para o vernáculo, a importância do domingo como o Dia do Senhor, a redescoberta do valor espiritual do Ano Litúrgico, a concelebração e a inculturação⁴³¹. Em resposta a estes aspectos da Constituição, os católicos do Brasil têm procurado, mesmo com os desafios, fazer da liturgia o ponto alto de sua vida de fé e da evangelização.

1.1.2.1 – A acolhida da reforma litúrgica no Brasil

Em 1964, ainda em Roma, a CNBB, numa assembleia, percebeu a necessidade de criar uma Comissão Nacional de Liturgia, quando foi eleito Dom José Carlos Clemente Isnard para Secretário Nacional de Liturgia. Uma das primeiras atividades da implantação da reforma no Brasil e Portugal foi a tradução da Bíblia para extrair os textos litúrgicos. O diálogo com Portugal, para um trabalho conjunto, não deu certo. No Brasil já havia alguns missais traduzidos para o português: o de Dom Beda Keckeisen e o de Dom Lefevre⁴³². Ambos foram aprovados pelos bispos em Roma para serem usados com a missa em português. Também, nos anos pós-conciliares, ocorreu a fundação do Instituto Superior de Pastoral Litúrgica (ISPAL) para formar professores e liturgistas no Brasil.

⁴³⁰ Cf. SC 14.

⁴³¹ Cf. SC 54; 63; 101; 102-107; 57; 37-40.

⁴³² Cf. SILVA SANTOS, Guanair da; PIERRI PRIMO, Manoel de; SOUZA FILHO, Pedro Vilson Alves de. *A implantação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II no Brasil...* Op. cit. p.16-17.

Os anos 60 deixaram um rico legado à formação litúrgica no Brasil. Desde o movimento litúrgico, a busca pela renovação constituiu a força propulsora que levou ao surgimento de diversos Encontros Nacionais de Liturgia nos quais vários temas foram discutidos. Entre eles: pastoral litúrgica, iniciação cristã, o domingo, a arte sacra, pastoral da penitência, do matrimônio⁴³³ e dos demais sacramentos. A preocupação era ingressar a Igreja no espírito de renovação conciliar. Em virtude disso, um grande programa de formação, envolvendo padres e leigos, começou a acontecer através de palestras, retiros espirituais, congressos, cursos, seminários e encontros.

1.1.2.2 – O Brasil e a formação litúrgica pós-conciliar

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* deu o ponto de partida da renovação ao reformar a liturgia, mas o trabalho de assimilação da novidade coube a cada nação, através das Conferências Episcopais. Elas tiveram papel fundamental na renovação porque conduziram, mais de perto, o processo de mudanças na liturgia.

A reforma já está feita, mas a renovação litúrgica ainda não se concretizou na vida eclesial. Este é o desafio maior. Limitar a Constituição Litúrgica a uma reforma de ritos e língua é reduzir o alcance da proposta dos padres conciliares. O surgimento de uma visão unilateral fixou a reforma litúrgica nos aspectos externos. Passados poucos anos do Concílio, apareceu certo comodismo na Igreja, porque as previsões da renovação litúrgica já haviam se efetivado. Esta visão atrapalha e retarda o processo de assimilação e construção da liturgia renovada. Por isso, a alternativa é investir na formação. A Igreja, no Brasil, nos últimos 40 anos, tem investido na formação litúrgica do clero e do povo, embora com poucos frutos; não

⁴³³ Cf. SILVA, José Arioaldo da. *Sacrosanctum Concilium e reforma litúrgica pós-conciliar no Brasil: um olhar panorâmico no contexto histórico geral da liturgia: dificuldades, realizações, desafios*. Disponível em: <<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=6&fasciculoid=73&sumarioid=1149>>. Acesso em: 05 agosto 2009, 09:28:56.

consegue chegar aonde precisa, a uma liturgia viva, feita de mente coração, de modo participativo, consciente e pleno. Por exemplo, as publicações da CNBB, a revista de liturgia, o Centro de Liturgia Nossa Senhora da Assunção em São Paulo, as semanas litúrgicas e o trabalho da ASLI. Todas estas iniciativas são indiscutivelmente válidas, mas muito ainda está por fazer.

a) A necessidade de uma formação litúrgica gradual e progressiva no Brasil

Nas assembleias de pastoral em todo canto do Brasil aparece um clamor geral por formação. Uma análise menos cuidadosa disso conclui que muito pouco se faz nesse campo. O problema parece estar em como formar para a vida cristã. É uma questão de ordem metodológica, principalmente. A formação para a vida litúrgica, objeto desta pesquisa, por exemplo, deve acontecer de forma gradual e progressiva, atingindo a totalidade da vida dos fiéis e respeitando as diversas faixas etárias da vida humana⁴³⁴. Gradualmente a pessoa é formada nos mistérios da fé cristã de modo que ela se entenda implicada num processo de crescimento progressivo que culminará com a sua morte. Não há um tempo para se formar, depois abandonar o processo formativo para a vivência da fé cristã. A formação perdura por toda a vida. Isto é difícil de incutir na mente dos fiéis. Por exemplo, *Não é fácil inculcar o valor do rito litúrgico, quando este não é aprendido desde cedo na oração*⁴³⁵.

A formação é um processo em desenvolvimento num contexto sócio-histórico bem definido onde está presente a política, a religião e a cultura. Os futuros agentes de pastoral e ministros consagrados são chamados a familiarizarem-se com o espírito litúrgico e se prepararem melhor para animarem e presidirem as celebrações, o que supõe estudo e iniciação

⁴³⁴ Cf. PALUDO, Faustino. Formação litúrgica nos seminários. In. SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Orgs.). *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.173.

⁴³⁵ COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação...* Op. cit. p.113.

à prática celebrativa. A assimilação do espírito renovador da liturgia começa no seminário num estilo participativo onde acontece a valorização dos ministérios. O seminário tem de ser uma escola de vida para os seminaristas,⁴³⁶ em cada fase de sua formação, para poderem, futuramente, iniciar os fiéis na vida litúrgica. Os jovens formandos devem participar plenamente das celebrações litúrgicas para delas retirarem todo proveito espiritual para a própria vida; isto será um treinamento para o exercício do futuro ministério pastoral⁴³⁷. A Instrução *In Ecclesiasticam Fututororum* (1979) pediu uma intensa formação espiritual para que o futuro clero pudesse construir uma base sólida para alcançar a maior maturidade na fé para poder celebrar a liturgia da Igreja. A Igreja tem esperança de que o futuro padre consiga uma profunda e íntima assimilação dos elementos essenciais da sagrada liturgia para poder ingressar na Tradição da Igreja orante. Na esperança disto acontecer, é necessário na formação inicial, uma sólida catequese sobre a Missa, o Ano Litúrgico, o Sacramento da Penitência e a Liturgia das Horas⁴³⁸.

A aprovação da Constituição sobre liturgia causou um clima de euforia na Igreja. O Brasil intensificou os estudos e os cursos para inserir o clero e o povo no espírito da renovação litúrgica para promover a participação ativa, consciente e frutuosa nas celebrações⁴³⁹.

A força daquele impulso inicial não persistiu com tanto êxito. Ao aparecerem as traduções dos livros litúrgicos, ocorreu a diminuição dos cursos e encontros de formação, restando poucas iniciativas no Brasil. A reforma parecia ter cumprido seu papel e encerrado seu objetivo. Uma compreensão equivocada da reforma, limitou a liturgia à mudança de ritos e traduções para o vernáculo. O clero viveu mais o problema, pois utilizava os livros litúrgicos sem criatividade e mecanicamente, o que deu origem a uma liturgia entediante, fria,

⁴³⁶ Cf. PALUDO, Faustino. Formação litúrgica nos seminários. In. SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Orgs.). *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.176-177.

⁴³⁷ IO 14.18.

⁴³⁸ Cf. EF 8.18.19.

⁴³⁹ Cf. SC 11.

intelectualizada, com forte centralismo nas devoções e novenas⁴⁴⁰, e distante do povo. Parecia uma volta ao pré-concílio, mas com a única diferença do vernáculo. A liturgia ostentava uma aparência de renovação, mas conservava um espírito pré-conciliar⁴⁴¹.

Não ter compreendido a intenção dos padres conciliares, consignou uma transformação muito superficial na obra de renovar a liturgia na pastoral da Igreja; um problema de natureza teológica se impunha. Faltou entender, com maior rigor e profundidade teológica, a nova teologia litúrgica. Muitos padres tiveram uma visão reducionista, entendiam o Vaticano II como uma renovação de ritos e traduções de livros, mas as mudanças foram muito maiores e profundas. O Concílio quis renovar o espírito da liturgia, ideal muito pouco assimilado até hoje. Assim, o espírito de arrefecimento na implantação da liturgia renovada revela a incompreensão e o limite de horizontes nos quais o clero se fechou; decorrência de sua frágil formação litúrgica.

Há 20 anos da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, a Linha 4 da CNBB promoveu uma ampla pesquisa para avaliar a realidade litúrgica no Brasil. Encontrou vários elementos positivos, entre eles: valorização da piedade popular, homilias preparadas em grupos e a partilha da Palavra de Deus. Por outro lado, certos aspectos desafiavam a liturgia. Aqui se fará menção apenas à formação do clero, embora este problema atinja também os leigos.

Entre os ofícios do padre, está o da pregação da Palavra de Deus nas ações litúrgicas. A homilia é uma parte fundamental na liturgia, enquanto é serviço à Palavra de Deus meditada e atualizada na vida da comunidade e enquanto reúne e reflete aspectos essenciais de toda liturgia⁴⁴²: *Urge uma formação maior tanto do clero quanto do povo, sobre o sentido da celebração da Palavra de Deus, de modo geral e como elemento que precede e prepara a celebração dos sacramentos e dos sacramentais*⁴⁴³. O pouco valor dado à Palavra de Deus

⁴⁴⁰ Cf. CNBB. *Liturgia: 20 anos de caminhada pós-conciliar*. São Paulo: Paulinas, 1986. (Estudos da CNBB, 42). p.84-91.

⁴⁴¹ Cf. RUBERT, Hélio Adelar. Formação litúrgica em todos os níveis. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v.16, n.94, p.111, [julho/agosto] 1989.

⁴⁴² Cf. MALDONADO, Luis. *A homilia: pregação, liturgia, comunidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p.6.

⁴⁴³ CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*. Op. cit. p.29.

prejudica a pastoral, a evangelização; é pela Palavra que a Igreja é convocada e chama à conversão e adesão a Jesus⁴⁴⁴. O clero tem a obrigação de manter atualizada sua formação bíblico-exegética, pois, na homilia, parte fundamental na liturgia, tem uma oportunidade única de ajudar a comunidade a se confrontar com a revelação, especialmente aqueles cristãos que aparecem nas igrejas apenas nas festas, batizados, exéquias, casamentos e crismas. A homilia está voltada à celebração da vida e da missão de Jesus para iluminar a vida e missão do povo de Deus⁴⁴⁵. Nestes 20 anos de caminhada litúrgica, no Brasil, muito já se fez quanto à homilia, mais ainda há por fazer.

O clero está a serviço da Palavra⁴⁴⁶ quando anuncia aos homens os mistérios nela contidos. Em virtude disso, necessita ter cuidado com a negligência e o contraste que pode haver entre sua vida e o anúncio do Evangelho. O exercício do ministério pastoral dos padres exige deles uma contínua busca pela conversão. Uma vez comprometidos com ela, conseguirão ser sinais do Reino de Deus na Igreja e no mundo.

A formação litúrgica de qualidade requer dos padres a abertura de coração, flexibilidade, fé e humildade, aspectos que os predispõem à atualização⁴⁴⁷ em matéria de liturgia, o que lhes permite livrarem-se da rotina e do tédio, que tanto empobrecem as ações litúrgicas e a participação dos fiéis. Permitir-se formar no espírito da liturgia renovada é acolher o Concílio e recusar polarizações que fazem da liturgia uma propriedade pessoal, sendo que ela é um bem da Igreja⁴⁴⁸.

No final da primeira década do século XXI, já distante dos anos 80, o cenário já é outro, mas a Igreja continuava a ver, em muitos ministros, a falta de uma consciência mais clara do Mistério Pascal no qual a vida dos fiéis é integrada⁴⁴⁹. O texto da Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma a necessidade do padre desenvolver estudos teóricos e fazer

⁴⁴⁴ Cf. Rm 10,14-15.

⁴⁴⁵ Cf. CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*. Op. cit. p.29.

⁴⁴⁶ Cf. DV 10.

⁴⁴⁷ Cf. CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*. Op. cit. p.36.

⁴⁴⁸ Cf. SC 26.

⁴⁴⁹ Cf. CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*. Op. cit. p.47.

a experiência da prática celebrativa. Uma das preocupações fundamentais da Igreja é com a formação inicial e permanente do futuro clero.

Uma boa celebração comporta muitos requisitos, entre eles: o conhecimento dos textos litúrgicos aprovados, formação para a presidência, teologia litúrgica e vida espiritual profunda. A vida interior e espiritual adquirida pela escuta e meditação das Escrituras conta muito e, de modo algum, é um fator acessório. Assim,

O processo de crescimento espiritual é possível somente pelo esforço sincero e permanente de conversão, que significa disponibilidade aos novos apelos de Deus e empenho em corrigir as falhas e pecados do homem velho. Este processo encontra seu dinamismo: na escuta da Palavra de Deus; na vivência dos sacramentos e de toda a liturgia; no serviço do Povo pela caridade pastoral; na disponibilidade missionária; na partilha comunitária e comunhão eclesial; na oração pessoal, espontânea e contemplativa; na direção espiritual⁴⁵⁰.

O estudo 42 da CNBB apurou resultados muito importantes em que afirma: *O clero é sem preparo e desatualizado, ou sua formação é fraca e burguesa; de modo geral não tem formação litúrgica*⁴⁵¹. Muitos dos problemas do passado estão presentes na Igreja de hoje: *Falta sensibilidade litúrgica do clero, motivação dos padres, eles não ensinam liturgia. Falta pedagogia litúrgica. [...] Faltam também subsídios para o estudo da liturgia, faltam cursos e encontros [...] falta de espiritualidade litúrgica [...]*⁴⁵².

Passados 40 anos da *Sacrosanctum Concilium*, muitos problemas de formação litúrgica perduram. Sobre as fontes de pesquisa já houve uma melhora considerável, pois a produção científica e pastoral para a liturgia aumentou. Mas os padres não se mostraram tão interessados na aquisição das publicações e nem se empolgaram tanto com o assunto, porque só a reforma parece ter sido suficiente⁴⁵³. Os padres, nas suas bibliotecas pessoais, ou não têm material de liturgia ou pouco o têm. Quase sempre nada têm. É preciso formar uma

⁴⁵⁰ FPIB 126.

⁴⁵¹ CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*. Op. cit. p.92.

⁴⁵² Ibidem. p.92.

⁴⁵³ Cf. SC 36.54.63.

personalidade litúrgica para atingir todos os aspectos da vida da pessoa para ela integrar a sua fé e sua vida e poder viver uma mística que a impulsione a viver melhor o seu batismo⁴⁵⁴; e o padre descubra que a formação litúrgica é gradual e permanente e que incide diretamente em seu ministério. É preciso estar num contínuo aprendizado para poder desenvolver sempre mais aquela sensibilidade simbólico-sacramental que tanto ajudará a acontecer uma liturgia viva e de coração.

Não só o estudo 42 da CNBB mas também o documento de Puebla, (1979), destacaram a preocupação com a falta de um aprofundamento da formação litúrgica do clero⁴⁵⁵. O problema não está só no Brasil, mas em toda a América Latina.

Além das dificuldades apresentadas, considerem-se também a estrutura do espaço litúrgico e a linguagem. Os locais para as celebrações nem sempre favorecem uma liturgia participativa, envolvente, alegre, cheia de calor humano. Mas, *O espaço do mistério [Mistério Pascal] é um espaço de oração objetiva: vem até nós, fala uma só língua, une a todos*⁴⁵⁶. É fundamental a beleza dos templos. A arte fala por si mesma, porque as imagens formam mais que as palavras. Por isso, vale a pena investir em arte sacra nas igrejas.

Ao lado do espaço sagrado, está a linguagem, tão desafiadora na liturgia. Abstrata, distante, fria, inacessível e racional, ela chega a distanciar o povo da celebração. Por isso, ela merece cuidado, respeito e delicadeza. Seu uso pode ser uma bênção, mas pode ser uma armadilha nas ações litúrgicas. Depende de como é explorada.

Nas construções ou reformas de Igreja, após o Vaticano II, em muitos lugares não se levaram tanto em conta a nova teologia e o simbolismo do espaço celebrativo e a arte sacra⁴⁵⁷ com toda a força de sua beleza que conduz para Cristo⁴⁵⁸. Até os anos 80, a formação litúrgica

⁴⁵⁴ Cf. Cf. PALUDO, Faustino. Formação litúrgica nos seminários. In. SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Orgs.). *Liturgia: um direito do povo*. Op. cit. p.182.

⁴⁵⁵ Cf. PB 901.

⁴⁵⁶ PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008. p.66.

⁴⁵⁷ Cf. SC 122-129.

⁴⁵⁸ Cf. MARINI, Piero. Liturgia e beleza. *Revista de liturgia*, São Paulo, v.36, n.215, p.27, [setembro/outubro] 2009.

do clero se mostrou fraca e o provam os frutos produzidos. A fragilidade do processo formativo deixava os candidatos à ordem sacerdotal até sem saber manusear o missal. Numa palavra, os seminários não valorizavam a liturgia. Os seminaristas acabavam aprendendo liturgia na prática cotidiana e nos estágios pastorais, retiros espirituais, encontros, estudo de documentos, leitura de livros e revistas. A isto se acrescenta a ausência de uma boa biblioteca para pesquisa litúrgica nas casas de formação sacerdotal; faltavam até mesmo os textos conciliares⁴⁵⁹.

Estas informações fazem compreender a razão do lento processo de assimilação da Constituição *Sacrosanctum Concilium* e o porquê da acomodação de muitos do clero em levar adiante a formação dos padres na liturgia renovada. Eles mesmos não estavam formados e convencidos da importância da Constituição litúrgica. Uma geração acaba por reproduzir, de certo modo, aquilo que aprendeu. Isto explica porque atualmente se continua a investir pouco na formação do clero, relegando uma grande incerteza para o futuro da liturgia no Brasil.

Enfim, o cenário atual precisa chamar ainda mais a atenção dos bispos e superiores dos seminários do Brasil; eles são os primeiros responsáveis pela liturgia. Os bispos [...] *deixam claro quanto é necessário desencadear um processo de formação litúrgica sistemática e permanente. Formação que se baseia na compreensão teológica da liturgia e faça superar tanto o neo-rubricismo quanto a improvisação arbitrária*⁴⁶⁰. Lamenta-se que, no contexto atual da Igreja, há clérigos avessos à liturgia. Não é necessário que todos os padres sejam especialistas em liturgia, mas a sua valorização, no exercício do ministério ordenado, é fundamental, já que uma grande parte da vida presbiteral acontece em torno da liturgia. As dioceses necessitam investir muito mais no clero do futuro e lhe garantir uma sólida formação teológica, bíblica, litúrgica e pastoral para colaborar na assimilação do espírito renovador da Constituição *Sacrosanctum Concilium* e do próprio Concílio Vaticano II.

⁴⁵⁹ Cf. CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar*. Op. cit. p.110-112.

⁴⁶⁰ AVLB 35.

b) A formação litúrgica a ser alcançada

A Igreja no Brasil precisa se perguntar sobre o tipo de formação litúrgica a ser ministrada nos seus seminários. Deseja uma formação intelectualizada, neo-rubricista, ou a construção de um tipo de experiência em que teoria e prática se encontram unidas, em vista da participação ativa, direito e dever dos fiéis? No contexto atual da Igreja, espera-se uma formação litúrgica vinculada às transformações sociais. Portanto, ela precisa ser libertadora e aberta às novas expressões culturais tão características do povo latino-americano⁴⁶¹. Esta missão pertence tanto a quem estuda quanto a quem ensina e se interessa pela liturgia da Igreja. A missão dos formadores dos seminaristas é prepará-los para serem pastores do povo de Deus.

Muitos padres ainda se perguntam se determinadas posturas são litúrgicas ou anti-litúrgicas na linha do que se pode ou não se pode fazer, e isto é enquadrar a liturgia no campo estritamente jurídico; o mais adequado, hoje, é perguntar pelo sentido de cada coisa dentro da liturgia. O modo de colocar as questões litúrgicas revela um tipo de mentalidade ainda pré-conciliar. Na verdade, por detrás das perguntas, sutilmente, aparecem questões ligadas às rubricas. O problema é encarado como jurídico, embora deva ser de natureza teológica, eclesiológica e pastoral. Uma geração de seminarista ainda está sendo formada neste modelo. Além disto, o aspecto institucional e a secularização atual parecem colaborar para que muitos escolham refugiar-se no legalismo das posturas pré-conciliares, presas ao passado e fechadas ao futuro, apesar das tentativas de construir uma formação litúrgica libertadora, participativa e viva.

A superação dos desafios da formação litúrgica do clero no Brasil implica uma melhora na qualificação de professores. Não dá para improvisar um professor de liturgia, tratando a disciplina como secundária na grade curricular do Curso de Teologia. E, por isso,

⁴⁶¹ Cf. RUBERT, Hélio Adelar. Formação litúrgica em todos os níveis. Op. cit. p.112.

improvisam professores desqualificados para lecionar liturgia, matéria tão importante na formação no seminário⁴⁶². Em certos lugares, no século passado, escolhiam-se padres ecônomos para serem professores de liturgia; a disciplina era concebida como muito simples e, por isso, liberava de qualquer preparação prévia para ser ministrada. Hoje, em determinados lugares, ainda se toma qualquer padre para ser professor de liturgia, sem qualquer qualificação. Aonde a Igreja quer chegar com a liturgia?

c) As iniciativas para uma boa formação litúrgica

O Brasil, desde a publicação da Constituição Litúrgica, encontrou vários meios para possibilitar ao clero a formação necessária à participação frutuosa e ativa na liturgia. Entre as iniciativas, aqui serão elencadas algumas.

1) O Instituto Superior de Pastoral Litúrgica

Após o Concílio, a CNBB, preocupada em aplicar as orientações conciliares, decidiu fundar no Rio de Janeiro o *Instituto Superior de Pastoral Litúrgica* (ISPAL) por volta de 1965. Segundo Dom Clemente Isnard, o ISPAL, sem saber, recebeu vários padres em crise enviados por suas dioceses. Alguns deles depois se casaram, fato que desmoralizou muito o ISPAL. Mas, apesar das críticas, este organismo durou em média dez anos e realizou um grande trabalho à reforma litúrgica no Brasil. Quem estudou nele, assimilou a reforma

⁴⁶² Cf. SC 16.

litúrgica⁴⁶³. É uma pena que iniciativa como esta, por tantas críticas, ataques e falta de apoio acabou no fracasso.

2) A Associação dos liturgistas do Brasil e a formação litúrgica

A ASLI, há décadas, luta para melhorar a formação litúrgica do clero no Brasil dentro das disposições da Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Órgão independente, mas em profunda comunhão com a CNBB, desde sua criação, 1989, oferece um serviço de intensa reflexão teológico-pastoral sobre temas litúrgicos diretamente ligados à vida das comunidades.

A ASLI nasceu⁴⁶⁴ dos encontros de professores de liturgia que acontecem desde 1980. Promovidos pela linha 4 da CNBB, os encontros tinham a finalidade de construir uma ciência litúrgica na perspectiva da inculturação e da renovação conciliar. Dentro de suas metas de trabalho, a formação e assessoria litúrgicas, em nível acadêmico e pastoral, nas diversas regiões do país, estão entre os interesses dominantes. O encontro dos professores de liturgia também busca estreitar laços com os pesquisadores em liturgia, bíblica, teologia, direito canônico, moral e áreas afins⁴⁶⁵.

O primeiro encontro dos professores de liturgia aconteceu em São Paulo, 1980, para discutir *A realidade do ensino da liturgia nas faculdades de teologia e nos seminários*. Aquele encontro destacou as preocupações dos liturgistas sobre o futuro do clero na liturgia.

⁴⁶³ Cf. SILVA SANTOS, Guanair da; PIERRI PRIMO, Manoel de; SOUZA FILHO, Pedro Vilson Alves de. *A implantação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II no Brasil*: descrição de Dom Clemente Isnard - bispo de Nova Friburgo. São Paulo: Paulus, 2003. p.27-28. (Cadernos de liturgia, 10).

⁴⁶⁴ A ASLI nasceu em 1989, no décimo Encontro Nacional dos Professores de Liturgia realizado entre 13 e 17 de fevereiro em Vitória-ES. O tema do encontro foi *Por um novo impulso à vida litúrgica*. ASLI é um organismo que trabalha a pastoral litúrgica dentro da Comissão Pastoral para a Liturgia na CNBB. Cf. CNBB. *Plano bienal de atividades do secretariado nacional: 2006-2007 – Queremos ver Jesus – caminho, verdade e vida – Jo12,21b; 14,6*. São Paulo: Paulinas, 2006. p.101. (Documentos da CNBB, 81).

⁴⁶⁵ Cf. SILVA SANTOS, Guanair da; PIERRI PRIMO, Manoel de; SOUZA FILHO, Pedro Vilson Alves de. *A implantação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II no Brasil...* Op. cit. p.218.

Se a renovação litúrgica no país não havia dado o passo necessário, o novo clero seria o responsável para fazê-lo. Daí o interesse pelos seminários. Em 1979, a Sagrada Congregação para a Educação Católica havia publicado um documento sobre a formação litúrgica no seminário⁴⁶⁶, fato que deu oportunidade para que a temática viesse à baila na reunião dos liturgistas do Brasil.

O tema da formação litúrgica do clero aparece em outros encontros. O terceiro encontro da ASLI, 1982, discutiu a necessidade de *Revitalizar o processo de renovação litúrgica* no Brasil. O sexto encontro, 1985, discutiu-se *A situação da liturgia no Brasil com o desafio para o ensino nos seminários e faculdades, particularmente no curso de pós-graduação*. A motivação para a escolha deste tema veio da pesquisa feita, no Brasil, para conhecer a situação da liturgia no país. As conclusões apuraram a deficiência na formação litúrgica e a falta de pessoas especializadas. Nesses quesitos, estavam as possíveis causas do desinteresse pela renovação e revitalização da liturgia⁴⁶⁷.

Como se pode notar, tem existido uma preocupação dos responsáveis pela liturgia no Brasil para sanar os limites de uma plena participação do povo de Deus nas ações litúrgicas. *Porque promover a participação do povo é ir ao encontro das suas necessidades espirituais são, [...] tarefas importantes a serem realizadas, não de qualquer maneira, mas com o 'máximo cuidado'*⁴⁶⁸.

3) Um centro de estudo para formar liturgistas

No Brasil as iniciativas para a formação litúrgica cresceram nas últimas décadas. Em vista disso, ocorreu a criação do Centro de Liturgia Nossa Senhora da Assunção em São

⁴⁶⁶ Cf. Ibidem. p.218.

⁴⁶⁷ Cf. Ibidem. p.218-219.

⁴⁶⁸ MELO, José Raimundo de. A participação ativa na liturgia: grande aspiração da reforma litúrgica do Vaticano II. In. SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Orgs.). *Liturgia: um direito do povo*. Op. cit. p.21.

Paulo. Nos anos 70 e 80, a Igreja, no Brasil, viveu um período áureo em criatividade, eclesiologia libertadora, inculturação, teologia da libertação e CEBs⁴⁶⁹. Estes fatores deram uma identidade latino-americana à Igreja no Brasil⁴⁷⁰.

Na liturgia, o *Consilium* e as Conferências episcopais trabalharam para traduzir o espírito da renovação conciliar nos seminários e nas comunidades. Atualizar, vivenciar e adaptar os ritos era uma tarefa urgente. Mas as experiências, no terreno da liturgia, revelavam a necessidade de uma formação mais profunda para poder conter o sacramentalismo, o tradicionalismo, o devocionismo e o indiferentismo nas celebrações. Herdeira de deficiências pré-conciliares, a liturgia não se nutria da plena força de renovação.

A partir de 1980, a Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção abrigou, em seu programa de estudos, um curso de atualização em liturgia, denominado: *Especialização em Liturgia*. Organizado por Pe. Gregório Lutz e pelo então Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, os principais motivos que embalsamaram a criação desse curso vinham do espírito de renovação, inculturação e da formação litúrgica no Brasil e na América Latina, após Medellín e Puebla.

A sensibilidade litúrgica, de um lado, unida à autoridade eclesiástica, de outro, deu condições de criar um curso que pudesse tentar atender às necessidades litúrgicas do país. Neste período, grande parte dos seminários, institutos e dioceses não tinham uma carga horária suficiente nos seus programas de estudo; os professores de liturgia, formados ou não nessa área, estavam sobrecarregados de tarefas pastorais; faltavam muitos professores de liturgia. A necessidade de formação litúrgica especializada dos sacerdotes e de leigos, no Brasil, fez surgir, em 21 de março de 1987, o *Centro de Liturgia Nossa Senhora da Assunção*⁴⁷¹.

⁴⁶⁹ As CEBs surgiram no Brasil entre os anos 50 e 60; seus frutos ainda estão presentes em muitas comunidades do país.

⁴⁷⁰ Cf. ADÃO, Alex José. *História do Centro de Liturgia e suas contribuições para a Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2008. p.15-16. (Cadernos de liturgia, 14).

⁴⁷¹ Cf. ADÃO, Alex José. *História do Centro de Liturgia e suas contribuições para a Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2008. p.15-38. (Cadernos de liturgia, 14).

Uma pesquisa feita na década de 80 sobre a realidade litúrgica do Brasil revelou a grande esperança no curso de pós-graduação em liturgia da Faculdade Nossa Senhora da Assunção de São Paulo e no *Curso de Especialização em Liturgia*⁴⁷².

A Igreja no Brasil tomou a sério o processo de renovação, mas quando se deu conta da necessidade de aprimorar a formação do clero, sob pena de não efetivar os ideais do Concílio, iniciou um processo de formação mais aprimorado para ajudar todos os que necessitavam de melhorar sua compreensão e pesquisa na área de liturgia. Atualmente o curso de pós-graduação tem procurado suprir as necessidades dos professores, dando condições de um bom preparo teórico-prático aos padres e leigos de diversas partes do país.

O Centro de Liturgia também promoveu, há vários anos, em São Paulo, as semanas de liturgia que têm colaborado muito na formação dos padres e agentes leigos do Brasil. Ao lado desta iniciativa, há a *Revista de Liturgia*, material produzido pela congregação religiosa das Pias Discípulas do Divino Mestre. Desde a década de 70, a revista publica artigos sobre liturgia para dar formação às comunidades do Brasil.

4) A CNBB e a formação litúrgica no Brasil

A formação litúrgica no Brasil recebe apoio da CNBB, através do Secretariado Nacional de Liturgia⁴⁷³, da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia⁴⁷⁴, da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos. Nesses órgãos oficiais, são oferecidas as orientações gerais sobre liturgia para o Brasil.

⁴⁷² Cf. CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar...* Op. cit. p.99.

⁴⁷³ O Secretariado Nacional de Liturgia, mais tarde, recebeu o nome de Linha 4, responsável pela liturgia no Brasil.

⁴⁷⁴ A Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia tem por objetivo promover, fortalecer, acompanhar a vida litúrgica e o seu processo de renovação e inculturação. Cf. CNBB. *Plano bienal de atividades do secretariado nacional: 2006-2007...* Op. cit. p.99.

No que compete à formação litúrgica do clero, a Conferência Episcopal elabora documentos pastorais em vista de incrementar o espírito da renovação litúrgica. Por isso, já publicou alguns documentos muito importantes diretamente relacionados à liturgia: o documento 52 sobre *Orientações para a celebração da Palavra de Deus* (1994); documento 43 sobre a *Animação da vida litúrgica no Brasil* (1989); documento 7 sobre a *Pastoral da música litúrgica no Brasil* (1976).

Além dessas publicações, outros documentos trazem temas da liturgia da Igreja, como: sacramentos, sacramentais ou temas que se referem indiretamente à liturgia. Outra obra que merece ser citada é o *Diretório de Liturgia*. Todo ano, a Igreja, no Brasil, publica um diretório para orientar as comunidades na celebração do Ano Litúrgico. O texto apresenta as citações bíblicas para todos os dias do ano, destaca as solenidades, festas e memórias dos santos. Além do mais, o texto oferece uma série de orientações importantes e formativas ao clero no seu serviço pastoral⁴⁷⁵.

Portanto, os organismos oficiais responsáveis pela liturgia, no Brasil, têm produzido bons textos e alimentado o compromisso de oferecer ao clero e aos fiéis, subsídios para uma liturgia inculturada, comprometida, participativa e transformadora, dentro do espírito da Constituição *Sacrosanctum Concilium*.

5) A formação litúrgica do clero no Brasil

O clero brasileiro já passou por uma evolução na compreensão da liturgia, mas os desafios apertam; ainda há um longo caminho a percorrer.

Parece fácil trabalhar conteúdos ligados à liturgia, nas casas de formação, mas não é isso o que os formadores dos seminários testemunham na cultura atual. É perceptível um

⁴⁷⁵ Cf. CNBB. *Diretório da liturgia e da organização da Igreja no Brasil*: 2009 – Ano B – São Marcos. Brasília: CNBB, 2008. p.11-42.

cansaço e um desencantamento com a liturgia originada no Concílio Vaticano II. Há tendências ao fechamento, ao tradicionalismo e uma volta ao devocionismo conservador que tenta, de forma atrevida, frear as conquistas do Concílio⁴⁷⁶. Ao explorar o lado emocional dos fiéis, certos grupos buscam uma liturgia intimista que promete curas espirituais. Esta prática não dá conta de mudanças mais profundas que levem à conversão e a compromissos na vivência do Evangelho. Aquela liturgia libertadora que vigorou, na década de 60 e 70, desapareceu do cenário brasileiro, talvez, por causa de algumas exceções, ainda sobreviva. É inegável a existência de crise na formação, mas é necessário levar em conta o contexto atual em que a Igreja vive; ele é bem diferente dos anos 60 e 70, embora as exigências evangélicas sejam sempre as mesmas.

A grande questão é se os padres jovens captaram o espírito do Concílio. Uma resposta afirmativa leva a pensar nos limites que atingem hoje a liturgia da Igreja no Brasil. É fácil, atualmente, ver padres pedindo aos leigos para rezarem a oração eucarística; leigos rezando mini-missas nas comunidades; missas *show* com os padres midiáticos; missas de cura e libertação com fortíssimos apelos emocionais.

O problema da liturgia está ligado à compreensão da teologia dos ministérios também. A falta de clareza gera dúvida. Se os ministros ordenados não têm segurança e clareza da teologia de seu próprio ministério, então terminam por atrapalhar a vida e a missão dos ministérios leigos.

Os mais de 40 anos da Constituição litúrgica não significam que o problema da formação se extinguiu. Ainda há muito a fazer. Mesmo com os esforços de tantos liturgistas, faculdades, cursos, publicações e orientações dos bispos, muitas lacunas continuam abertas na

⁴⁷⁶ Cf. MELO, José Raimundo de. Anotações à margem dos artigos 1 a 13 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: Sacrosanctum Concilium. In. SIVINSKI, Marcelino; SILVA, J. Arioaldo da. (Orgs.). *Liturgia no coração da vida...* Op. cit. p. 34.

formação litúrgica dos padres. *Nas próprias casas de formação sacerdotal e religiosa e de agentes pastorais, nota-se a carência da formação litúrgico-musical*⁴⁷⁷.

Os centros de formação presbiteral têm deixado a desejar no que se refere à formação musical voltada para a liturgia. Se, antes do Concílio, davam-se grande valor aos corais e ao canto gregoriano, às partes presidenciais a serem catadas pelos padres, na atualidade, não se pode dizer o mesmo da música litúrgica, embora a Constituição *Sacrosantum Concilium* destaque sua importância⁴⁷⁸. O texto da CNBB é enfático ao afirmar: *Urge promover nas casas de formação sacerdotal e religiosa e de agentes de pastoral, uma educação musical adequada que possibilite, aos futuros responsáveis pelas assembléias litúrgicas, o competente exercício de sua missão*⁴⁷⁹.

Numa entrevista sobre liturgia, Dom Piero Marini, professor no Instituto Santo Anselmo (Roma) e mestre de cerimônias da Basílica de São Pedro, no Vaticano, no pontificado de João Paulo II, apresentou um argumento muito importante:

Apesar dos muitos cursos de liturgia, de boa qualidade, que fazem refletir sobre a evolução dos temas litúrgicos, na prática não se verifica avanços na mesma proporção. Os bispos fazem “vistas grossas” a muitas situações. A prática pastoral necessita de paciência e tolerância, contudo, isso não significa parar. Muitos padres praticam um “neoritualismo”, isto é, celebram a missa porque é preciso fazer. E aí fica a pergunta: os fiéis acreditam naquilo que os padres fazem?⁴⁸⁰

Este é o perigo, regressar às tipologias pré-conciliares e cair num arqueologismo. Estas práticas revelam insegurança e falta de uma sólida teologia que impulse e faça seguir adiante, no espírito da renovação litúrgica, para explorar suas possibilidades e riquezas. Renovar é muito mais que reformar. Significa mudar o sentido, o modo de compreender e

⁴⁷⁷ CNBB. *Pastoral da música litúrgica no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. p.13 (Documentos da CNBB, 7).

⁴⁷⁸ Cf. SC 115.

⁴⁷⁹ CNBB. *Pastoral da música litúrgica no Brasil*. Op. cit. p.30.

⁴⁸⁰ Marini, Piero. *Liturgia e evangelização*. Disponível em: <http://www.revistadeliturgia.com.br/revista.php?idsecao=3&id_revista=1&secao=true>. Acesso em: 10 agosto 2009, 21:03:15.

interpretar a liturgia; não apenas modificar rubricas ou traduzir textos para o vernáculo. Aqui pode estar o grande equívoco na formação dos padres, entender a revolução copernicana da liturgia como uma reforma simplesmente; uma visão desta natureza minimiza e obscurece todo o trabalho dos padres conciliares.

Contudo, o problema não envolve apenas os padres; vários bispos resistentes à renovação conciliar aceitam e apoiam retrocessos na liturgia ao permitirem que certos grupos de padres e fiéis retornem à liturgia tridentina em suas dioceses. Quando o problema da liturgia envolve bispos, a dificuldade torna-se maior, não pela pessoa dos bispos, mas por ocuparem a estância de maior poder na Igreja e por eles serem os primeiros responsáveis por toda a evangelização em sua circunscrição, ao menos em tese. Nesse caso, o prejuízo pode ser grande, pois se os padres interessados no aprimoramento litúrgico contradisserem as posturas de seu bispo, não se chegaria a lugar nenhum e prejudicaria a unidade no presbitério.

1.1.2.3 – A piedade popular no Brasil e o clero

A missão da Igreja é levar o evangelho da salvação a toda criatura⁴⁸¹; algo que decorre de sua própria natureza. A boa notícia de Jesus⁴⁸² quer chegar ao coração de todos os povos, em obediência ao seu mandato, cuja vontade é ver o Reino de Deus crescer sempre mais em toda a terra⁴⁸³. No cumprimento de sua missão, de ser sacramento de Cristo no mundo, a Igreja, na América Latina, busca aproximar-se dos povos indígenas e afro-americanos para depositar, em sua cultura, as sementes do Evangelho; e busca fazer isso através do anúncio, serviço, diálogo e testemunho em vista de levá-los à comunhão com as comunidades cristãs⁴⁸⁴. O processo de valorização da piedade popular na América Latina

⁴⁸¹ Cf. LG 1.

⁴⁸² Cf. Lc4,16-20.

⁴⁸³ Cf. AG 1; Mt 28,19-20; Mc 16, 15-16.

⁴⁸⁴ Cf. SD 299.

ocorreu por dois fatores: por influxo da teologia da libertação e pela integridade do culto cristão. Nos anos pós-conciliares, ficava cada vez mais claro para os liturgistas que o culto integral da Igreja não se exaure nas formas oficiais, pois existem outras formas de culto que vêm desde o início do cristianismo⁴⁸⁵. Pode-se, então, falar de uma revalorização da piedade popular nas últimas décadas, tanto na América Latina, quanto, especificamente, no Brasil.

Mencionar piedade popular é referir-se também à cultura. Um dos grandes desafios da pastoral é o diálogo com as diversas culturas. Mas, a renovação de toda a Igreja depende em grande parte da colaboração do apostolado dos sacerdotes⁴⁸⁶. Sem isso fica comprometido o processo de inculturação da fé, tema de grande importância à liturgia.

O Concílio compreendeu bem e de forma aberta, a temática da inculturação dentro da liturgia: *A Igreja não deseja impor na liturgia uma forma rígida e única para aquelas coisas que não dizem respeito à fé ou ao bem da comunidade. [...] O que quer que nos costumes dos povos de fato não esteja ligado indissoluvelmente a superstições e erros [...] conserva intacto*⁴⁸⁷. Desse modo, a inculturação da fé procura respeitar aqueles elementos que, em nada, ferem o espírito da fé cristã. Por isso, a inculturação da fé, na liturgia exige um bom preparo do clero, a fim de não se fechar às riquezas culturais presentes em tantas comunidades do Brasil.

Ainda no que tange à formação do clero e dos agentes de pastoral, é preciso dizer que a formação intelectual nossa deixa muito a desejar, principalmente na área da liturgia e da antropologia cultural, ‘matéria-prima’ para a questão de integração e valorização da piedade na liturgia⁴⁸⁸.

O estudo 42 da CNBB destaca esta problemática na pastoral da Igreja, na década de 80, no trabalho com a piedade popular. Sente-se dificuldade em integrar a liturgia da Igreja

⁴⁸⁵ Cf. CHUPUNGO, Anscar J. *Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2004. p.103-104. (Celebrar e viver a fé); SC 12.

⁴⁸⁶ Cf. OT 1.

⁴⁸⁷ SC 37.

⁴⁸⁸ CNBB. *Liturgia, 20 anos de caminhada pós-conciliar...* Op. cit. p.62.

nas diversas culturas do povo. O problema é de natureza formativa, embora outros fatores interfiram; entre eles, a desvalorização das formas litúrgicas extra-oficiais. Os padres ainda não estão preparados para integrar aquilo que a simplicidade do povo cultiva, em termos de piedade popular, com a liturgia da Igreja. Na prática, acontece a supervalorização da piedade popular ou seu desprezo.

Durante certo tempo, a liturgia olhou, do alto, a piedade popular; nela não conseguiu ver os ricos elementos culturais que a alimentavam. Desde o Concílio, vem-se tentando, no Brasil uma aproximação entre liturgia oficial e piedade popular, em vista de fazer desta um lugar de evangelização e encontro com Jesus Cristo para desenvolver um amor e um discipulado amadurecido no seguimento do mestre Jesus⁴⁸⁹.

A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos elaborou um importante *Diretório sobre a Piedade Popular*, em 2003, no qual procurou dar valor à piedade popular na vida da Igreja, bem como oferecer orientações sobre como trabalhar a liturgia e piedade popular.

Na nossa época, o tema da relação entre liturgia e piedade popular deve ser olhado, sobretudo à luz das diretivas propostas pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*, as quais são ordenadas à busca de uma relação harmoniosa entre ambas as expressões de piedade, na qual, porém a segunda seja objetivamente subordinada e destinada à primeira⁴⁹⁰.

A atividade do clero na liturgia é fundamental para estabelecer o intercâmbio entre piedade popular e liturgia oficial. Não é possível que, nos santuários⁴⁹¹, as romarias, procissões e novenas dos santos padroeiros só o povo dê conta de desenvolver uma liturgia

⁴⁸⁹ Cf. CNBB. *Projeto Nacional de evangelização: o Brasil na missão continental: a alegria de ser discípulo missionário*. 2. ed. São Paulo: 2008. p.14-15. (documentos da CNBB, 88).

⁴⁹⁰ DPPL 50; SC 13.

⁴⁹¹ Os santuários são muito importantes no Brasil por serem local onde multidões ouvem a Palavra de Deus e recebem os sacramentos. Isto gera a necessidade de trabalhar uma pastoral nos santuários. Cf. CNBB. *7º plano bienal dos organismos nacionais – 1983/1984*. São Paulo: Paulinas, 1983. p.148. (Documentos da CNBB, 29). Ver também: DWORAK, Frozoni Krzysztof. *Cantos da Igreja da Lapa: a espiritualidade da romaria a partir de benditos populares cantados pelos romeiros do santuário do Bom Jesus da Lapa-BA*. In: COSTA, Valeriano Santo (Org.). *Liturgia...* Op. cit. p.59-86.

inculturada. É necessária a atuação dos padres, pois têm a responsabilidade de orientar e formar o povo na piedade da Igreja. Por isso,

A formação para a vivência litúrgica deverá se constituir numa verdadeira escola de vida, na qual se integram a experiência celebrativa, os conteúdos e a prática pastoral, tendo como desafio preparar agentes para a inculturação da liturgia e qualificados para animar e presidir as ações litúrgicas segundo a índole do povo⁴⁹².

Na verdade, se a formação seminarística não cuidar da valorização da piedade popular, o processo de inculturação ficará sempre para mais tarde. É preciso avançar e fazer a experiência. Se o resultado não for tão positivo, é possível retroceder e reavaliar o processo.

A cultura atual, de tão secularizada e fragmentada, tem a tentação de construir um mundo fechado sobre si mesmo, sem levar em conta o próprio Deus. Se não existe espaço para Deus, também não o há para a liturgia. Numa sociedade complexa e indefinida, nasce a sensibilidade pela estética, pelo cerimonial, pelos sinais externos, festivos e a preocupação com o poder sagrado⁴⁹³.

A formação litúrgica, no Brasil, deve se preocupar com o futuro padre, pois os anos de formação necessitam levar os seminaristas àquela compreensão mais profunda da piedade popular e das diversas culturas em que ela se encontra envolvida. A Igreja não pode ficar indiferente a isso, pois tanto naqueles lugares onde as comunidades cristãs se estabeleceram ou naqueles locais onde elas se encontram em fase de implantação, há elementos a exprimirem a busca de Deus.

Somente uma sólida formação teológico-litúrgica poderá dar conta de filtrar da piedade popular, o que é manifestação folclórica e o que é elemento de fé⁴⁹⁴. É preciso orientar, com segurança, a piedade popular para fazer dela um rico terreno de evangelização e

⁴⁹² PALUDO, Faustino. Formação litúrgica nos seminários. In: SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Orgs.). *Liturgia: um direito do povo*. Op. cit. p.177.

⁴⁹³ Cf. Ibidem. p.178-180.

⁴⁹⁴ Cf. EN 48.

para reafirmar que todas as verdades da fé cristã conduzem ao mistério central, Cristo ressuscitado, vértice e plenitude da revelação. Ele, definitivamente, é o único salvador do gênero humano e sua obra salvífica se perpetua na Igreja através dos tempos⁴⁹⁵ mediante a celebração do Mistério Pascal.

Portanto, cabe à Igreja, levar adiante o processo de renovação e inculturação da liturgia⁴⁹⁶, valorizando os elementos substanciais da piedade popular percebidos nas festas dos santos e, particularmente, da Virgem Maria⁴⁹⁷. Urge alimentar sempre mais um profundo processo de formação cristã para atingir todos os fiéis.

1.2 – À guisa de conclusão

Mesmo com todo o empenho da CNBB, dos liturgistas, faculdades de teologia, periódicos, televisão e rádio, no Brasil, após quarenta anos do Concílio, ainda se ouve muito o clamor por mais formação nas reuniões com lideranças paroquiais e assembleias diocesanas.

O documento 43 da CNBB diz:

É fundamental que os seminaristas familiarizem com o espírito litúrgico e se preparem bem para presidir as celebrações; para isso importa que os diversos aspectos da formação no seminário encontrem expressão privilegiada nas celebrações litúrgicas [...] ⁴⁹⁸.

Esta é a realidade brasileira que, desde o Concílio, vem tentando oferecer uma sólida formação aos padres. Mesmo sabendo que uma liturgia mal preparada e celebrada provoca o afastamento de muitos fiéis da vida eclesial, ainda, assim, a liturgia parece não estar no rol das

⁴⁹⁵ Cf. CNBB. *Testemunhar a fé viva em pureza e unidade*. n.16-17. São Paulo: Paulinas, 1973. p.18. (Documentos da CNBB, 1).

⁴⁹⁶ Cf. CNBB. *Plano bienal de atividades do secretariado nacional: 2006-2007 – Queremos ver Jesus – caminho, verdade e vida – Jo12,21b; 14,6*. São Paulo: Paulinas, 2006. p.99. (Documentos da CNBB, 81).

⁴⁹⁷ Cf. PB 454ss.

⁴⁹⁸ AVL 190

prioridades⁴⁹⁹ da pastoral orgânica, nem na investigação acadêmica, exceto em algumas comunidades paroquiais espalhadas por todo o Brasil. Em nossos dias, em certos lugares, ainda é desafio [...] *a aceitação e aplicação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II*⁵⁰⁰. Esta palavra de Dom Geraldo Lyrio transparece a resistência quanto à litúrgica renovada no Brasil. A tendência ao conservadorismo e o neo-rubricismo tentam se impor e, assim, enfraquecer a força da Constituição litúrgica.

Os padres formadores, nas casas religiosas, têm uma responsabilidade e um compromisso irrenunciável com a Igreja, formar da melhor maneira possível o futuro clero do Brasil, dentro do espírito do Vaticano II, valorizando sobremaneira a renovação e a inculturação da liturgia em vista daquela participação consciente, ativa e frutuosa tão defendida pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*⁵⁰¹.

Portanto, ainda há um longo caminho a percorrer, mas a Igreja latino-americana e a do Brasil podem agradecer, também, porque muitas conquistas já foram feitas. O Documento de Aparecida, com todos os seus limites do ponto de vista litúrgico, destaca a valorização da piedade popular, especialmente a piedade eucarística e a mariana em processo de crescimento. Por outro lado, também, há esforços significativos para realizar a inculturação litúrgica no meio dos povos indígenas e afro-americanos⁵⁰². Sonhos não faltam, nem lutas a serem travadas para uma liturgia mais viva e pascal.

⁴⁹⁹ Cf. DP 901.

⁵⁰⁰ ROCHA, Geraldo Lírio. Seminário nacional em comemoração o 40º aniversário da *Sacrosanctum Concilium*. In. CNBB. *Seminário nacional em comemoração ao 40º aniversário da Sacrosanctum Concilium*. Brasília: CNBB, 2003. (Dimensão Litúrgica da CNBB).

⁵⁰¹ Cf. SC 11.14.

⁵⁰² Cf. DA 99b.

CONCLUSÃO GERAL

A celebração do Mistério Pascal, a cada semana⁵⁰³ é um direito e um dever dos fiéis os quais decorrem de seu estado batismal⁵⁰⁴. Mas para uma participação plena, consciente, ativa e frutuosa na liturgia, os padres e os fiéis precisam ser bem preparados para concretizarem aquilo que a própria natureza da liturgia exige.

Esta pesquisa centrou suas reflexões na formação litúrgica do clero brasileiro, em virtude da responsabilidade que seu ministério possui dentro da vida eclesial e no compromisso de levar o povo de Deus a descobrir, na liturgia, a fonte primordial da sua espiritualidade cristã, não excluindo os exercícios de piedade tão valorizados no Brasil. Este projeto é possível se forem levados em conta certos elementos fundamentais no processo formativo do clero: sólida teologia, espiritualidade profunda, estudo e meditação das Escrituras, eclesiologia de comunhão, boa relação com a comunidade pastoral e a inculturação.

O tema da formação litúrgica, por trás de uma aparente simplicidade, esconde questões complexas. Um primeiro aspecto é o da teologia. Uma evangelização que responda às necessidades dos novos tempos⁵⁰⁵ não se processa eficazmente sem que o presbítero tenha segurança e solidez teológica. Um bom preparo nos conteúdos da fé dá condições para o clero poder compreender melhor o sentido e a profundidade da liturgia da Igreja e poder ensiná-la ao povo.

A teologia conduz o presbítero para os estudos da Escritura na qual encontrará as razões de sua esperança e os argumentos para a defesa da própria fé⁵⁰⁶. A intimidade com a Palavra de Deus conduz o clero a uma vida de maior intimidade com o mistério de Cristo e

⁵⁰³ Cf. DD 1.

⁵⁰⁴ Cf. SC 14.

⁵⁰⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero: mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*. 1999. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1999. p.13. (A voz do papa, 176).

⁵⁰⁶ Cf. 1Pd 3,15.

seu Evangelho. Parte essencial da liturgia, a Escritura, necessariamente, precisa estar na vida do padre e nas suas orações cotidianas, de modo que, ao ser visto seja reconhecido como ministro de Deus, o seja, de fato, na vida e no culto litúrgico. A busca de um conhecimento mais profundo dos textos escriturísticos o conduzirá a uma vida de profunda intimidade com Deus. Esta experiência enriquece a liturgia, pois a vida e o testemunho desta relação íntima com a Palavra transparecem, claramente, na homilia e na vida do presbítero. Desse modo, o testemunho dos padres será um argumento irrefutável da necessidade de ouvir, meditar, estudar e rezar com a Palavra de Deus na liturgia⁵⁰⁷. Esta é uma experiência fundamental, pois o ser e o agir do padre são realidades teologicamente inseparáveis e tem como objetivo o desenvolvimento da missão da Igreja⁵⁰⁸. Com isso, a formação teológica e bíblica do padre influi diretamente na sua forma de celebrar e no modo como se relaciona com a assembleia levando-a a participar ativamente nas ações litúrgicas. A formação intelectual é uma exigência da própria natureza do mistério ordenado⁵⁰⁹.

Em sua formação litúrgica, o clero brasileiro deve perceber que sua vida espiritual é fruto de uma vida essencialmente sacramental⁵¹⁰, de uma escuta atenta e perseverante da Sagrada Escritura⁵¹¹ e da oração com a Liturgia das Horas⁵¹².

Fomentar a participação ativa da assembleia exige do ministro ordenado a experiência de se sentir amado por Deus⁵¹³, de ser envolvido existencialmente pela graça divina, de modo que a vida revele os sinais visíveis da presença de Deus na pessoa do padre.

⁵⁰⁷ Cf. SC 16.

⁵⁰⁸ Cf. PDV 70.

⁵⁰⁹ Cf. PDV 51.

⁵¹⁰ Cf. CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008. p.119. (Liturgia fundamental).

⁵¹¹ Não se pode amar a oração sem o estudo das Sagradas Escrituras. Como se pode notar há um íntima relação entre a Palavra de Deus a oração na vida cristã. Cf. SANTAGADA, Osvaldo D. *Presbíteros para América Latina*. Bogotá: Arte-Publicaciones, 1986. p.72. (OSLAM, 2).

⁵¹² A liturgia das Horas é o prolongamento do mistério pascal de Cristo celebrado na eucaristia. O padre, pela fidelidade à oração com a Liturgia das Horas, demonstra seu desejo incessante de estar com o Cristo durante toda sua vida e nele permanecer definitivamente. Cf. SANTOS, Valeriano Santos. *Liturgia das horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*. São Paulo: Paulinas, 2005. p.9.

⁵¹³ Cf. GALILEA, Segundo. *As raízes da espiritualidade latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1984. p.31-34. (Procura e encontro).

Mas a participação consciente e ativa do povo, na liturgia, depende, também, da visão eclesiológica do clero; sua formação deve incutir uma eclesiologia de comunhão e participação, capaz de valorizar, na justa medida, o sacerdócio ordenado e o sacerdócio comum dos fiéis. Numa eclesiologia de comunhão, o clero tem condições de se abrir para reconhecer e incentivar o serviço dos vários ministérios na Igreja⁵¹⁴. Especialmente a liturgia, que engloba vários ministérios, terá condições de causar um verdadeiro gosto de participação ativa nos fiéis. Num horizonte eclesiológico, a partir do Vaticano II, a reforma litúrgica significa renovar a consciência de Igreja na pessoa dos padres. Este é o critério para julgar o fracasso ou o sucesso da liturgia. Sem ser formado para esta abertura, aumentam as dificuldades para despertar, nos fiéis, o verdadeiro espírito de renovação litúrgica.

Entre os elementos importantes da formação do clero está a qualidade da relação com os fiéis nas paróquias. A relação humana é tão decisiva que pode criar um clima de abertura, proximidade e acolhida ou, do contrário, causar frieza e distanciamento. Certamente a celebração litúrgica, para ser frutuosa, deve contar com a psicologia de uma boa relação dos fiéis entre si e deles com os clérigos. Mas este aspecto pode ser secundário à medida que toda a comunidade eclesial estiver imbuída do espírito e da força da liturgia⁵¹⁵.

A formação litúrgica dos padres precisa contemplar uma dimensão pastoral. A Constituição, com muita propriedade, realça a liturgia enquanto cume para o qual tende toda a ação da Igreja e fonte de onde emana toda sua força⁵¹⁶. Existe uma relação intrínseca e inseparável entre a pastoral e a liturgia. Por isso, a participação ativa e frutuosa de toda comunidade eclesial está implicada neste dinamismo.

Por outro lado, a inculturação⁵¹⁷ da liturgia é um fator importante que ajuda a acontecer o espírito da renovação litúrgica, no Brasil, país com uma piedade popular rica de

⁵¹⁴ Cf. EV 73.

⁵¹⁵ Cf. SC 14.

⁵¹⁶ Cf. SC 10.

⁵¹⁷ Cf. AVLB 161-183.

simbolismo e conteúdos que deve ser orientada para a liturgia da Igreja. Aqui está uma veio importante para se trabalhar a participação ativa do povo. Mas, para isso, os padres precisam estar bem preparados para um trabalho consistente que dê frutos.

Portanto, como se viu até aqui, a formação litúrgica do clero não está restrita aos conteúdos; sua complexidade envolve outras muitas questões que, juntas, podem modificar uma prática pastoral ou manter modelos antigos da liturgia. A Igreja nunca pode renunciar à sua missão de ser sinal de salvação no mundo, por isso, deve sempre mais se comprometer com a formação dos padres para que estes consigam captar o verdadeiro espírito da renovação litúrgica e não se fixem apenas nos aspectos externos da reforma da liturgia, sob pena de colocarem em prejuízo as riquezas originadas no Concílio para a vida da Igreja. O tema desta dissertação permanece aberto à novas investigações que apontem outros caminhos que ajudem a solucionar o problema tão intrigante da formação litúrgica do clero no momento atual da Igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) FONTES PRIMÁRIAS

1. Fonte bíblica

BÍBLIA: *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. 4. Impressão. São Paulo: Paulus, 2006.

2. Fontes do Magistério Universal da Igreja

a) Concílio Vaticano II

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. Constituição sobre a Liturgia da Igreja. 1963. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Christus Dominus*. Decreto sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. 1965. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Dei Verbum*. Constituição Dogmática sobre a revelação divina. 1965. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja. 1964. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. 1965. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Ad Gentes*. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. 1965. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Presbyterorum Ordinis*. Decreto sobre o ministério e a vida dos presbíteros. 1965. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Perfectae Caritatis*. Decreto sobre a atualização dos religiosos. 1965. In: VIER, Frederico (Coord.). Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Opus Dei*. Decreto sobre a formação sacerdotal. 1965. In: VIER, Frederico (Coord.). Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

b) Papas

BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 2007. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

JOÃO PAULO II. *Catechesi Tradendae*. Exortação Apostólica sobre a catequese no nosso tempo. 1979. Petrópolis: Vozes, 1984. (Documentos pontifícios, 191).

_____. *Instrução sobre a formação litúrgica nos seminários* - 1979. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. (A voz do papa, 95).

_____. *Vicesimus Quintus Annus*. Carta Apostólica sobre a liturgia: 25º aniversário da Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium. 1988. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988.

_____. *Christifideles Laici*. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e o mundo. 1988. São Paulo: Paulinas, 1989. (A voz do papa, 119).

_____. *Pastores Dabo Vobis*. Exortação Apostólica sobre a formação dos sacerdotes. 1992. São Paulo: Paulinas, 1992. (A voz do papa, 128).

_____. *Dies Domini*. Carta Apostólica sobre a santificação do domingo. 1998. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1998. (A voz do papa, 158).

PAULO VI. La liturgia momento di educazione alla fede. *Notitiae*, Vaticano, v.13, n.1-4, p.147-1152, [martii] 1977.

_____. *Evangelii Nuntiandi*. Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 1976. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. (A Voz do Papa, 85)

PIO X. *E Supremi Apostolatus*. Carta Encíclica sobre a Restauração de tudo em Cristo. 1903. In: DOCUMENTOS de Pio X e de Bento XV. São Paulo: Paulus, 2002. (Documentos da Igreja).

PIO X. *Tra Le Sollecitudini*. Motu Próprio sobre a música sacra. 1903. In: DOCUMENTOS sobre música LITÚRGICA. São Paulo: Paulus, 2005. (Documentos da Igreja).

PIO XII. Mediator Dei – Sobre a sagrada liturgia. *Acta Apostolicae Sedis*, v.39, n.14, p.522, [dezembris] 1947.

c) Dicastérios

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero: mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1999. (A voz do papa, 176).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre piedade popular e liturgia: princípios e orientações*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos da Igreja, 12).

CONSILIUM. *Inter Oecumenici*. Instrução sobre a correta aplicação da Constituição sobre a sagrada liturgia *Sacrosanctum Concilium*, 1964. In: SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Enquirídio dos documentos da reforma litúrgica (EDREL)*. Fátima: Gráfica de Coimbra, 1998.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Liturgia das horas: Instrução geral sobre a oração do povo de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1971.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos para executar retamente a Constituição conciliar da Sagrada Liturgia*. 1964. São Paulo: Paulinas, 1965. (A voz do papa, 159).

3. Documentos do CELAM

CELAM. *Conclusões de Medellín*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1987. (Sal da terra, 7).

_____. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Santo Domingo, conclusões*. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 3. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus; São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Manual de liturgia: a celebração do mistério pascal, introdução à celebração litúrgica*. v.1. São Paulo: Paulus, 2004.

4. Documentos da CNBB

CNBB. *Testemunhar a fé viva em pureza e unidade*. São Paulo: Paulinas, 1973. (Documentos da CNBB, 1).

_____. *Pastoral da música litúrgica no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, 7).

_____. *Catequese Renovada: orientações e conteúdos*. 23. ed. São Paulo: Paulinas, 1983. (Documentos da CNBB, 26).

_____. *7º plano bienal dos organismos nacionais – 1983/1984*. São Paulo: Paulinas, 1983. p.148. (Documentos da CNBB, 29).

_____. *Animação da vida litúrgica no Brasil: elementos de pastoral litúrgica*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 1989. (Documentos da CNBB, 43).

_____. *Formação dos presbíteros do Brasil: diretrizes básicas*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos da CNBB, 55).

_____. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. (Documentos da CNBB, 62).

_____. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil: cadernos da CNBB, n.1 – 1963*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. (Documentos da CNBB, 76).

_____. *Plano bienal de atividades do secretariado nacional: 2006-2007 – Queremos ver Jesus – caminho, verdade e vida – Jo12,21b; 14,6*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, 81).

_____. *Projeto Nacional de evangelização: o Brasil na missão continental: a alegria de ser discípulo missionário*. 2. ed. São Paulo: 2008. (documentos da CNBB, 88).

_____. *Celebrar e crescer na fé: catequese e liturgia*. Brasília: CNBB, 2008. (Catequese à luz do Diretório Nacional de Catequese)

_____. *Diretório da liturgia e da organização da Igreja no Brasil: 2009 – Ano B – São Marcos*. Brasília: CNBB, 2008.

_____. *Seminário nacional em comemoração ao 40º aniversário da Sacrosanctum Concilium*. Brasília: CNBB. 2003. (Dimensão Litúrgica da CNBB).

_____. *Liturgia: 20 anos de caminhada pós-conciliar*. São Paulo: Paulinas, 1986. (Estudos da CNBB, 42).

5. Documentos de diocese

LEME, Sebastião. *Carta Pastoral*. Petrópolis: vozes, 1916.

TRINDADE, Henrique Golland. *Não nos iludamos e trabalhemos – Quarta pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1949.

_____. *A diocese somos nós, são as almas: pelo seu cinquentenário – Sétima pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1958.

VILAS-BOAS, Mário de Miranda. *1ª Carta Pastoral*. Bahia: Salesiana, 1938.

6. Livros

ADÃO, Alex José. *História do Centro de Liturgia e suas contribuições para a Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2008. (Cadernos de liturgia, 14).

ANDRÉS AZCÁRETE, P. *La flor de la liturgia*. 6. ed. Buenos Aires: Bushi, 1951.

ANTONIO ABAD, José; GARRIDO, Manuel. *Iniciación a la liturgia de la Iglesia*. 4. ed. Madrid: Palabra, 2007. (Colección Pelicano).

BARAÚNA, Guilherme. *A sagrada liturgia renovada pelo concílio: estudos e comentários em torno da Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*. Petrópolis: Vozes, 1964.

BASURKO, Xabier. *Historia de la liturgia*. Barcelona: CPL, 2006. (Biblioteca Litúrgica, 28).

BEAUDUIN, Lambert. *La piété de l'église: principes et faits*. Belgique: Brux. Vromant & C°, 1914.

BERNAL, José Manuel. *Celebrar, un reto apasionante: bases para uma compreensão de la liturgia*. San Esteben: Edibesa, 2000. (Horizonte dos mil – textos y monografías).

BONAÑO GARRIDO, Manuel. *Grandes maestros y promotores del movimiento litúrgico*. Madrid: BAC, 2008. (Estudios y ensayos – historia, 114).

BOROBIO, Dionisio (Dir.). *La celebración en la iglesia: liturgia y sacramentalogía fundamental*. v.1. 6. ed. Salamanca: Sígueme, 2006. (Lux mundi, 57).

_____. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

BOTTE, Bernard. *O movimento litúrgico: testemunhos e recordações*. São Paulo: Paulinas, 1978.

BROUARD, Maurice (Org.). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.

BRUSTOLIN, L. A.; LELO, A. F. *Caminho de fé: itinerário de preparação para o batismo de adultos e para a confirmação e eucaristia de adultos batizados – livro do catequista*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

BUGNINI, Annibale. *La reforma de la liturgia (1948-1975)*. Madrid: BAC, 1997.

CASEL, Odo. *Il mistero del culto cristiano*. Roma: Borla, 1959.

CASTELLANO, Jesús. *Liturgia e vida espiritual: teologia, celebração, experiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CHUPUNGCO, Anscar J. *Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Celebrar e viver a fé).

_____. *Liturgias do futuro: processos e métodos de inculturação*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Liturgia e teologia).

CNP. *Presbíteros do Brasil construído: instrumentos preparatórios aos encontros nacionais de presbíteros*. São Paulo: Paulus, 2001.

CORBON, Jean. *A fonte da liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Dessedentar 1).

COSTA, Valeriano dos Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. *Liturgia: peregrinação ao coração do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *Liturgia das horas: celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COURS & CONFÉRENCES DES SEMAINES LITURGIQUES. v.2. Cinquème. Louvain: [?], 1913.

DÍAZ MUÑOZ, Guilherma. *Teología del misterio en Zubiri*. Barcelona: Herder, 2008.

GALILEA, Segundo. *As raízes da espiritualidade latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Procura e encontro).

GOMÁ Y TOMÁS, Isidro. *El valor educativo de la liturgia catolica*. Barcelona: Casulleras, 1954.

GONZÁLEZ, Ramiro. *Piedade popular e liturgia*. São Paulo: Loyola, 2007.

GUARDINI, Romano. *L'espirit de la liturgie*. Paris: Plon, 1930.

_____. *Formazione liturgica*. Brescia: Morcelliana, 2008.

ISNARD, José Carlos Clemente. *Dom Martinho: vida e obra do grande abade do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro e iniciador do movimento litúrgico no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1999.

JAVIER FLORES, Juan. *Introducción a la teología litúrgica*. Barcelona: CPL, 2003. (Biblioteca litúrgica, 20).

LERCARO, Giacomo. *A reforma litúrgica, resultados e perspectivas: circular do cardeal Giácomo Lercaro, presidente do "Consilium" para a aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1967. (A voz do papa, 55).

LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. (Teológica, 14).

LÓPEZ MARTÍN, Julián. *No espírito e na verdade: introdução antropológica à liturgia*. v.2. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MALDONADO, Luis. *A homilia: pregação, liturgia, comunidade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

NEUNHEUSER, Burkhard. et al. *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Anámnese, 1).

NEUNHEUSER, Burkhard. *Historia da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007.

PARISSE, Luciano. *A liturgia e o homem*. Petrópolis: Vozes, 1967. (Formação litúrgica, 3).

PARSCH, Pius. *No mistério de Cristo: ciclo temporal do calendário litúrgico*. v.1. 3. ed. Bahia: Tipografia Beneditina, 1953.

PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*. São Paulo: Paulinas, 2008.

PONTIFICAL Romano: Tradução portuguesa para o Brasil das edições típicas. 2. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2004.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: de Spinoza a Kant*. v.4. São Paulo: Paulus, 2005.

RITUAL da iniciação cristã de adultos. 1973. São Paulo: Paulus, 2001.

ROSSEAU, Oliver. *Histoire du mouvement liturgique*. Paris: Du Cerf, 1945. (Lex orandi).

SANTAGADA, Osvaldo D. *Presbíteros para América Latina*. Bogotá: Arte-Publicaciones, 1986. (OSLAM, 2).

SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Anchile M. (Orgs.) *Dicionário de liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA SANTOS, Guanair da; PIERRI PRIMO, Manoel de; SOUZA FILHO, Pedro Vilson Alves de. *A implantação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II no Brasil: descrição de Dom Clemente Isnard - bispo de Nova Friburgo*. São Paulo: Paulus, 2003. (Cadernos de liturgia, 10).

SILVA, José Arioaldo da. *O movimento litúrgico no Brasil: estudo histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Orgs.). *Liturgia: um direito do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SIVINSKI, Marcelino; SILVA, J. Ariovaldo da. (Orgs.). *Liturgia no coração da vida: comemorando a vida e o ministério litúrgico de Ione Buyst*. São Paulo: Paulus, 2006.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

B) FONTES SECUNDÁRIAS

Periódicos

AGNELO, Geraldo Magela. A beleza na liturgia: discreto e humilde reflexo da beleza de Deus. *Communio*, Rio de Janeiro, v.27, n.4, pp.945-952 [outubro/dezembro] 2008.

BERGEN, P. Van. Le mouvement liturgique. *Paroisse et liturgie*, Bruges, Année. 47, n.1, p.93 [janvier] 1965.

COSTA, Valeriano dos Santos. Resgate da mística na liturgia a partir do Concílio Vaticano II. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v.17, n. 68, p.90-127, [julho/dezembro] 2009.

DONCOEUR, Paul. Retorno à liturgia viva da missa. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. [?], n.3, p.213-224, [março] 1938.

ESTEVES, Rodrigo Tomaz; CARDOSO, Lésio Lima. Mistério, graça e conversão - Entrevista com Alberto Beckäuser. *Diretrizes*, Caratinga-MG, v.50, n.802, p.21-30, [julho] 2008.

GRILLO, Andrea. De la reforma necesaria a la reforma no suficiente: el movimiento litúrgico como “efecto” del Concilio Vaticano II? *Phase*, Barcelona, v.47, n.282, p.493-509, [noviembre-diciembre] 2007.

GY, Pierre Marie. La formation liturgique et la participation active. *La Maison-Dieu*, Paris. n.77, p.19-45, [janvier, février, mars] 1964.

ISNARD, Clemente José Carlos. O papel de Dom Martinho Michler no movimento católico brasileiro. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.36, Ano 26, n.12, p.535-546, [dezembro] 1946.

_____. A constituição “De Sacra Liturgia”. *REB*, v.23, n.4, p.865-870, [dezembro] 1963.

LIBANIO, João Batista. A trinta anos do encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 27, n.73, p.297-332, [setembro/outubro] 1995.

JOUNEL, Pierre. Le missel, livre de formation spirituelle du laïc. *La Maison-Dieu* (Revue de Pastorale Liturgique), Paris, n.73, p.95-105 [janvier, février, mars]1963.

KELLER, Thomaz. A liturgia. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.13, n.41-42, p.658-661, [setembro/outubro] 1933.

LIMA, Alceu Amoroso. Hitler e Guardini. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.36, Ano 26, n.12, p.546-551, [dezembro] 1946.

LIVROS. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v.24, n. [?], p.90, [setembro] 1940.

MANCINI, F. La riforma della liturgia è una grande conquista della chiesa. *Rivista Liturgica*, Padova, Anno. 62, n.1, p.140-142, [gennaio/febbraio] 1975.

MARINI, Piero. Liturgia e beleza. *Revista de liturgia*, São Paulo, v.36, n.215, p.26-28, [setembro/outubro] 2009.

NEUNHEUSER, Burkhard. Il mistero Pasquale “culmen et fons” dell’anno litúrgico. *Rivista Liturgica*, Torino, Anno 62, n.2, p.151-174, [marzo/aprile] 1975.

RAU, E. A reforma litúrgica na América Latina. *Concilium*, São Paulo, n.2, p.127-129, [fevereiro] 1966.

RIBEIRO, Fábio Alves. Martinho Michler e um testemunho. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 36. Ano 26, n.12, p.29-32, [dezembro] 1946.

RUBERT, Hélio Adelar. Formação litúrgica em todos os níveis. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v.16, n.94, p.111-112, [julho/agosto] 1989.

SILVA, Belchior Cornélio da. No centenário de São Vicente: sua luta contra o jansenismo. *REB*, Petrópolis, v.20, f.1, p.3-28, [março] 1960.

ZELLER, Lourenço. O movimento litúrgico. *REB*, Petrópolis, v.2, f.4, p.851-873, [dezembro] 1942.

C) FONTES AUXILIARES

Internet

BUYST, Ione. *Formação litúrgica integral*. Disponível em: <<http://www.asli.com.br/artigo03.htm>>. Acesso em: 22 julho 2009, 21:20:49.

Marini, Piero. *Liturgia e evangelização*. Disponível em:
 <http://www.revistadeliturgia.com.br/revista.php?idsecao=3&id_revista=1&secao=true>.
 Acesso em: 10 agosto 2009, 21:03:15.

SILVA, José Arioaldo da. *Sacrosanctum Concilium e reforma litúrgica pós-conciliar no Brasil*: um olhar panorâmico no contexto histórico geral da liturgia: dificuldades, realizações, desafios. Disponível em:
 <<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=6&fasciculoid=73&sumarioid=1149>>. Acesso em: 05 agosto 2009, 09:28:56.

SACRA CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CATTOLICA. *In Ecclesiasticam Futurorum*: Instruzione sulla formazione liturgica nei seminari. Disponível em:
http://www.celebrare.it/documenti/in_ecclesia/IN%20ECCLESIASTICAM%20FUTURORUM.htm Acesso em: em 24 setembro de 2009. 23:47:45.